



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

ANDRÉA APARECIDA RODRIGUES

**Violência Simbólica: Uma barreira para
os Direitos Humanos**

**BRASÍLIA
2024**

Ano do depósito: 2024

ANDRÉA APARECIDA RODRIGUES

Violência Simbólica: Uma barreira para os Direitos Humanos

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania do CEAM da Universidade de Brasília como parte integrante dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Direitos Humanos. Área de concentração: Educação em e para os Direitos Humanos e Cidadania.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Demo

**Brasília/DF
2024**

ANDRÉA APARECIDA RODRIGUES

VIOLÊNCIA SIMBÓLICA: UMA BARREIRA PARA OS DIREITOS HUMANOS

UMA ANÁLISE SOBRE A MANUTENÇÃO DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NA REDE DE ENSINO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL

Dissertação para defesa apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania do CEAM da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Direitos Humanos e Cidadania. Área de concentração: Educação em e para os Direitos Humanos e Cidadania.

Defendida e aprovada em: 29 de maio de 2024.

Banca examinadora formada pelos professores:

Prof. Dr. Pedro Demo - UNB

Presidente

Profª. Dra. Doriana Daroit - UNB

Membro Efetivo

Prof. Dr. Ricardo Spindola Mariz- Rede Marista Brasil

Membro Externo

Profª. Dra. Elen Geraldês - UNB

Membro Suplente

DEDICATÓRIA

Ao finalizar esta jornada acadêmica não posso deixar de reconhecer o papel fundamental que minha mãe tem em minha vida e na realização deste sonho. Esta dedicatória é uma forma singela de expressar minha gratidão e reconhecimento por todo o apoio, orientação e amor incondicional que ela sempre me proporcionou ao longo de minha jornada acadêmica e pessoal.

Minha mãe sempre foi a minha maior incentivadora e foi ela quem plantou em mim a semente da busca pelo conhecimento e da superação de desafios. Ela me ensinou desde cedo a importância da educação e do esforço para alcançar meus objetivos, e por isso lhe dedico esta conquista como prova de que seu ensinamento e dedicação valeram a pena. Sei que sem o seu apoio e encorajamento, não teria chegado até aqui, e por isso esta conquista é também sua, mãe, pois sem você ao meu lado, nada disso seria possível.

Minha mãe é meu exemplo de força, determinação e amor incondicional. Ela sempre se dedicou a cuidar de minha família e a me apoiar em todas as minhas escolhas, sempre com um sorriso no rosto e palavras de incentivo no coração. Esta dedicatória é um simples gesto, mas carrega em si toda a minha gratidão e amor por minha mãe, que sempre foi meu pilar, minha inspiração e minha maior aliada.

Por tudo que minha mãe fez por mim, por seu amor incondicional, por seu apoio inabalável e por sua presença constante em minha vida, dedico este Mestrado a ela, como forma de reconhecer e agradecer por tudo que ela fez por mim. Sei que sem ela ao meu lado, não teria chegado até aqui, e por isso esta conquista é também sua, mãe, pois seu amor e dedicação foram fundamentais em minha jornada acadêmica e pessoal.

AGRADECIMENTOS

Ao longo de minha jornada acadêmica na pós-graduação/mestrado, tive o privilégio de trabalhar e aprender com uma infinidade de pessoas brilhantes que ajudaram a moldar minha pesquisa de maneiras que eu nunca poderia ter imaginado. Sou verdadeiramente grata às pessoas que encontrei ao longo do caminho, pois elas forneceram informações, feedback e apoio inestimáveis que foram fundamentais para o desenvolvimento da minha pesquisa.

A pesquisa é a pedra angular da academia, impulsionando o avanço do conhecimento e do pensamento crítico. Minha experiência com pesquisa tem sido desafiadora e enriquecedora. Estou repleta de um profundo sentimento de gratidão pela oportunidade de me envolver nesta jornada acadêmica e pelo apoio e orientação que recebi ao longo do caminho.

Em primeiro lugar, gostaria de expressar minha sincera gratidão ao meu orientador pelo apoio e orientação inabaláveis durante todo o processo de pesquisa. Seus conhecimentos e insights foram inestimáveis para moldar minha pesquisa e me ajudaram a navegar pelas complexidades da investigação acadêmica. Estou verdadeiramente grata pela sua dedicação e compromisso com o meu sucesso.

Além disso, sou grata aos meus colegas de pós-graduação por sua parceria, estímulo intelectual, e apoio moral. Participar de discussões e debates com meus colegas ampliou minha perspectiva e aprofundou minha compreensão de questões complexas. Estou grata pelo sentido de comunidade e colaboração que enriqueceu a minha experiência de investigação e a tornou mais gratificante.

Gostaria também de agradecer o apoio dos meus amigos e familiares, cujo incentivo e compreensão têm sido uma grande ajuda, fonte de força e motivação ao longo de minha jornada de pesquisa. A sua crença inabalável em mim estimulou-me em momentos de dúvida e incerteza, e sou profundamente grata pelo seu amor e apoio.

Sou grata pelos participantes e partes interessadas que generosamente compartilharam seu tempo, conhecimento e experiências comigo. A sua vontade de dialogar e contribuir para a minha investigação tem sido crucial para fundamentar o meu trabalho em contextos do mundo real e garantir a sua relevância e aplicabilidade às comunidades que pretendo servir.

Sou grata aos professores e especialistas em minha área que generosamente compartilharam seus conhecimentos e recursos comigo. Suas recomendações e críticas foram indispensáveis para definir a direção e o escopo da minha pesquisa, bem como para ampliar minha compreensão do cenário acadêmico mais amplo e das implicações do meu trabalho. Suas avaliações completas e comentários construtivos me levaram a refinar meus argumentos, fortalecer minhas metodologias e comunicar minhas descobertas de forma mais eficaz, levando a estudos mais polidos e impactantes.

Concluindo, estou verdadeiramente grata pela diversidade e pessoas talentosas que se cruzaram comigo durante minha jornada de pesquisa na pós-graduação/mestrado. Suas contribuições coletivas, apoio enriqueceram minha experiência acadêmica, ampliaram meus horizontes intelectuais e melhoraram a qualidade e o impacto de minha pesquisa. Estou ansiosa para continuar a colaborar e aprender com essas pessoas incríveis à medida que progrido em minhas atividades acadêmicas e profissionais, e estou confiante de que a influência delas continuará a moldar e inspirar meus empreendimentos futuros.

Deus é bom o tempo todo, o tempo todo Deus é bom.

Salmo 107

“A maior recompensa para o homem não é o que ele ganha com isso, mas o que ele se torna com isso.”

John Ruskin

Resumo: A pesquisa versa sobre a compreensão do conceito de violência simbólica - inaugurado pelo sociólogo Pierre Bourdieu - em contextos escolares. Em especial, a pesquisa está orientada à compreensão da conduta de professores do Distrito Federal em sala de aula no que se refere à aplicação ou não da abordagem dos direitos humanos em suas atuações. Nesse sentido, justifica-se a pesquisa conceituando o que se entende por violência simbólica e suas consequências para estudantes em contextos educacionais, principalmente em escolas públicas e quando se trata de estudantes atravessados por diferentes marcadores sociais da diferença que os tornam mais vulnerabilizados. Diante do exposto e do olhar para a hierarquia entre professores e alunos, a pesquisadora se baseia na metodologia qualitativa para entender um cenário específico de uma escola do Distrito Federal.

Palavras-chave: educação, violência simbólica, direitos humanos.

Abstract: The research focuses on understanding the concept of symbolic violence - inaugurated by sociologist Pierre Bordieu - in school contexts. In particular, the research is oriented towards understanding the conduct of teachers in the Federal District in the classroom with regard to whether or not they apply the human rights approach in their actions. In this sense, research is justified by conceptualizing what is meant by symbolic violence and its consequences for students in educational contexts, mainly in public schools and when it comes to students crossed by different social markers of difference that make them more vulnerable. Given the above and looking at the hierarchy between teachers and students, the researcher relies on qualitative methodology to understand a specific scenario of a school in the Federal District.

Keywords: education, symbolic violence, human rights.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11

Entre o Céu e o Inferno na escola

1ª PARTE 16

1. CAPÍTULO 1- Conhecendo o objeto de pesquisa: A violência simbólica

- 1.1 Afinal, o que é Violência Simbólica?
- 1.2 Objetivos e hipóteses

2. CAPÍTULO 2 - Fundamentação Teórica

- 2.1 Michel Serres e os Polegarzinhos do Século XXI
- 2.2 Contribuições da Teoria de Pierre Bourdieu para a compreensão da Violência Simbólica na Educação
- 2.3 Corpos docilizados, corpos dominados na teoria de Michel Foucault

2ª PARTE 42

3. CAPÍTULO 3 - Percurso Metodológico

- 3.1 O pontapé inicial da pesquisa
- 3.2 População e amostra a ser pesquisada - caracterização do campo de pesquisa
- 3.3 Coleta de dados na pesquisa qualitativa
- 3.4 Percepção dos entrevistados sobre a prática da violência simbólica na escola
- 3.5 Violência simbólica no Regimento Escolar Interno
- 3.6 Elaborando um Regimento Escolar Interno e Inclusivo (Quase uma receita de bolo)

4. O que os profissionais da escola conhecem acerca de educação em e para os Direitos Humanos

4.1 Caracterização do corpo docente da unidade escolar, algumas descrições.

Descrição 1: A professora diferente, Anne Frank

Descrição 2: Grupo do cancelamento

Descrição 3: Virginia Woolf e o medo de ser cancelada

Descrição 4: Harry Potter e Lord Voldemort

5. Apresentação dos resultados da coleta de dados e análise dos dados coletados

5.1 Entrevista com os profissionais da escola

5.2 Entrevista com os estudantes

3ª PARTE 110

6. CONCLUSÃO? Não! Mas o início de muitas considerações!

6.1 Escola pública, um espaço privilegiado para a criação de uma educação fascista bem diante do nosso nariz.

6.2 Movimento estudantil, uma possibilidade viável

6.3 Caminhando para uma possível conclusão (ou não)

7. BIBLIOGRAFIA 146

INTRODUÇÃO

ENTRE O CÉU E O INFERNO NA ESCOLA

A escola é um espaço onde se desdobram os destinos individuais e se molda o futuro da sociedade. Nesse ambiente complexo e multifacetado, vivenciamos uma constante dualidade entre o céu e o inferno. De um lado, temos a possibilidade de alcançar o conhecimento divino e o aprimoramento das habilidades intelectuais. De outro, enfrentamos os desafios e dificuldades que podem transformar a educação em uma experiência infernal.

A educação há muito é considerada uma porta de entrada para o futuro, moldando indivíduos e sociedades. No âmbito educacional, muitas vezes testemunhamos um equilíbrio delicado entre experiências positivas (que lembram o paraíso) e situações desafiadoras (que lembram o inferno). A educação serve como pedra angular para o desenvolvimento pessoal e avanço social. As escolas, de muitas maneiras, simbolizam a entrada em um reino onde o conhecimento, a inspiração e o crescimento se entrelaçam. É neste contexto que surge a dicotomia entre o céu e o inferno, uma vez que as escolas têm o potencial de promover um ambiente estimulante e esclarecedor ou de se tornarem um terreno fértil para a frustração e a desilusão.

No céu da escola, encontramos o conhecimento como sua divindade máxima. A sala de aula é um lugar de revelação, onde os professores conduzem seus discípulos através das fronteiras do entendimento e do aprendizado. O contato com ideias brilhantes e teorias transcendentais nos eleva a patamares intelectuais nunca antes alcançados. As experiências educacionais que são guiadas pela excelência pedagógica levam-nos a um mundo de deslumbramento, onde descobrimos a beleza da ciência, da literatura, das artes e de tantas outras disciplinas capazes de transformar nossas vidas.

A desigualdade dentro do sistema educacional é outra questão urgente que influencia a natureza celestial ou infernal das escolas. As disparidades socioeconômicas, as desigualdades raciais e o acesso limitado aos recursos podem ter um impacto significativo no sucesso dos alunos. Para colmatar esta divisão, os decisores políticos, as instituições educativas e as comunidades em geral devem colaborar para estabelecer oportunidades justas e inclusivas para todos os alunos.

Contudo, mesmo no céu da escola, podem surgir nuvens tempestuosas. Os desafios acadêmicos ao longo do processo de ensino-aprendizagem e as altas expectativas geradas pelos professores em relação aos seus alunos e das famílias que depositam na escola a salvação do futuro dos seus filhos, podem se tornar uma fonte de pressão e estresse, e a busca pelo sucesso pode transformar esse paraíso em um inferno. É fundamental que a escola, como instituição, crie um ambiente que encoraje a colaboração em lugar da competição e preze pela saúde mental e emocional dos estudantes.

Além dos próprios estudantes, os professores também vivenciam essa dualidade. Eles são tanto os guardiões do conhecimento quanto aqueles que lidam com as agruras do sistema educacional. Muitas vezes, são sobrecarregados por tarefas burocráticas e pelo descaso das autoridades governamentais. A falta de recursos e salários inadequados podem levar esses educadores a um estado de desânimo, fazendo com que o paraíso educacional se torne um inferno de frustrações. É essencial que a valorização dos professores seja levada a sério, oferecendo condições de trabalho dignas e oportunidades de aprimoramento profissional.

Outro aspecto inerente ao universo escolar é a inclusão social. Em um cenário ideal, a escola seria um ambiente inclusivo onde todas as crianças teriam acesso igualitário à educação de qualidade. No entanto, isso nem sempre é uma realidade. Diversos estudantes sofrem com o inferno da discriminação, do preconceito e da exclusão.

É responsabilidade das escolas criar uma cultura diversa e inclusiva que celebre a diferença e promova um senso de pertencimento entre todos os alunos. Por fim, é

importante ressaltar que o céu e o inferno na escola não devem ser vistos como realidades estanques, mas sim como faces de uma mesma moeda. A escola é uma instituição que representa a dualidade humana em seu processo formativo. Cabe a nós, como alunos, professores, pais e sociedade em geral, trabalharmos para maximizar o céu e minimizar o inferno na educação. Somente assim alcançaremos a harmonia necessária para transformar esse espaço em um verdadeiro paraíso de aprendizado e desenvolvimento.

A violência simbólica (Bourdieu) na escola é um tema que tem despertado cada vez mais interesse na sociedade contemporânea. Trata-se de um fenômeno complexo que envolve relações de poder, discriminação e exclusão presentes no contexto escolar. Compreender e analisar essas dinâmicas é fundamental para promover mudanças efetivas e garantir uma educação inclusiva e democrática.

Nesta pesquisa discutirei os principais aspectos da violência simbólica na escola, destacando suas manifestações, consequências e possíveis formas de enfrentamento. A violência simbólica pode ser definida como uma representação negativa dos alunos pobres que não possuem o capital cultural exigido por muitos professores, excluindo-os do processo educacional, “com efeito a escola trata todos os alunos como iguais face à cultura, ao passo que, de fato, eles são desiguais: ela manifesta assim uma indiferença às diferenças” (Bourdieu, 2014, p.220).

A educação e os direitos humanos¹ são dois pilares fundamentais de uma sociedade justa e harmoniosa. Embora a educação dote os indivíduos com conhecimentos e competências, os direitos humanos salvaguardam a sua dignidade e protegem-nos de qualquer forma de discriminação ou opressão. Infelizmente, numerosas violações destes direitos continuam a ocorrer em todo o mundo e a escola não se exime desta prática. Surge um paradoxo quando os próprios espaços escolares

¹ Declaração Universal dos Direitos Humanos como o ideal comum a ser atingido por todos os povos e todas as nações, com o objetivo de que cada indivíduo e cada órgão da sociedade tendo sempre em mente esta Declaração, esforce-se, por meio do ensino e da educação, por promover o respeito a esses direitos e liberdades, e, pela adoção de medidas progressivas de caráter nacional e internacional, por assegurar o seu reconhecimento e a sua observância universais e efetivos, tanto entre os povos dos próprios Países-Membros quanto entre os povos dos territórios sob sua jurisdição. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso dia 26 de jan de 2024.

se tornam locais de violações dos direitos humanos, dificultando, em vez de permitir, o crescimento e o desenvolvimento dos indivíduos.

Na escola pública a violência simbólica pode ser percebida em vários momentos. Por exemplo, os estudantes podem perceber que os seus professores os tratam de modo desigual, que privilegiam os alunos com características específicas e desencorajam, direta ou indiretamente, aqueles que se destacam, muitas vezes por serem muito falantes ou muito tímidos. Isso pode acontecer, por exemplo, quando um professor se recusa a lidar com perguntas de um estudante com dificuldades de aprendizagem e se vê pressionado a dar preferência aos alunos mais ágeis. Em função de circunstâncias como esta, os alunos das escolas públicas tendem a assumir que são vistos como menos profissionais, menos responsáveis, menos inteligentes e menos ambiciosos do que seus colegas da escola particular.

Uma das formas mais evidentes de violência simbólica na escola é a discriminação racial. Ao longo da história, muitas sociedades construíram e perpetuaram a ideia de superioridade de certas raças em detrimento de outras, o que resultou em processos de exclusão e preconceito no contexto escolar. A discriminação racial se materializa em estereótipos, piadas, apelidos e até mesmo na ausência de representatividade de diferentes grupos étnicos nos currículos escolares e nos materiais didáticos. Exemplo claro é a Lei nº 10.639/03² que obriga as escolas de ensino fundamental e médio a ensinarem sobre história e cultura afro-brasileira, contudo, não é sequer mencionada a sua existência na prática diária de muitas escolas.

Além da discriminação racial, outras formas de violência simbólica também estão presentes no ambiente escolar. A discriminação de gênero, por exemplo, se manifesta através de comportamentos sexistas e estereotipado, que reforçam a

²Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” e dá outras providências. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=10639&ano=2003&ato=431MTTq10dRpWTbf4>. Acesso em 26 de dez de 2023.

inferioridade das mulheres e a superioridade dos homens, limitando as possibilidades de desenvolvimento e aprendizado das alunas. Da mesma forma, a violência simbólica pode ocorrer em relação à orientação sexual, identidade de gênero, classe social, entre outros.

É uma questão profundamente preocupante que merece atenção urgente. Embora sejam frequentemente discutidos casos de violência física cometida por estudantes, é igualmente importante lançar luz sobre a questão alarmante da violência perpetrada por professores despreparados. Esta pesquisa tem como objetivo analisar criticamente esta questão, explorando as consequências de tais ações e os fatores subjacentes que contribuem para esta forma de má conduta.

No intuito de facilitar a leitura da pesquisa, decidi dividi-la em três partes. Na primeira parte, apresento o objeto de pesquisa a ser estudado, os objetivos e hipóteses traçados para a pesquisa. Também toda a fundamentação teórica a qual contribui para a compreensão do tema tratado e as contribuições preciosas dos autores e suas teorias. Para nortear as ações iniciais do trabalho, foi realizado um vasto levantamento bibliográfico, pois um grande desafio para se pensar um estudo dos motivos que levam professores da rede pública de ensino do Distrito Federal a praticarem a violência simbólica necessitou de vasta leitura e fundamentação teórica.

Na segunda parte, descrevo todo o percurso metodológico, a escolha da metodologia a ser utilizada, os relatos das observações feitas, a descrição de alguns protagonistas da escola, a coleta de dados e o seu devido tratamento, ou seja, a parte mais relevante de toda a pesquisa é compreender a metodologia qualitativa é essencial para qualquer projeto de pesquisa, pois fornece as ferramentas para observar e interpretar dados com precisão. Ressalta-se que a observação é um instrumento poderoso, pois permite ao pesquisador observar com precisão os comportamentos e interações dos participantes da pesquisa.

Na terceira parte, trago o fechamento de todo o trabalho que foi realizado ao longo de dois anos de estudos profundos, vivências, conflitos, aprendizados e uma

provável conclusão sobre a questão da violência simbólica na escola e algumas sugestões a serem pensadas e testadas na escola junto a comunidade escolar, ao fim da pesquisa, elencadas anteriormente.

Esta pesquisa traz latente o questionamento sobre o que conhecemos da violência simbólica praticada pelos profissionais da educação nas escolas públicas do Distrito Federal como barreira aos direitos humanos? A partir desta indagação, parte-se para a apresentação do objeto de estudo, ao longo do texto, sobre a violência simbólica dentro do ambiente escolar.

1ª PARTE

CAPÍTULO 1

O destino da humanidade é desconhecido, mas sabemos que o processo de existir modifica-se.

Edgar Morin

1. CONHECENDO O OBJETO DE PESQUISA: A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

Inicia-se esse capítulo com as palavras de Morin que “todo desenvolvimento verdadeiramente humano significa o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana” (2000b, p.55).

Morin defende a necessidade de uma educação sensível e compassiva que forneça aos indivíduos competências para pensar de forma crítica e criativa, acreditando na conexão entre educação e desenvolvimento psicológico. Reflete sobre como a evolução histórica das diversas formas de comunicação e educação influenciam as atitudes do indivíduo para com seu meio ambiente. Se permanecermos

na fragmentação do conhecimento, tomando como análise a realidade das escolas públicas do Distrito Federal, a partir de disciplinas isoladas, em uma única maneira de ver as coisas, uma única perspectiva, sem aprender a explorar outras possibilidades, mas também aprisionando e fragmentando a aprendizagem, o ser humano, o mundo, a vida. Consequentemente, os níveis de consciência dos sujeitos envolvidos também serão afetados e, com certeza, se apresentarão mais limitados (Petraglia, 2001).

A integração da psicologia de Morin no sistema educacional oferece uma estrutura poderosa para nutrir indivíduos inteligentes e compreensivos. Ao enfatizar o pensamento holístico, o conhecimento interdisciplinar, a inteligência emocional, o pensamento crítico e a conduta ética, uma educação baseada nos princípios de Morin (2015) equipa os alunos com as habilidades necessárias para prosperar em um mundo cada vez mais complexo. A escola tem a responsabilidade de promover esta abordagem, contribuindo para a transformação da educação numa experiência transformadora e empoderadora³.

Implementar a perspectiva de Morin (2015) na realidade escolar também implica envolver os alunos como participantes ativos em sua jornada de aprendizagem. Ao considerar os seus antecedentes, interesses e experiências, a educação pode tornar-se mais inclusiva e representativa. Estratégias de diferenciação devem ser empregadas para abordar estilos de aprendizagem individuais e apoiar o potencial único de cada aluno e a partir desta perspectiva, evitar qualquer tipo de violência.

Os alunos precisam de orientação para compreender e abordar as implicações morais de suas ações. Os professores, por sua vez, devem promover empatia, responsabilidade social e habilidades éticas de tomada de decisão para preparar os alunos para uma cidadania responsável em um mundo globalmente interconectado.

Os direitos humanos são direitos fundamentais inerentes a todos os seres humanos, a educação é essencial para garantir que todos tenham acesso a esses direitos, pois é a base para um maior desenvolvimento. O direito à educação é

³ Collins, Patricia Hills. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Nova Iorque: Routledge, 2001.

fundamental e está consagrado em tratados internacionais, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos e o Pacto Internacional sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais. Esse direito é essencial para garantir que todas as pessoas tenham acesso à educação de qualidade e possam desenvolver todo o seu potencial, isso significa que todos os alunos devem ser tratados igualmente e ter as mesmas oportunidades.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos traz em seu artigo nº 26:

- 1. Todos os seres humanos têm direito à educação. A educação será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A educação elementar será obrigatória. A educação técnico-profissional será acessível a todos, bem como a educação superior, está baseada no mérito.**
- 2. A educação será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais. A educação promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos, e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz.**
- 3. Os pais têm prioridade de direito na escolha do gênero de educação que será ministrada aos seus filhos.**

Como estabelece a Declaração dos Direitos Humanos, a educação deve proporcionar o pleno desenvolvimento do educando para que ele tenha conhecimento dos seus direitos, como acessá-los e garanti-los. Fundamental transitar em vários saberes interdisciplinares para entender o objeto de pesquisa a partir de perspectivas diferentes na pedagogia, no direito, na filosofia, na sociologia, para construção de operadores que aproximem conhecimentos, assim, promover um senso de responsabilidade e uma conduta ética na educação.

Nair Bicalho⁴ é uma educadora e ativista de direitos humanos brasileira que dedicou sua vida ao avanço da educação e à proteção dos direitos humanos. Seu trabalho acabou levando à ratificação da Declaração Universal dos Direitos Humanos no Brasil, que teve um impacto duradouro nos sistemas jurídico e educacional do país.

⁴ Bicalho, Nair. Cidadania Planetária: Um projeto plural, solidário e participativo. UNB. 2003.

Seu legado vive no trabalho de ativistas e educadores de direitos humanos em todo o mundo, que continuam a lutar pelo reconhecimento e proteção dos direitos.

Para alicerçar a fundamentação teórica da pesquisa, a professora Nair Bicalho reflete sobre o espaço público como legítimo para a construção da consciência sobre a necessária participação do cidadão:

Na trilha dessas múltiplas experiências de construção de espaços públicos nos processos de reconhecimento, legitimação e negociação de projetos de diferentes movimentos, instituições e grupos sociais, a proposta de educação para os direitos humanos ganha força, definindo uma agenda para a constituição de uma cultura cidadã. As práticas da argumentação, mediação dos conflitos, constituição de alianças e produção de consensos possíveis em torno da tolerância e da paz, tendo em vista o alcance do desenvolvimento e da justiça social, tem contribuído decisivamente para o crescimento pessoal, a qualidade de vida e a elevação da auto-estima dos grupos excluídos. Os textos deste módulo possibilitam uma oportunidade para o exercício crítico a respeito de conhecimentos, valores, atitudes e habilidades capazes de moldar uma cultura de direitos humanos comprometida com um novo projeto de sociedade. É com o propósito de favorecer a constituição de uma cidadania planetária, mediada por laços de solidariedade, tolerância e afeto capazes de superar as condições de miséria, ignorância, discriminação e exclusão social da maioria dos habitantes do planeta, que este livro, e em especial este módulo, convida todos os leitores à aventura da sua descoberta (Nair Bicalho, 2003).

Dito isso, pretendo realizar essa mediação através do incremento das boas práticas de educação em e para os direitos humanos na Rede de Educação Pública do Distrito Federal, formando gradativamente a cultura educativa não violenta e permitindo que os equívocos na postura dos profissionais da escola pública sejam identificados, analisados, solucionados para que não se repitam, utilizando-se as categorias dos direitos, das garantias e dos deveres fundamentais previstos no sistema jurídico brasileiro contemporâneo e na Resolução nº 1, de 30 de maio de 2012, do MEC e Conselho Pleno em seu artigo 2º estabelece:

A Educação em Direitos Humanos, um dos eixos fundamentais do direito à educação, refere-se ao uso de

concepções e práticas educativas fundadas nos Direitos Humanos e em seus processos de promoção, proteção, defesa e aplicação na vida cotidiana e cidadã de sujeitos de direitos e de responsabilidades individuais e coletivas.

Logo, a educação é o principal caminho de resistência e luta pela validade do reconhecimento da humanidade, da equidade e da democracia, evidenciados pelos parâmetros da dignidade e respeito na convivência coletiva. Sendo necessário urgentemente o resgate dos espaços de negociação, da argumentação em prol de ideais de justiça, valores, dignidade, diversidade, do direito à cidade, à religiosidade, à individualidade de crenças, da interseccionalidade⁵ e costumes, ações que acrescentem e otimizem sua criticidade e engajamento quanto à cidadania e demais valores para a convivência coletiva com foco uma sociedade mais justa⁶ através da formação de estudantes que conhecem a si próprios, que saibam enfrentar os grandes desafios da vida.

Importante ressaltar que esta pesquisa foi pensada e escolhida a partir das minhas experiências enquanto profissional da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal, como orientadora educacional desde 2008, por perceber, ao longo da minha prática, como a violência simbólica ainda atravessa a realidade dos profissionais da educação nos espaços das escolas.

1.1 AFINAL O QUE É VIOLÊNCIA SIMBÓLICA?

A violência simbólica é um conceito desenvolvido por Pierre Bourdieu (1998), que se refere às formas sutis e muitas vezes invisíveis de poder e coerção que operam na vida cotidiana. É um conceito que fala sobre a maneira pela qual aqueles que estão no poder podem manter e ampliar sua posição, mesmo na ausência de força física. A

⁵ Akotirene, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Sueli Conceição; Pólen, 2019. P. 13.

⁶ Saviani, Dermeval. Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política! Dermeval Saviani.- 32. ed.- Campinas, SP: Autores Associados, 1999. Coleção polêmicas do nosso tempo.

violência simbólica tem um profundo impacto e pode ser vista em áreas como educação, saúde, trabalho, direitos civis e políticos (Bourdieu, 1998).

Para compreender o fenômeno de estudantes que sofrem algum tipo de violência por parte de seus professores, é crucial compreender a dinâmica de poder inerente à relação professor-aluno. Em muitas instituições educacionais, os professores são vistos como figuras de autoridade que detêm um poder significativo sobre os seus alunos. Este poder pode ser mal utilizado, levando a casos de agressão, tanto física como psicológica, contra alunos vulneráveis.

Um fator que contribui para esta questão reside no ambiente da sala de aula e no seu impacto sobre o professor. O aumento do tamanho das turmas, os recursos limitados e as restrições de tempo muitas vezes criam um ambiente onde os professores experimentam estresse e frustração. Isto pode manifestar-se em reações comportamentais inadequadas em relação aos alunos, resultando na agressão como uma saída para as suas emoções reprimidas.

É vital enfatizar que nem todos os professores se envolvem em comportamentos agressivos. Muitos educadores priorizam o bem-estar de seus alunos e aderem a diretrizes éticas rígidas. No entanto, é fundamental identificar e abordar a minoria que se envolve em maus-tratos, pois as suas ações podem ter consequências de longo alcance no desenvolvimento emocional e educacional dos alunos.

As escolas desempenham um papel crucial na criação de um ambiente seguro e de apoio para alunos e professores. Os administradores e os decisores políticos educacionais devem reconhecer a gravidade desta questão e estabelecer protocolos bem definidos para prevenir e abordar a agressão dentro das suas instituições. O desenvolvimento de programas de formação abrangentes para professores, centrados na inteligência emocional, na gestão do estresse e na comunicação eficaz, pode constituir a base para uma mudança positiva.

As universidades também devem ter um compromisso proativo nas pesquisas e formações dos futuros profissionais na área da educação, capacitando e ofertando maiores espaços de pesquisa em campo sobre as ocorrências de violências na escola.

O envolvimento dos pais também pode contribuir para reduzir os casos de agressão dos professores. Incentivar linhas abertas de comunicação entre pais, alunos e autoridades escolares cria uma atmosfera de confiança e responsabilidade. Os pais que se envolvem ativamente na educação dos seus filhos têm maior probabilidade de notar sinais de maus-tratos, incentivando uma intervenção oportuna.

Um exemplo de violência simbólica visível refere-se a professores recém empossados na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, vindos de realidades completamente opostas à realidade da comunidade escolar periférica, não conhecem as necessidades de determinados grupos sociais, suas características culturais, linguísticas, religiosas, e acabam interferindo na relação participativa da comunidade escolar e na vida cotidiana da escola. O mais comum são professores que não se comunicam e não estabelecem aproximação com seus alunos por vários motivos. Um deles é a linguagem inadequada e rebuscada que precisa ser traduzida para o aluno, enquanto os estudantes trazem para dentro da escola a sua linguagem cheia de gírias e muitas vezes vulgar, por não serem devidamente instruídos por suas famílias sobre o que falam, qual o sentido pejorativo em suas falas, e assim são taxados, pelos professores, de imorais e desrespeitosos causando verdadeiros desgastes desnecessários na relação entre professor - aluno.

A comunicação precisa ser o primeiro passo comum no início desta relação na escola para entrar no campo das crenças do outro e para entender sobre a suas perspectivas para se comunicar da melhor forma possível, pois os professores não usam a linguagem que é conhecida pelos estudantes ou mesmo métodos de aproximação. É necessária a reflexão e desconstrução do que carregamos como (pré) conceitos e formas estagnadas de ver as novas gerações. Já não devemos prender-nos em pontos de vista ultrapassados e afirmativos, a partir de frases de efeito, que 'no meu tempo não era assim', pois o tempo passou, já não somos mais os

mesmos. Importante ressaltar sobre como a meritocracia é defendida, por muitos professores, como forma de justificar que todos têm a mesma capacidade de atingir e alcançar uma meta de vida, bastando apenas o devido esforço e reforçando a ideia de que os alunos não querem “*nada com nada*” e desta forma naturalizando comportamentos violentos e normatizando a exclusão.

As formações continuadas devem equipar os aspirantes a professores com o conhecimento e as habilidades necessárias para administrar efetivamente as salas de aula, lidar com conflitos e atender às diversas necessidades dos alunos. A formação inadequada deixa os professores mal preparados para enfrentar situações desafiadoras, aumentando a probabilidade de recorrer à violência como mecanismo de enfrentamento.

Outro fator crítico é a ausência de políticas rigorosas para dissuadir e penalizar atos de violência cometidos por professores. As instituições educativas precisam estabelecer diretrizes claras e quadros de consequências para a conduta dos professores. Tais políticas devem enfatizar a não violência, promover a empatia e delinear ações disciplinares imediatas para os transgressores. Ao implementar diretrizes claras, o apoio institucional pode ajudar a prevenir a violência perpetuada por professores despreparados.

1.2 OBJETIVOS E HIPÓTESES

À medida que nos aprofundamos no complexo tema da violência simbólica, é essencial delinear objetivos-chave que norteiam a nossa compreensão deste fenômeno. O objetivo geral desta pesquisa é compreender como a violência simbólica atravessa a atuação de professores de uma escola do Distrito Federal.

No que tange aos objetivos específicos, pretende-se:

a) Fornecer uma definição clara de violência simbólica aos profissionais do CEF Telebrasilândia e como ela pode ter um impacto extremamente prejudicial nos grupos vulneráveis.

b) Examinar o papel da linguagem como ferramenta para a violência simbólica é crucial. Esse objetivo requer analisar como as práticas linguísticas, como os rótulos depreciativos e o discurso discriminatório, contribuem para a perpetuação da violência simbólica na escola.

c) Identificar posturas de autoritarismo de professores como forma de perpetuar a violência simbólica na escola. Esse objetivo também explora como a violência simbólica reforça as estruturas de poder existentes e mantém as desigualdades sociais.

Ao delinear esses objetivos, podemos navegar pelas complexidades do fenômeno deste tema e nos esforçar para uma compreensão mais profunda. Através da análise crítica, do exame de múltiplos contextos e da proposição de estratégias de mudança, podemos trabalhar coletivamente em prol de uma escola que priorize a igualdade, a justiça e a erradicação da violência simbólica.

Para tanto, primeiramente, para alcançar estes objetivos parte-se da hipótese de que não há formação adequada em direitos humanos dos professores da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, uma vez constatado a partir das experiências profissionais da pesquisadora. Outra hipótese, não menos importante, é que os professores praticam a violência simbólica por não conhecerem o verdadeiro significado de sua postura agressiva e não serem conscientes de que a praticam.

CAPÍTULO 2

Nós adultos transformamos nossa sociedade do espetáculo em sociedade pedagógica, cuja concorrência esmagadora, orgulhosamente inculta, ofusca a escola e a universidade. Pelo tempo de exposição que dispõe, pelo poder de sedução e pela importância que tem, a mídia há muito tempo assumiu a função do ensino.

Michel Serres

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O século 21 assistiu a um crescimento exponencial da tecnologia, com a internet e outras ferramentas digitais transformando a forma como aprendemos. Isso também permitiu um maior acesso ao conhecimento e aos recursos, permitindo que os alunos aprendessem de maneiras que antes não eram possíveis. Contudo, a comunicação/linguagem ainda é o instrumento mais relevante no processo de desenvolvimento do ser humano e perpassa por construções e desconstruções em aspectos biológicos, sociais, emocionais, nos valores, crenças, princípios, família, amigos e principalmente na escola e contribui para o acesso e a garantia de direitos, ou não. O surgimento de plataformas de aprendizagem online revolucionou a forma como a educação é ministrada.

As obras de Michel Serres e Pierre Bourdieu foram influentes no desenvolvimento do pensamento moderno e importantes na estruturação desta pesquisa. Michel Serres foi um filósofo e historiador francês nascido em 1930. Ele é mais conhecido por seu trabalho nas áreas de epistemologia e filosofia da ciência, bem como suas contribuições para o desenvolvimento do pós-modernismo.

Com a propagação da pandemia do Coronavírus em 2020 e 2021, decretos de isolamento social e fechamento das escolas deixaram as vulnerabilidades da educação totalmente expostas com a crescente visibilidade da necessidade de mudanças significativas na reconstrução de uma escolarização reconectada com o desenvolvimento do indivíduo de forma plena, capaz de criar uma concepção de sustentabilidade de si próprio e de uma sociedade justa e igualitária.

2.1 MICHEL SERRES E OS POLEGARZINHOS DO SÉCULO XXI

Nascido em 1º de setembro de 1930 , na França, Serres cresceu numa época marcada por conflitos e tensões. Suas experiências durante a Segunda Guerra Mundial moldaram sua perspectiva filosófica, enfatizando a necessidade de unidade e

interconexão entre diversas disciplinas. A formação acadêmica de Serres em matemática e ciências influenciou ainda mais sua abordagem interdisciplinar única em seus trabalhos posteriores. O trabalho inovador de Serres na teoria da comunicação focou na transmissão de informações e conhecimento em vários domínios. Seus conceitos de ruído e sinal desafiaram as noções tradicionais de comunicação eficiente, enfatizando a importância de se adaptar e decifrar canais de comunicação diversos e complexos.

A análise de Serres sobre a educação focou na necessidade de uma mudança de paradigma, afastando-se do ensino específico de disciplina para uma abordagem interdisciplinar. Ele enfatizou a importância de criar estruturas educacionais holísticas que promovam a criatividade, a colaboração e as habilidades de pensamento crítico, para enfrentar os desafios complexos do nosso mundo interconectado. Diversas contribuições para vários campos acadêmicos. A sua inteligência e compreensão são evidentes na sua abordagem interdisciplinar, que procura unir disciplinas, desafiar o pensamento tradicional e inspirar novas formas de compreender e interagir com o mundo. As teorias de Serres permanecem relevantes e continuam a moldar as discussões contemporâneas, tornando-o uma figura significativa no pensamento intelectual moderno.

O pensamento da multiplicidade de Michel Serres, na contramão do pensamento racionalista tradicionalista, possibilita questionar e conhecer os próprios modos de aprender, como também permite melhor situá-los nas instituições educacionais. Propõe realizações e solidariedade na conjugação da ciência, da tecnologia, das artes e filosofia, da política, da economia, das culturas para a construção de uma educação cidadã, comprometida com a formação de sujeitos éticos e mais felizes. A partir de tais estudos, surgiram reflexões, problematizações e contextualizações como facilitadoras para busca de sentido do fazer pedagógico através de um processo educativo ao mesmo tempo pessoal e em comunhão com todos os atores múltiplos da educação.

Serres ressalta a diferença da educação de 30 anos atrás e de hoje na questão da instrução e no acesso à informação possibilitado pela tecnologia. Um estudante hoje

tem acesso a qualquer informação através do seu smartphone, da internet, de forma instantânea. Contudo, esta informação é superficial, não causa transformação significativa na formação desse estudante. Esta função primordial ainda é da educação com seus métodos e metodologias que perpassam por vários saberes transitáveis e transitórios no tempo, passado e presente.

Polegarzinha⁷ é um mundo de possibilidades, contendo histórias de aventura, exploração e descoberta, lugar de sonhos e imaginação, é um lugar onde o impossível pode se tornar realidade. Polegarzinha está repleta de personagens únicos, todos com suas próprias histórias, motivações e ambições. Quer sejam bravos guerreiros em busca de justiça, quer sejam aventureiros curiosos que procuram explorar o desconhecido, cada personagem tem um papel único a desempenhar no mundo de Polegarzinha, está cheio de histórias, lendas e segredos esperando para serem descobertos. Das ruínas antigas espalhadas por toda a terra, às criaturas misteriosas que espreitam nas sombras, o mundo de Polegarzinha é um lugar de maravilhas e intrigas. É um lugar de aventura e exploração, cheio de maravilhas e possibilidades. Das profundezas do oceano às alturas do céu, o mundo da Polegarzinha é um lugar de possibilidades ilimitadas, onde o único limite é a imaginação (Serres, 2013).

É uma analogia com jovens do século XXI que não mais usam máquinas de datilografia ou canetas e lápis, mas os seus polegares para acessarem os seus smartphones e se conectarem ao mundo, a uma nova era, que estabeleceu mudanças em seu comportamento multicultural através do virtual. Diferentemente das crianças e jovens que aprendiam através da mediação de professores, dos pais, da convivência com outros grupos de crianças em ambientes diversos como no campo com os animais, na natureza, na prática diária em troca de culturas, de saberes.

No mundo das polegarzinhas(os), a mídia tem total influência no comportamento dos jovens e no modo de descobrirem o mundo. Estão em contato com diferentes tecnologias, são cidadãos do mundo e não mais de um único território. Estão sempre conectados, são instantaneamente, convocados a interpretar e conhecerem as

⁷Serres, Michel. Polegarzinha. Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

melhores ferramentas e as dominarem. Percebe-se uma diferença enorme entre os estudantes de algumas décadas atrás e dos polegarezinhos da tecnologia do século XXI. Conectados e ligados 24h por dia nas redes sociais e acessando todo tipo de informação de maneira instantânea.

Serres acreditava na mestiçagem⁸ de saberes, na multiplicidade de conhecimentos em várias áreas. Ressalta a importância da tecnologia na evolução das ciências exatas e humanas, pois todo ser humano é afetado por ela. Observa que os professores devem abrir as portas para que os aprendizes entrem em outros mundos, outras dimensões de conhecimentos. O ensino precisa ser disciplinado, honesto e sério, contudo, não pode ser estagnado a velhas práticas e ensinamentos. Precisa ser dinâmico, misturado, zebrado, dobrado no tempo e passar pelo processo da mestiçagem, ou seja, ser capaz de transitar em vários saberes, adquirir um pouco de cada, absorver suas culturas e significados, ser múltiplos em vários aspectos (Serres, 2013).

Os professores já não ocupam os mesmos lugares no processo de aprendizagem dos jovens conectados. Já não influenciam da mesma forma como antes. Já não detém o conhecimento que está a um clique dos polegarezinhos. Para Michel Serres, abre “no nosso tempo e nos nossos grupos, uma rachadura tão larga e evidente” (Serres, 2013, p. 24) que nos remete das cavernas ao Renascimento⁹. Portanto, o desafio imposto é saber como ensinar estes jovens desse novo mundo!

Uma preocupação observada por Serres sobre o destino da escola frente às mudanças sociais e tecnológicas na sociedade. A escola perdeu espaço de construção de relações cognitivas, emocionais e significativas na comunicação, a qual está sendo substituída por troca de emojis, memes, figurinhas, sem a menor profundidade na

⁸ Serres, Michel. O terceiro instruído. Trad. Serafim Ferreira. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

⁹ Renascimento, Renascença ou Renascentismo são os termos usados para identificar o período da [história da Europa](#) aproximadamente entre meados do século XIV e o fim do século XVI. Os estudiosos, contudo, não chegaram a um consenso sobre essa cronologia, havendo variações consideráveis nas datas conforme o autor. Apesar das transformações serem bem evidentes na [cultura](#), [sociedade](#), [economia](#), [política](#) e [religião](#), caracterizando a transição do [feudalismo](#) para o [capitalismo](#) e significando uma evolução em relação às estruturas medievais, o termo é mais comumente empregado para descrever seus efeitos nas [artes](#), na [filosofia](#) e nas [ciências](#). Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Renasascimento>. Acesso dia 26 de dez de 2023.

construção de diálogos, de comunicação afetiva e assertiva. A comunicação, no campo do diálogo, define aspectos importantes na construção das relações sociais e educacionais, podendo propiciar a consciência de nossas subjetividades e de vida em coletividade. Entretanto, com o uso desmedido da tecnologia a comunicação está fragmentada e de certa forma até em desuso os espaços dialógicos. Essa realidade fragiliza o processo de aprendizagem.

Após as medidas de isolamento, impostas pela pandemia do coronavírus, percebe-se hoje que a principal dificuldade dos professores em suas disciplinas isoladas e fragmentadas dentro de um currículo pré-estabelecido pela Secretaria de Educação do Distrito Federal, a ser ministrado por alguns anos, é responder o questionamento dos alunos sobre qual a utilidade do conteúdo dado para sua vida prática e real em detrimento da utilização das tecnologias.

Currículos impostos não permitem espaços para a livre criação. Ao contrário, causa o cerceamento da criatividade e da autonomia inovadora de professores e estudantes vivenciarem suas culturas e diversidades. Contudo, alcança o seu objetivo maior que é a preparação do ser humano para o trabalho e a servidão psicológica, uma vez que o indivíduo não possui mais a capacidade de pensar por si próprio ou além da competição pela inserção no mercado de trabalho.

Após o retorno presencial dos estudantes da rede pública de ensino, o abismo pedagógico estava instalado. Professores não mais se conectam aos estudantes e os estudantes não compreendem a linguagem dos professores. A cabeça da polegarzinha não guarda o conteúdo ministrado em uma aula ante a memória do smartphone. O surgimento de plataformas de aprendizagem online revolucionou a forma como a educação é ministrada.

O surgimento de plataformas de aprendizagem online, aprendizagem colaborativa, aprendizagem orientada por dados e aprendizagem móvel permitiu experiências de aprendizagem mais personalizadas e convenientes, tornando a educação mais acessível do que nunca. Com o avanço das tecnologias os alunos têm a possibilidade de acessar conteúdos e recursos educacionais a qualquer momento,

permitindo uma aprendizagem mais flexível e um melhor acesso ao conhecimento, podendo trabalhar juntos em ambientes online.

Isso permitiu uma maior troca de ideias e conhecimentos, levando a experiências de aprendizagem mais significativas. O uso de dados também se tornou uma parte importante da educação no século XXI. O aprendizado orientado por dados permite que os professores adaptem suas instruções às necessidades de seus alunos, criando uma experiência de aprendizado mais personalizada. Os alunos agora podem acessar o conteúdo educacional em seus telefones e tablets e salvar os conteúdos na memória dos seus dispositivos eletrônicos.

Para Michel Serres, a antiga sala de aula morreu e os jovens se emanciparam “das correntes da Caverna Multimilenar” (2013, p. 49) que os subjugaram a um saber acumulado e inflexível. Por sua vez, Polegarzinha, habilidosamente, busca o saber em sua própria máquina, quebrando a ordem estabelecida pela ‘classe’ que, frequentemente, aprisiona e desmotiva a descoberta criativa e a invenção.

Serres propõe uma educação mestiça entre as ciências exatas e as humanidades, baseada nas transformações do mundo, em contradição a educação tradicional, privilegiando a invenção e a reinvenção, de forma relevante para abordar de forma crítica e atualizada os estancamentos das propostas pedagógicas. A aprendizagem torna-se possível a partir da exposição às singularidades próprias e aos outros. O projeto pedagógico da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal não atende à proposta de formação de estudantes preparados para exercer a sua formação educacional de forma que atenda às mudanças tecnológicas da atualidade.

Muitos professores insistem em manter os seus velhos hábitos pedagógicos, suas antigas e obsoletas metodologias de ensino, suas antigas memórias de que há mais de 20 anos exercem a profissão expondo os seus saberes em longas e cansativas exposições orais e/ou no quadro cheio de intermináveis cópias de textos sem o menor atrativo e significado aos estudantes. Os estudantes, por sua vez, estão conectados ao Google atualizado e ridicularizando os professores e suas velhas estratégias de ensino. Comum, nas salas de aula, identificar estudantes no 9º ano do

ensino fundamental analfabetos funcionais¹⁰ que não conseguem exercer ações simples do cotidiano ou sequer almejar uma boa colocação no mercado de trabalho, porém, dominantes das redes sociais e aplicativos que prometem os transformar em novos milionários das redes.

O problema da qualidade da educação pública se arrasta ao longo dos anos. Os professores culpam os estudantes por não se interessarem pela escola e suas velhas estratégias de ensino. Enquanto os estudantes não se identificam com essa velha escola pois são polegarzinhos conectados em uma nova era. A escola precisa ser inventiva, conectada, múltipla, mestiça. Este novo tempo anuncia uma reviravolta na pedagogia, quando se deverá ouvir mais os ruídos de fundo e a tagarelice que, hoje, incomoda os professores tradicionais desde o ensino fundamental até o ensino superior, como se fosse um ato de protesto contra “a antiga voz do livro” (2013, p.44). Polegarzinha vive numa realidade mesclada, onde se ouve uma confusão de vozes que prenunciam outras tantas mudanças e não mais escutam a voz do professor.

Professores não deixaram de ser importantes e necessários na formação dos jovens do século XXI, contudo, necessário investir em formações continuadas que agreguem novos saberes tecnológicos para se conectarem aos seus estudantes durante as cinco horas que estão em salas de aula e ensiná-los a usar a tecnologia de forma transformadora e inovadora, sem deixá-los absorver o lado sedutor e patológico do seu uso. Agregar as inovações tecnológicas em suas vidas que os levem à emancipação social e alcancem qualidade de vida e independências dos meios escravizantes em uma sociedade excludente.

Já não cabe posturas autoritárias que afastam o estudante e suas famílias da escola e adotar novos paradigmas que coadunam com as mudanças sociais vivenciadas pelo aluno e por sua família e essa postura transformadora precisa começar na formação dos professores que não conhecem o que significam os direitos

¹⁰ O dado é do **Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf)**, divulgado em 2018, que classifica como analfabetos funcionais os brasileiros que encontram barreiras em suas vidas como cidadãos, incluindo o mercado de trabalho. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/escolas-brasileiras-ainda-formam-analfabetos-funcionais/>. Acesso 26 dez de 2023.

humanos, por acreditarem apenas no que é disseminado pelos recursos midiáticos de cunho político. Assim, aplicar todos os saberes necessários para uma educação transformadora, não conteúdos postos como únicos conhecimentos, mas acolher os saberes populares dos estudantes, da comunidade, dos atores diários dentro do espaço público que é a escola. Apostar no diálogo, mantendo a assertividade quanto ao compromisso de criar o sentimento de pertencimento do estudante à escola, bem como ao pluralismo e a diversidade.

2.2 CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DE PIERRE BOURDIEU PARA A COMPREENSÃO DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NA ESCOLA

Como pesquisadora na área da educação em e para os Direitos Humanos, é de suma importância realizar um levantamento bibliográfico sólido e abrangente para fundamentar qualquer pesquisa acadêmica. Conduzirei um levantamento bibliográfico sobre Pierre Bourdieu, um dos sociólogos mais proeminentes do século XX, conhecido por suas contribuições para a teoria social. Através desta revisão, explorarei as principais obras de Bourdieu, dando destaque às suas influências teóricas, o desenvolvimento de sua abordagem sociológica e suas principais contribuições para a compreensão da sociedade.

Pierre Bourdieu, sociólogo francês nascido em 1930 é mais conhecido por seu trabalho nas áreas de sociologia e teoria social, particularmente suas teorias de poder e dominação. Bourdieu argumentou que aqueles que são submetidos à violência simbólica podem resistir desafiando as estruturas de poder existentes, isso pode ser feito por meio da educação e de outras formas de investigação crítica, que podem ajudar a expor e confrontar as forças invisíveis do poder e do controle.

Para entender adequadamente as obras de Bourdieu, é crucial começar com seu livro mais influente, "A Distinção: Crítica Social do Julgamento", publicado em 1979. Nesta obra, Bourdieu lança as bases de sua teoria da reprodução social e do habitus, demonstrando como a cultura e o consumo estão intimamente ligados às desigualdades sociais. Seu conceito de capital cultural, que abrange habilidades,

conhecimentos e experiências, tem sido amplamente aclamado como uma ferramenta para analisar a desigualdade e o processo de legitimação social.

Outro trabalho importante de Bourdieu é "A Economia das Trocas Simbólicas". Publicado originalmente em 1976, este livro explora as relações sociais em termos de trocas simbólicas e analisa como essas trocas constroem hierarquias e relações de poder. Bourdieu argumenta que a sociedade é regida por uma economia simbólica em que as pessoas negociam uma variedade de recursos, como reputação, prestígio e simbolização. Essa obra é fundamental para entender o conjunto de conceitos de Bourdieu, uma vez que fornece uma compreensão mais profunda de como a sociedade é organizada.

Além disso, a obra "Capital Cultural, Escola e Espaço Social", publicada em 1993, contribui significativamente para o debate sobre a desigualdade educacional. Nesta obra, Bourdieu destaca como o capital cultural de uma pessoa influencia seu sucesso educacional, argumentando que indivíduos com um maior capital cultural têm maiores chances de obter sucesso acadêmico. Ele também analisa como o sistema educacional reproduz as desigualdades sociais, perpetuando o privilégio dos grupos dominantes.

O conceito de habitus e reprodução social de Bourdieu é explorado em "Reprodução na Educação, Sociedade e Cultura". Este trabalho essencial analisa as formas pelas quais as estruturas sociais perpetuam a desigualdade através das gerações e como os indivíduos internalizam, reproduzem e desafiam essas estruturas. Expandindo o habitus, o "Esboço de uma Teoria da Prática" de Bourdieu introduz a noção de violência simbólica e teoria de campo. Este trabalho seminal ilumina o papel das relações de poder na formação de ações sociais, desafiando normas estabelecidas e compreendendo a dinâmica dentro de domínios socioculturais específicos.

As críticas de Bourdieu ao sistema educacional são particularmente centrais em seu corpo de trabalho. "Reprodução na educação, sociedade e cultura" e "Os herdeiros: estudantes franceses e sua relação com a cultura" exploram como as

instituições educacionais perpetuam as desigualdades sociais, reforçando práticas culturais dominantes e desencorajando perspectivas alternativas.

Além de suas contribuições teóricas, a metodologia de pesquisa de Bourdieu é fundamental para a compreensão de seu trabalho. Seu livro "The Craft of Sociology: Epistemological Preliminaries" fornece informações valiosas sobre sua abordagem, enfatizando a reflexividade, a interdisciplinaridade e a investigação empírica rigorosa.

Além das principais obras mencionadas acima, é essencial conhecer a influência teórica de Bourdieu, especialmente sua relação com o marxismo. O conceito de habitus de Bourdieu, por exemplo, pode ser entendido como uma conexão entre a estrutura objetiva da sociedade e as práticas individuais dos agentes, o que reflete sua abordagem crítica à teoria social. Bourdieu também criticou a simplificação da teoria marxista, acreditando que fatores culturais devem ser levados em consideração ao analisar as desigualdades sociais. Ao explorar os seus trabalhos influentes, compreender os seus quadros teóricos e metodológicos e examinar a aplicação e a crítica das suas ideias na investigação contemporânea, podemos envolver-nos de forma crítica e inteligente com os pensamentos de Bourdieu, contribuindo para o discurso em curso nas ciências sociais e não só.

Bourdieu escreveu que os sistemas simbólicos, como a linguagem e a cultura, podem ser usados para manter o poder e o controle na sociedade. Ele argumentou que os que estão no poder usam esses sistemas para criar e manter um senso de superioridade, enquanto os que não têm poder são forçados a se conformar aos sistemas para sobreviver, que a violência simbólica pode ter um efeito profundo nos indivíduos e na sociedade, criando sentimento de insegurança, inferioridade e alienação. Ele também argumentou que pode ser usado para manter as estruturas de poder existentes e impedir que as pessoas desafiem o status quo (Bourdieu, 1989).

O pensamento sobre violência simbólica de Pierre Bourdieu possibilita questionar e conhecer os próprios modos de entender a linguagem violenta dos professores. Ressalta Bourdieu (1997, p. 204):

Considera como violência simbólica toda coerção que só se institui por intermédio da adesão que o dominado acorda ao dominante (portanto à dominação) quando, para pensar e se pensar ou para pensar sua relação com ele, dispõe apenas de instrumentos de conhecimento que têm em comum com o dominante e que faz com que essa relação pareça natural.

Por ora, serão destacados alguns conceitos fundamentais que contribuíram para a pesquisa, começando por questões sociológicas importantes para Bourdieu de que não há separação entre indivíduo e sociedade, pelo contrário, existe uma relação entre agente e estrutura social, ocorrendo através da mediação pelo *habitus* (Bourdieu, 1989), ou seja, um *modus operandi* (Bourdieu, 1989), que orienta esta relação em determinada prática e ressalta que o *habitus* são estruturas estruturadas que funcionam como estruturas estruturantes, ou seja, geram e determinam os caminhos a serem trilhados, os objetivos a serem alcançados sem a necessidade de um agente coordenando essas condições.

Simplificando, o *habitus* é uma grade de leitura que os indivíduos dispõem para ler a vida social, deste modo, o agente tem liberdade para enxergar o mundo a partir da sua própria visão mesmo que apenas em certas condições, mas alerta Bourdieu de que há uma determinação mesmo antes da ação, os esquemas generativos que presidem e antecedem a escolha da ação. Ressalta:

Os sistemas simbólicos são instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam contribuindo assim para a submissão inconsciente dos dominados. (Bourdieu, 1989, p.11).

Para Pierre Bourdieu o *habitus* diz respeito às disposições adquiridas, principalmente, inconscientemente, que exprimem, entre outros, o gosto pessoal, entendido como julgamentos classificatórios baseados em uma hierarquia de valores, e

que geram as práticas dos sujeitos sociais. Habitus é um "princípio gerador de práticas objetivamente classificáveis e, ao mesmo tempo, sistema de classificação (principium divisionis) de tais práticas" (Bourdieu, 2006, p. 162).

Para que o agente pratique a ação, há uma outra dimensão a ser aprendida, a relação dialética entre habitus e situação, leva o nome de prática, ou seja, são as ações subjetivas relacionadas com as condições objetivas na sociedade¹¹. Para Bourdieu este espaço de embate, de arranjos, posições determinadas, a priori, de agentes é chamada de campo, local de disputa em torno de interesses de determinada área, o campo é um espaço que a ação do agente já está disposta, de acordo com as regras do espaço para a sua efetiva participação, ou seja, um espaço de poder pautado numa desigualdade de distribuição do capital específico, o poder. No caso da pesquisa apresentada, o capital escolar é uma forma de poder que perpetua as desigualdades e mantém a dominação dos dominados menos providos de capital escolar.

A questão concernente à dominação – entendida como a manutenção de uma ordem injusta, que privilegia alguns grupos ou indivíduos em detrimento de outros – encontra-se no âmago do projeto científico de Pierre Bourdieu. O autor diz jamais ter deixado de se espantar com:

[...] o fato de que a ordem do mundo, tal como está, com seus sentidos únicos e seus sentidos proibidos, em sentido próprio ou figurado, suas obrigações e suas sanções seja grosso modo respeitada, que não haja um maior número de transgressões ou subversões, delitos e 'loucuras'. [...] que a ordem estabelecida, com suas relações de dominação, seus direitos e suas imunidades, seus privilégios e suas injustiças salvo uns poucos acidentes históricos, perpetue-se apesar de tudo tão facilmente, e que condições de existência das mais intoleráveis possam permanentemente ser vistas como aceitáveis ou até mesmo como naturais. (Bourdieu, 2002, p. 10).

¹¹ Perissionotto, R. História, sociologia e análise do poder. Revista História Unisinos, Rio Grande do Sul, v. 11, n. 3, p.313-320, 2007. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/5910>. Acesso dia 03 de jan de 2024.

De acordo com Bourdieu, a violência simbólica é o tipo de violência¹² que não é realmente incorporada, mas sim expressa e reforçada por meio de estruturas sociais, expectativas culturais e ideologias dominantes. Na sua visão, a violência simbólica é a violência da desigualdade e de poder que existe em todas as sociedades e é perpetrada pelos poderosos contra os impotentes. Por exemplo, a desigualdade de participação das mulheres na política em algumas sociedades, isso porque os homens regularmente exercem poder sobre as mulheres¹³. Esse domínio é evidência de violência simbólica em sua forma mais palpável e prevalente.

Da mesma forma, sistemas de estratificação social, como raça e opressão de classe, são formas de violência simbólica. Ao marginalizar os que estão na base da hierarquia social, os que estão nos estratos sociais mais elevados são capazes de exercer controle, manter sua autoridade e poder e, em última análise, sua capacidade de sustentar a violência da desigualdade (Bourdieu, 2002).

A manutenção do poder pela violência é uma alternativa eficaz para os grupos sociais para controlar a obediência, a disciplina popular e a aglutinação de padrões de comportamento aceitos¹⁴. Mais especificamente, a violência simbólica patrocinada pelos grupos de poder e subordinados pelo poder implica em minar os interesses individuais e coletivos pela prática de ações destrutivas para as populações. Ela pode ser explicada como a utilização simultânea do medo, da pressão, da punição, da opressão, da marginalização, do desaparecimento de indivíduos, da destruição de meios de subsistência e de recursos naturais, da corrupção e da perseguição, entre outras formas destrutivas, para obrigar e controlar a população a obedecer ao grupo de poder (Bourdieu, 2007).

Bourdieu ressalta que a educação é um dos mecanismos principais da reprodução social, que o conhecimento é a chave para diferentes posições na estrutura social. Se uma pessoa possui conhecimentos que lhe dão acesso à elite, ela também terá acesso a outros meios materiais, como privilégios financeiros e acesso ao poder.

¹² Bourdieu, P. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

¹³ Bourdieu, P. A dominação masculina. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

¹⁴ Bourdieu, P. A distinção: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2006.

Mas a educação não é apenas um meio para a reprodução social, também um meio para que os grupos mais pobres conheçam o conhecimento ou saibam como e onde buscá-los. A desigualdade educacional¹⁵ impede que as pessoas dos grupos mais pobres e da classe trabalhadora tenham acesso às mesmas oportunidades de educação e conhecimento que as pessoas de classes mais economicamente privilegiadas. Por isso, Bourdieu discutiu a importância dos processos de sensibilização contra qualquer forma de violência simbólica no espaço educacional (Bourdieu apud Jourdain, 2017, p.66).

Para além deste aspecto, Bourdieu também se opôs ao conceito de meritocracia, argumentando que ele não leva em consideração as características sociais que o estudante possui. Segundo ele, a meritocracia apenas leva em conta o esforço individual do estudante e sua capacidade de estudo. Percebemos então que a meritocracia lida somente com a capacidade individual dentro do sistema, mas não com as condições precárias enfrentadas pelo estudante para manter-se na escola (Bourdieu apud Jourdain, 2017, p. 68), o que configura outra forma de violência simbólica quando a meritocracia é usada de forma aleatória e generalizada sem o devido conhecimento da realidade material precária do estudante.

Tanto Michel Serres quanto Pierre Bourdieu compartilhavam um interesse comum pela natureza do conhecimento e do poder. No entanto, suas abordagens a esses tópicos diferiram, Serres focando nos aspectos epistemológicos e Bourdieu nos aspectos sociais e políticos. As obras dos dois autores tiveram um impacto profundo no pensamento moderno. Suas teorias de conhecimento e poder moldaram a maneira como pensamos sobre o mundo hoje e continuarão a fazê-lo nos próximos anos, tiveram uma influência duradoura no pensamento moderno.

2.3 CORPOS DOCILIZADOS, CORPOS DOMINADOS SEGUNDO FOUCAULT

¹⁵ Bourdieu, P.; Passeron, J.-C. Os herdeiros: os estudantes e a cultura. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

Em sua obra seminal, *Vigiar e Punir*, Michel Foucault¹⁶ apresenta uma exploração profunda da dinâmica do poder, trazendo luz sobre a docilização dos corpos como forma de poder. Foucault afirma que “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações” (Foucault, 2004, p. 126).

Foucault argumenta que o poder opera não através de um controle aberto, mas sim através da produção de corpos dóceis que se adaptem às expectativas e normas da sociedade. Esse processo, conhecido como biopolítica¹⁷, envolve mecanismos de controle detalhados e sutis que influenciam o comportamento e o desempenho dos indivíduos.

A docilização dos corpos é alcançada por meio de diversas técnicas disciplinares, como vigilância, exame e normalização. Sistemas como prisões, escolas e hospitais tornam-se campos de batalha para essas práticas disciplinares, gerando indivíduos submissos que se enquadram nos moldes da sociedade (Foucault, 2010). O conceito de docilização dos corpos tem implicações significativas para a sociedade contemporânea, lembra-nos de examinar criticamente as formas como o poder opera e molda as nossas vidas.

A conceituação de poder de Michel Foucault gira em torno da noção de poder disciplinar. Segundo Foucault, o poder não é simplesmente repressivo, mas opera através de um sistema de vigilância e controle que opera nos corpos e nas mentes dos indivíduos (Foucault, 2004).

Foucault (2004) argumenta que o poder não é detido apenas por quem detém a autoridade, mas está disperso por toda a sociedade, tornando-o uma característica fundamental das relações sociais. Esclarece que a forma mais utilizada para controle e dominação, principalmente no papel da disciplina no desenvolvimento de corpos dóceis, é através de práticas de exame para avaliar o desempenho individual, usando

¹⁶ Foucault, M. “Os corpos dóceis”. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 29ª ed. Tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004a.

¹⁷ Foucault, Michel. *Nascimento da biopolítica*. Lisboa: Edições 70, 2010.

notas e classificações para normalizar os indivíduos em categorias pré-determinadas, reforçando o controle social.

Alguns professores ainda mantêm posturas autoritárias dentro de sala de aula como instrumento de controle da disciplina dos estudantes e dominação dos seus corpos. O recurso mais utilizado é a ameaça da distribuição de pontuação ou mesmo da reprovação como fator gerador de medo, ordem e punição.

Ao contrário das visões tradicionais do poder como uma estrutura de cima para baixo, Foucault destaca os mecanismos de poder que existem num nível micro, funcionando não apenas através da coerção, mas também através da internalização de normas sociais e da autovigilância individual¹⁸. Ao analisar as técnicas disciplinares e o papel da vigilância, do exame e da normalização, Foucault revela os intrincados mecanismos através dos quais o poder se manifesta, moldando os indivíduos, os seus comportamentos e as expectativas da sociedade.

Quando os estudantes são submetidos ao autoritarismo, o desequilíbrio de poder entre professores e alunos é reforçado. À medida que os estudantes se habituem a ser oprimidos, podem tornar-se complacentes com estas estruturas de poder, o que pode perpetuar desigualdades hierárquicas que dificultam o pensamento crítico, a criatividade e a mudança progressiva.

Pierre Bourdieu, por outro lado, desenvolveu o conceito de capital cultural¹⁹ para explicar a reprodução das hierarquias sociais e da dominação. Segundo Bourdieu (2001), a dominação não se baseia apenas na força física ou na coerção, mas está profundamente enraizada nas estruturas culturais e simbólicas da sociedade. Segundo Bourdieu a noção de capital cultural surge da necessidade de se compreender as desigualdades de desempenho escolar dos indivíduos oriundos de diferentes grupos sociais.

¹⁸ Foucault, M. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 39.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

¹⁹ Bourdieu, P. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (orgs.) Escritos de Educação, 3ª ed., Petrópolis: Vozes, 2001, pp.73-79.

Ele argumenta que o acesso dos indivíduos aos recursos culturais, como educação, língua e conhecimento, desempenha um papel crucial na determinação da sua posição social. Bourdieu enfatiza como o habitus dos indivíduos, as disposições incorporadas e os comportamentos adquiridos através da socialização, reforçam e reproduzem as relações de poder existentes. Por exemplo, a classe dominante tende a possuir um capital cultural que se alinha com os valores e preferências da cultura dominante, o que os posiciona em vantagem em termos de oportunidades sociais e econômicas²⁰.

Embora as teorias dos dois autores analisem diferentes aspectos da dominação, há também áreas de convergência entre suas perspectivas. Ambos criticam as concepções tradicionais de poder que se concentram principalmente na coerção e na repressão. Eles destacam as formas sutis e muitas vezes invisíveis pelas quais o poder opera através de mecanismos disciplinares, estruturas simbólicas e capital cultural. As análises de Foucault e Bourdieu enfatizam o papel do conhecimento na reprodução da dominação e a escola reflete bem este espaço de dominação e docilização dos corpos.

Apesar de suas semelhanças, Foucault e Bourdieu²¹ também diferem em alguns aspectos-chave das suas teorias. Foucault, influenciado por Nietzsche e pelo pós-estruturalismo, concentra-se principalmente na dinâmica do poder em nível micro, examinando como o poder opera através de mecanismos institucionais e formas de subjetividade. Bourdieu, apoiando-se em influências marxistas e estruturalistas, adota uma abordagem mais macro, analisando as estruturas e sistemas abrangentes que moldam o habitus dos indivíduos e reproduzem as relações de poder.

Nas instituições educacionais, principalmente na escola pública, existem várias dinâmicas de poder entre alunos e professores. Infelizmente, casos de abuso de poder por parte dos professores podem levar à opressão dos estudantes e muitas vezes os

²⁰ Wacquant, L. Poder simbólico e fabricação de grupos: como Bourdieu reformula a questão das classes. *Novos Estudos-CEBRAP*, São Paulo, n. 96, p. 87-103, 2013.

²¹ **Rev. Sem Aspas**, Araraquara, v.6, n.1, p. 3-12, jan./jun. 2017. e-ISSN 2358-4238 DOI: 10.29373/semaspas.v19n1.2017.9933. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/semaspas/article/view/9933>. Acesso dia 03 de jan de 2024.

profissionais da escola que percebem se calam frente a estes comportamentos, defendem o corporativismo da classe de professores a qualquer custo, ignorando os possíveis prejuízos pedagógicos e psicológicos imputados aos estudantes.

Abordar a questão do autoritarismo opressivo requer esforços coletivos de estudantes, professores e gestores da unidade escolar. Estabelecer diretrizes claras para a conduta em sala de aula, promover a comunicação aberta e fornecer formações adequadas ao corpo docente pode ajudar a combater práticas opressivas, cultivar uma cultura de respeito e alcançar o empoderamento educacional para todos.

Em conclusão, Foucault e Bourdieu oferecem informações valiosas sobre as complexidades de dominação. Embora abordem o tema a partir de diferentes perspectivas teóricas, suas teorias convergem na crítica às estruturas tradicionais de poder e na ênfase no papel dos mecanismos culturais e simbólicos na reprodução das hierarquias sociais.

2ª PARTE

CAPÍTULO 3

Mas antes casos concretos da comunicação do dia-a-dia, uma conversa entre amigos, uma interação em sala de aula, um editorial jornalístico, um programa de televisão.

John B. Thompson

3. PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 O PONTAPÉ INICIAL DA PESQUISA

Para iniciar a jornada metodológica, primeiramente, escolhi um tema que envolvia a minha identificação, enquanto profissional da educação, com uma questão de pesquisa que se alinhasse aos meus interesses e atividades acadêmicas como pesquisadora. Uma vez estabelecido o tema, o próximo passo foi realizar uma revisão completa da literatura. Esta etapa envolveu a leitura de trabalhos acadêmicos, publicados nos últimos cinco anos, relacionados ao tópico de pesquisa para obter insights sobre a compreensão atual do assunto e, ao mesmo tempo, das obras clássicas dos autores escolhidos.

Depois de me familiarizar com a literatura existente, passei para a fase de desenho da pesquisa. Isto envolveu a concepção de uma metodologia adequada e a seleção de técnicas apropriadas de coleta de dados.

Na pesquisa qualitativa, geralmente empregam-se métodos como entrevistas, grupos focais e observações para coletar dados ricos e aprofundados. É necessário considerar cuidadosamente os pontos fortes e as limitações de cada método para garantir que os objetivos da pesquisa sejam abordados adequadamente. De toda sorte, estes momentos serão um campo fértil para registros e análises de conteúdo que deverão ser para além das verbalizações (Demo, 1995, p. 230-255)

A princípio o tema da pesquisa foi apresentado à escola tendo em vista, as devidas autorizações para iniciar a pesquisa foram colhidas. O preenchimento dos termos de aceite pela equipe gestora da unidade escolar como campo a ser pesquisado foi assinado. Um segundo passo foi a solicitação de liberação para a EAPE - Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação, assim, autorizando a unidade escolar a me aceitar como pesquisadora em seu espaço. E por último, o projeto inicial da pesquisa, após a qualificação pela UNB, e todos os Termos de Assentimentos foram devidamente enviados e aceitos pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília autorizando o início da pesquisa. A partir desse momento eu já poderia me lançar totalmente na pesquisa.

Uma questão necessária é conhecer os documentos que regem a organização funcional da unidade escolar, então, dei-me conta que precisava examinar o Regimento Escolar Interno da escola. Na melhor das hipóteses, eu encontraria um documento elaborado a partir da participação de todos os protagonistas da escola, entretanto, foi completamente o oposto. Imediatamente iniciei o trabalho.

3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA A SER PESQUISADA - CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

A caracterização do campo de pesquisa é fundamental para entender de onde se parte e aonde se quer chegar. O CEF TELEBRASÍLIA está localizado na região Administrativa do Riacho Fundo I, Distrito Federal, atende 1298 estudantes (I-Educar, 2023) em dois turnos, matutino com 22 turmas do ensino fundamental 1, vespertino com 22 turmas do fundamental 2, conta com equipe pedagógica formada por diretora, vice-diretora, 4 professores readaptados de apoio à direção, 2 supervisores pedagógicos, 2 supervisores administrativos, 1 secretária escolar e 3 assistentes, 2 pedagogas orientadoras educacionais, 4 coordenadoras pedagógicas, 1 professora de sala de recursos e 2 pedagogas na equipe especializada de apoio a aprendizagem, 22 professores de anos iniciais, 29 professores de anos finais e demais servidores.

Uma fragilidade a ser observada e tratada com devido cuidado é a participação das coordenadoras pedagógicas no processo de pesquisa. Estas que escolheram sair da sala de aula para encararem uma nova experiência longe (de certo modo) da algazarra e balbúrdia dos estudantes, da responsabilidade da rotina diária com preparação de conteúdo, estratégias pedagógicas que facilitem a aprendizagem dos seus educandos, dos modismos trazidos das redes sociais para dentro da sala de aula, dos palavrões e brincadeiras inadequadas, dos conflitos e advertências pelos comportamentos inapropriados, se deparam com outra realidade: O que fazer com todos os seus colegas professores que agora as veem como aliadas à equipe gestora, cobradoras incansáveis de cumprimento de horários, limitando os pequenos minutos extrapolados no horário do intervalo na sala dos professores na hora do café, da prosa

e da fofoca, da descontração, do cumprimento dos prazos de entrega dos diários e relatórios.

Importa dizer que o fato da pesquisadora ser orientadora educacional lotada nesta escola facilitará este processo de escuta das coordenadoras pedagógicas, em poder colaborar com situações complexas sobre métodos de ensino há anos esquecidos ou sequer estudados, que em alguns momentos não conseguem orientar uma professora do BIA (Bloco Inicial de Alfabetização) sobre os processos de aprendizagem de Piaget e/ou Vygotsky para melhor auxiliar sobre a aprendizagem proximal ou qualquer outro recurso que possa facilitar a vida da professora recém empossada na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal que escolheu ser alfabetizadora.

Entretanto, precisam acompanhar todo o corpo docente, suas demandas, suas angústias, mediar conflitos, atender as famílias, fazer cobranças, serem amáveis para não detonarem a revolta, não dos *bichos* (Orwell, 2007), mas dos próprios colegas de trabalho. Difícil e árdua tarefa diária das coordenadoras pedagógicas com suas novas atribuições antes não conhecidas, mas urgentes em suas respostas para tantas demandas. Ter as coordenadoras pedagógicas como aliadas é fundamental para que a pesquisa encontre o espaço aberto e favorável para a sua realização, pois são, dentro da escola, o elo entre professores abertos à inovação e aqueles mais resistentes e conservadores no sentido de manutenção da rotina pedagógica.

A entrevista será feita com 5 profissionais da unidade escolar. Registrar o que pensam sobre sua própria postura dentro da escola será valioso para confrontar os dados de pontos de vista diferentes, pois são pessoas dotadas de saberes e conhecimentos por meio de suas experiências. Pensando em manter a neutralidade e veracidade das respostas, a entrevista acontecerá de forma individualizada, evitando assim a influência entre participantes durante as respostas.

Os estudantes dos 9º anos farão parte dos entrevistados pois já possuem percepção aguçada de como são tratados na escola, o que têm a falar das experiências, do jeito que se sentirem aptos a falar, com sua linguagem natural, sem

correções a respeito de como percebem a comunicação dos professores em sala de aula, bem como observar se conseguem identificar os mais diversos discursos e/ou narrativas manipuladoras nas falas dos professores. O acesso a esses estudantes, inicialmente, se fará após a devida permissão dos responsáveis.

Ao incentivar os alunos a questionar suposições, a desafiar preconceitos e a analisar diferentes perspectivas, a educação torna-se uma ferramenta de autorreflexão e de crescimento intelectual. O pensamento crítico aprimora as habilidades de resolução de problemas, permitindo que os alunos naveguem pelas complexidades do mundo além da sala de aula.

Para iniciar o acolhimento aos estudantes, elaborei uma entrevista semiestruturada para não perder o foco e não perder a profundidade durante a entrevista.

3.3 COLETA DE DADOS NA PESQUISA QUALITATIVA

A coleta de dados é uma etapa fundamental na realização de pesquisas qualitativas, sendo responsável por fornecer informações valiosas sobre o fenômeno em estudo. A pesquisa qualitativa busca compreender e interpretar os fenômenos em seu contexto natural, privilegiando a subjetividade e a complexidade dos dados obtidos.

Para atender a esse propósito, é necessário utilizar métodos de coleta de dados apropriados, que possibilitem a obtenção de informações ricas e detalhadas. Dentre os métodos mais utilizados estão a entrevista em profundidade, a observação participante e a análise documental²².

Optei pela entrevista em profundidade, uma técnica largamente empregada na coleta de dados em pesquisas qualitativas. Nesse método, o pesquisador conduz uma entrevista estruturada ou não estruturada com os participantes, permitindo a obtenção

²² Demo, P. Pesquisa qualitativa. Busca de equilíbrio entre forma e conteúdo. Rev.latino Americana Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 89-104, abril de 1998.

de informações subjetivas e a compreensão das diferentes perspectivas sobre o tema estudado. A observação participante, por sua vez, envolve a inserção do pesquisador no contexto em que o fenômeno ocorre, permitindo uma imersão e vivência direta nas experiências dos participantes.

Outra vantagem da coleta de dados em pesquisa qualitativa é a flexibilidade dos métodos utilizados. Diferentemente da pesquisa quantitativa, em que os procedimentos são mais padronizados, a pesquisa qualitativa permite adaptações e ajustes de acordo com as particularidades do estudo. Isso possibilita uma maior profundidade de análise e uma melhor compreensão dos fenômenos estudados (Demo, 1995).

Ao longo do percurso na coleta de dados, me deparei com um dos maiores desafios, um processo demorado e trabalhoso. A necessidade de estabelecer contato próximo com os participantes, realizar entrevistas extensas e análises detalhadas demanda tempo e dedicação por parte do pesquisador e os pesquisados não atentaram-se à questão da minha necessidade de cumprimento dos prazos.

Uma vez determinadas as técnicas de coleta de dados, procedi à coleta dos dados necessários. Esta etapa requer planejamento e organização cuidadosos para garantir que o processo de coleta seja eficiente e eficaz. Importa ressaltar que também deve-se garantir considerações éticas, como obter o consentimento informado dos participantes e manter a confidencialidade.

Em um primeiro momento algumas experiências foram resgatadas, entretanto, a minha imersão em campo foi necessária para o desenvolvimento da pesquisa evitando assim que a reprodução do mesmo conhecimento acerca do tema não seja difundido de forma cíclica e evite a confirmação de padronização de conhecimentos já prévios e conhecidos. O intuito é buscar novas formas de entendimento da realidade na qual estou inserida sem qualquer intenção de manter uma dúvida já conhecida, partindo da experiência como servidora da educação.

O mais importante é a devida formulação do problema a ser pesquisado e a sua construção seguirá a metodologia proposta por Demo (2022). Ressalta-se que a

observação participativa me permitiu observar com precisão os comportamentos e interações dos participantes da pesquisa, e foi primordial a observação.

Uma possibilidade, que se constrói será estabelecer a criação de espaço de confiança e respeito por se tratar de tema sensível e desconfortável para a grande maioria dos professores do ensino fundamental. Contudo, certa intimidade com o espaço e com as pessoas já existe enquanto profissional da orientação educacional vinculada à unidade escolar e por contar com estratégias de formação acadêmica e muitos anos de prática em escuta ativa e mediação de conflitos, o que tem grande possibilidade de facilitar o desenvolvimento da pesquisa. Todavia, todo cuidado e sensibilização na criação deste espaço de escuta serão necessários para total imersão, a fim de evitar os olhares desconfiados pelos corredores da escola e mesmo qualquer intenção de alguns professores tentarem minar as participações dos colegas.

Posto isso, o primeiro passo será apresentar o tema da pesquisa aos profissionais da escola, esclarecendo o seu objetivo e, principalmente, a partir da finalização da pesquisa, criar espaços de escuta sobre as principais dificuldades encontradas por professores, estudantes e famílias de como manter relacionamentos saudáveis no ambiente escolar, bem como criar estratégias para solucioná-las.

A entrevista profunda é um método de pesquisa poderoso que pode fornecer aos pesquisadores uma compreensão mais profunda das experiências dos participantes. O principal desafio da hermenêutica da profundidade é que ela exige que os pesquisadores sejam altamente qualificados para se envolver efetivamente com os participantes e extrair respostas significativas. Os pesquisadores também devem estar cientes do potencial de viés e estar preparados para abordar quaisquer questões que surjam durante o processo de pesquisa (Thompson, apud Demo, p.37, 2009).

Thompson é um renomado estudioso na área de estudos de comunicação, com foco específico na interseção entre mídia e sociedade. Seu extenso corpo de trabalho fornece informações valiosas sobre diversas teorias de comunicação e suas implicações práticas. O trabalho fundamental de Thompson em mídia e estudos culturais desempenhou um papel significativo no avanço da nossa compreensão de

como a mídia molda a cultura e vice-versa. Sua pesquisa lança luz sobre o papel da mídia na formação da opinião pública, das identidades sociais e das práticas culturais. Suas teorias enfatizam a interação dinâmica entre os textos da mídia, os públicos e as estruturas sociais mais amplas, ressaltando as intrincadas conexões entre as representações da mídia e as normas sociais.

O trabalho de Thompson sobre a hermenêutica da profundidade oferece uma perspectiva única na compreensão da complexidade e profundidade dos fenômenos sociais. Thompson argumenta que a análise superficial não consegue compreender o significado subjacente incorporado nos textos e práticas culturais. Sugere diversas estratégias interpretativas para se envolver efetivamente com a hermenêutica da profundidade, isso inclui análise histórica, semiótica e fenomenologia hermenêutica (Thompson, 2011).

A análise histórica permite aos investigadores situar os textos culturais nos seus contextos temporais, esclarecendo como refletem os valores sociais. A semiótica auxilia na decodificação de símbolos, sinais e sistemas de linguagem nesses textos. A fenomenologia hermenêutica auxilia na compreensão das experiências vividas e das interpretações subjetivas dos indivíduos dentro de um determinado contexto cultural (Thompson, 2011).

Ao se preparar para uma entrevista profunda, a partir da hermenêutica da profundidade, os pesquisadores devem desenvolver um plano para se envolver com os participantes, bem como uma estratégia para gerenciar quaisquer possíveis problemas que possam surgir. Devem estar cientes de quaisquer considerações éticas, como garantir que os participantes sejam totalmente informados sobre o objetivo da pesquisa e que suas respostas sejam mantidas em sigilo.

No entanto, é importante que os pesquisadores estejam cientes dos desafios e considerações éticas associadas a esse método, a fim de garantir que seja conduzido de maneira segura e respeitosa, bem como compreensão de suas perspectivas. Esta abordagem enfatiza a importância de ir além das interpretações superficiais para descobrir as camadas ocultas de significado nos textos e práticas culturais. Embora

apresente limitações, esta abordagem oferece um quadro valioso para a investigação social contemporânea, permitindo uma compreensão mais profunda das complexidades que moldam as sociedades.

Em sequência, não menos importante, é ter clareza do que se quer observar. No caso desta pesquisa, o estudo de caso partirá das coordenações coletivas realizadas às quartas-feiras aonde equipe gestora e professores se reúnem para discutir aspectos importantes da rotina escolar, situações-problema de estudantes e famílias, escolha de temas para formações ao longo do ano letivo, resoluções administrativas entre outros, de forma exploratória coletar dados sobre os fenômenos apresentados no que tange a fala violenta dos professores em relação aos alunos.

De toda sorte, estes momentos serão um campo fértil para registros e análises de conteúdo que deverão ser para além das verbalizações (Demo, 1995, p. 246) e futura descrição dos dados coletados, não limitados a um único estudo de caso, mas uma observação profícua no intuito que se insere, não estagnado a uma visão positivista simplória, todavia, uma visão ampliada que contribua para possíveis reflexões na comunidade escolar.

A acuidade na elaboração das perguntas que serão feitas aos professores é extremamente importante, sem causar desconforto e indignação, mas sem deixar sua profundidade de lado, entretanto, com sutileza e imbuídas de objetividade ao que se propõe. Ressaltando que a entrevista com os educadores será de total importância para a compreensão a que esta pesquisa se destina e serão realizadas de forma individual na sala da orientação educacional da escola.

3.4 PERCEPÇÃO DOS ENTREVISTADOS SOBRE A PRÁTICA DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NA ESCOLA

Ponto alto durante a pesquisa será entrevistar os profissionais da escola, ressaltando a importância da diversidade, professores antigos de casa, novatos, homens e mulheres, se em algum momento já se pegaram praticando algum tipo de

violência simbólica contra os estudantes. E nesse momento será relevante e necessário trazer o conceito de violência serenando e tranquilizando o primeiro impacto do professor ao ser questionado e pedindo que se abra e se livre de conceitos já pré-concebidos e julgamentos internalizados sobre o que pensa sobre violência, “as formas simbólicas servem para estabelecer e sustentar relações de dominação nos contextos sociais em que elas são produzidas, transmitidas e recebidas” (Thompson, 2011, p. 18).

Neste contexto, o conceito de violência simbólica, já citado por Bourdieu, será apresentado. Embora todas as classificações de violência simbólica de Bourdieu sejam importantes, serão analisadas, nesta perspectiva, “as categorias sociais de percepção, desses princípios sociais de visão e de divisão, as diferenças simbólicas que constituem uma verdadeira linguagem” na estrutura de dominação (Bourdieu, 1989).

Embora a hermenêutica de profundidade de Thompson ofereça insights valiosos, ela tem suas limitações. Alguns críticos argumentam que esta abordagem pode potencialmente levar a intermináveis camadas de interpretação, tornando ilusórias conclusões definitivas. Além disso, a hermenêutica da profundidade exige que os pesquisadores possuam um alto grau de subjetividade e intuição, o que pode ser um desafio para manter a objetividade na pesquisa. Essa fusão reconhece o fato de que cada leitor traz ao texto suas próprias perspectivas históricas, culturais e linguísticas, assim, interpretar um texto, no caso as entrevistas, requer uma vontade de colmatar diferenças e explorar entendimentos partilhados, enriquecendo, em última análise, a profundidade da interpretação.

Após a minha apresentação sobre o tema da pesquisa e dos conceitos trazidos por Pierre Bourdieu aos professores, tive a surpresa de ouvir de um professor que o seu Mestrado em História teve a fundamentação teórica em Bourdieu. No entanto, a maioria relatou que nunca ouviu falar do autor, tampouco, do conceito de violência simbólica. Alguns demonstraram interesse em pesquisar sobre o conceito e me trouxeram algumas devolutivas alguns dias depois.

Para trazer luz no percurso das entrevistas realizadas, criei uma entrevista semiestruturada como pontapé inicial para a conversa e quebrar o gelo, sem perder o motivo principal, pois esses momentos de diálogos, normalmente, duram além do tempo estabelecido, pois os professores se sentem carentes de alguém que os ouça, e enquanto pesquisadora, não poderia deixar que o objeto de pesquisa se perdesse ao longo do momento de escuta.

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA OS PROFISSIONAIS DA ESCOLA

- 1. Você percebe como a violência simbólica se manifesta na escola?**
- 2. Quais são as consequências da violência simbólica na escola?**
- 3. Quem são as principais vítimas da violência simbólica na escola?**
- 4. Como os professores podem contribuir para reduzir a violência simbólica na escola?**
- 5. Como os alunos podem se defender da violência simbólica na escola? Quais as principais causas da violência simbólica na escola?**
- 6. Como a falta de compreensão sobre a violência simbólica pode afetar o ambiente escolar?**
- 7. Você já percebeu ter praticado violência simbólica ou presenciou alguém que a tenha praticado no ambiente escolar? Descreva**
- 8. Você já participou de alguma formação sobre prevenção à violência simbólica na escola?**
- 9. Você já discutiu com alguém que cometeu um ato de violência simbólica contra aluno ou comunidade escolar?**
- 10. Você já se sentiu excluído de alguma conversa ou grupo de amigos dentro da escola?**

Uma entrevista delicada e profunda pode ser uma situação emocionalmente carregada e complexa, exigindo uma análise cuidadosa e uma compreensão crítica para extrair informações relevantes. Além disso, é fundamental considerar o ambiente em que a entrevista ocorreu. O local, as condições e a presença de outras pessoas podem influenciar as respostas e o comportamento dos participantes. Um entrevistado pode se sentir mais confortável em um determinado ambiente, enquanto outro pode ser afetado negativamente pelo ruído externo.

Outro aspecto importante é considerar as entrelinhas e os subtextos presentes na entrevista. Nem sempre tudo o que é dito é exatamente o que realmente se quer dizer. Entrelinhas e subtextos podem revelar informações valiosas sobre as intenções e preocupações dos entrevistados. Captar essas nuances pode ser desafiador, mas é essencial para uma análise completa e abrangente.

A análise de Thompson (Demo, 2009) tem três objetivos principais: identificar mudanças nos fatores, compreender as diferenças entre os pontos de dados parciais ao longo do tempo e explicar as diferenças entre os participantes. Também ajuda a estabelecer previsões sobre as tendências futuras e a estabelecer correlações entre fatores hipotéticos. Leva em consideração todas as características de um conjunto de dados e analisa mudanças específicas que acontecem ao longo do tempo. Ajuda os pesquisadores a descobrir padrões, aperfeiçoar previsões de tendências e identificar relações entre variáveis diferentes (Demo, 2009).

Algumas transcrições das entrevistas foram necessárias para que uma maior compreensão fosse realizada. Assim, manter a minha imparcialidade durante o tratamento dos dados coletados e chegar a um desfecho realista do que foi pesquisado.

3.5 VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NO REGIMENTO ESCOLAR INTERNO

Para identificar as ideias de Demo²³, examinei o Regimento Interno da Unidade Escolar a fim de analisar se sua construção foi feita de forma participativa e democrática com toda a comunidade escolar, contudo, me deparei com um Regimento feito por uma única integrante da equipe gestora que o entregou pronto, durante a semana pedagógica no início do ano letivo, e não acatou as observações feitas por alguns professores nos aspectos que discordaram com o que estava colocado.

²³ DEMO, Pedro. Participação é conquista. 5. ed. – São Paulo: Cortez, 2001.

A construção do Regimento, inicialmente, deveria operar com base no princípio de que todas as partes interessadas, incluindo estudantes, educadores, pais e administradores, têm voz nos processos de tomada de decisão, encorajando a participação ativa e com sentido de propriedade e responsabilidade dentro da comunidade escolar (Demo, 2001). As características centrais incluem assembleias regulares, conselhos estudantis eleitos e fóruns abertos onde várias perspectivas são ouvidas e consideradas. O Regimento Escolar Interno deve estabelecer regras e procedimentos claros, garantindo transparência, responsabilidade e justiça na governança e administração da escola (Demo, 2001).

Para melhor entender todas as formas de violência simbólica, a partir da postura autoritária, registradas explicitamente no Regimento Escolar em questão, vejamos. (Ressalta-se que o Regimento Escolar Interno é um documento público, de acesso público).



Senhores Pais e/ou responsáveis,

Seguem informações importantes relativas ao **Regimento Interno** deste Centro de Ensino, as quais devem ser observadas com atenção e cumpridas durante todo o ano letivo de 2023.

A atualização se dá em razão das novas Orientações da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal/SEEDF, com vistas ao combate à Covid-19, e da necessidade desta Unidade de Pública de Ensino em **reestruturar as questões disciplinares para o melhor aproveitamento das aprendizagens.**

1. De acordo com o artigo 129, inciso V, do ECA, é dever da família matricular, garantir a frequência, assiduidade e pontualidade dos estudantes, bem como acompanhar o desempenho escolar dos filhos.

2. O Horário dos turnos está organizado da seguinte forma:

Matutino: 07h30 às 12h30

Vespertino: 13h15 às 18h15.

3. Não haverá entrada de alunos após às 07h45 (no turno matutino) e após às 13h30 (no turno vespertino). Não haverá entrada no "segundo horário" (noturno vespertino). Para todos os casos haverá exceção para o estudante que apresentar justificativa legal (ou seu responsável).

4. A saída antecipada será permitida apenas mediante justificativa feita à Direção pelo responsável legal, junto à Secretaria da escola, e não deverá configurar rotina, devendo a família estar ciente da perda pedagógica nesse caso.

5. Caso o estudante opte por trazer seu lanche de casa, deverá trazê-lo em sua mochila. Deverá trazer também seu material escolar, garrafinha de água e tudo mais que se fizer necessário à aula, pois não dispomos de pessoal específico para fazer entregas aos estudantes depois que estes adentram ao ambiente escolar, além de que não é viável interromper as aulas que já estão em andamento, salvo em caso de laudo médico.

6. O Estudante, sob hipótese nenhuma, deverá ficar por tempo demasiadamente prolongado, aguardando os pais ou o responsável que virá buscá-lo, quer seja dentro da escola, quer seja fora. Caso ocorra algo do tipo, a título de segurança e proteção do discente, a escola solicitará apoio de outras instâncias a fim de assegurar os direitos da criança e do adolescente.

7. Os portões serão abertos nos horários indicados acima e fechados 15 minutos depois, após período de tolerância considerando eventuais atrasos.

8. O estudante terá 15 (quinze) minutos de tolerância para a entrada e caso complete 03 (três) atrasos consecutivos na semana ou 5 (cinco) alternados no mês, a família será convocada para ciência e ajustes.

9. A família deverá se atentar e acompanhar os estudantes que apresentam problemas de saúde recorrentes, (dor de cabeça, dor de barriga, ânsias, crises de pânico, entre outros), principalmente após o intervalo, a fim de inibir ou fazer cessar estratégias dos estudantes de faltarem às últimas aulas do dia e, caso haja veracidade nos relatos dessas queixas, que a família comunique à escola e procure ajuda junto aos órgãos da Saúde.

10. Não compete à escola disponibilizar, nem administrar qualquer tipo de medicamento aos estudantes, sob nenhuma hipótese.

11. Os professores atenderão aos pais, exclusivamente, em horário contrário ao turno de regência, nos dias previstos para a coordenação e com agendamento prévio, via agenda ou outro meio.

12. Os alunos deverão se apresentar às aulas, devidamente uniformizados, com a **camiseta escolar padronizada pela SEEDF, calça ou bermuda azul, preta ou cinza e tênis**, conforme Portaria nº 17, publicada no DODF de 20/01/2014. Não será permitido o uso de camisa de time ou seleção sob o uniforme escolar.

13. Para as aulas de Educação Física será obrigatório o uso de vestimenta adequada:

Meninas: calça ou bermuda ciclista, preta ou cinza e a camisa do uniforme escolar.

Meninos: bermuda de tãctel ou helanca azul, preta ou cinza e a camisa do uniforme escolar.

Observações: Todos devem usar tênis nas aulas de Educação Física ou Recreação (assim como em todos as demais aulas) e trazer sua garrafa de água.

O estudante que tiver algum impedimento físico ou de outra natureza, para as práticas das aulas de educação física, deverão, obrigatoriamente, apresentar atestado médico que justifique seu afastamento das atividades.

Não será autorizado a nenhum estudante que não esteja participando das aulas de Educação Física, que este se dirija aos espaços onde as aulas estão acontecendo, ou ali permaneçam, sem a autorização do(a) professor(a) da área.

14. A escola não possui vestiários, portanto, nos dias que houver aula de Educação Física ou Recreação, os alunos deverão vir uniformizados como indicado acima.

15. Será proibida a entrada de garrafas (exceto garrafinha de água), latas de refrigerantes, suco e energéticos, a fim de coibir o uso de bebidas alcoólicas no interior da escola.

16. De acordo com o Projeto Político Pedagógico desta Unidade de Ensino – PPP, e conforme a Lei nº 4131/2008 do DF, será terminantemente proibido aos estudantes o uso de aparelhos eletrônicos (telefones celulares, fones de ouvido, caixas de som, entre outros), tanto nas salas de aula convencionais, quanto nos ambientes das aulas de Educação Física, exceto quando o uso dos referidos equipamentos, façam parte do plano de aula do professor regente e este tenha solicitado seu uso na ocasião.

17. De acordo com o Regimento Interno Escolar, as sanções previstas no caso de descumprimento das normas acima estabelecidas, serão:

18. Advertência Oral; Advertência Escrita; Suspensão de até 3 dias e Transferência Compulsória, não sendo necessário o cumprimento dessa sequência, dependendo da gravidade da infração, a ordem de aplicação das sanções, poderão ser antecipadas.

19. O estudante e sua família têm a responsabilidade de cuidar do livro didático, identificando-o, e encapando-o e, ao final do ano letivo, devolvendo-o à escola em condições de uso. Em caso de perda do livro didático, o mesmo deverá ser ressarcido pela família do aluno, conforme **Termo de Compromisso** assinado pelos responsáveis.

20. Em caso de infrequência por doença, os atestados médicos deverão ser entregues no prazo de até 5 (cinco) dias úteis, conforme Regimento Escolar da SEEDF. Ressaltamos que, para o caso de o estudante completar 3 (três) faltas consecutivas ou 5 (cinco) faltas alternadas no mês, a escola deverá, por meio de processo escolar, informar ao Conselho Tutelar.

21. O horário de atendimento presencial da Secretaria Escolar à comunidade fica estabelecido da seguinte forma: De segunda-feira à quinta-feira, de 08h às 11h e de 14h às 17h. Na sexta-feira o expediente será interno.

22. O horário de atendimento presencial da Direção Escolar à comunidade fica estabelecido da seguinte forma: Às terças-feiras e quintas-feiras, de 08h às 11h e de 14h às 17h. Nos demais dias da semana a Direção atenderá aos pais e/ou responsáveis que fizerem agendamento prévio, via agenda do estudante, e-mail ou telefone da escola, bem como atenderá àqueles que forem convocados pela Unidade Escolar.

23. Informamos aos senhores pais e/ou responsáveis que é importante acompanhar as redes sociais da escola, porém ressaltamos que as mesmas não são meios oficiais de comunicação e que servem exclusivamente, à comunicação informal. Lembramos ainda que, nesses ambientes, Facebook e Instagram, deve ser mantido o devido decoro e respeito aos Servidores Públicos e ao corpo discente deste CEF.

24. Lembramos que a cordialidade e a boa educação são imprescindíveis para o bom convívio e que, conforme art. 331 do Código Penal – Lei nº 2848/40, caracteriza-se passível de pena por desacato ao Servidor Público no exercício da sua função ou em razão dela.

Desejamos a todos os alunos e familiares um ano letivo proveitoso e rico em aprendizagens.

Atenciosamente, **EQUIPE GESTORA DO CEF TELEBRASÍLIA 2023**

Início a observação realizada logo na frase **“reestruturar as questões disciplinares para melhor aproveitamento das aprendizagens”**, percebe-se que a reestruturação do REI (Regimento Escolar Interno) para o ano de 2023 visou as questões “disciplinares” para garantir as aprendizagens.

É importante pensar sobre a indisciplina escolar, contudo, o aproveitamento do processo de aprendizagem perpassa por vários fatores para além das questões disciplinares. “A participação de todos os membros da escola nos processos decisórios não exclui a necessidade de planejar, de administrar, de coordenar o trabalho das pessoas, de fazer o acompanhamento e a avaliação sistemática do trabalho escolar”²⁴ (Libâneo, 2001).

Garantir oportunidades iguais para todos os alunos participarem ativamente pode ser um desafio quando existem capacidades individuais ou barreiras linguísticas, como já citado em outro momento sobre a dificuldade da comunicação entre professor-aluno. Além disso, equilibrar efetivamente a tomada de decisões liderada pelos alunos com a experiência educacional dos professores é crucial para manter os padrões acadêmicos e os objetivos de aprendizagem.

Como sugestão: **“Estimular o engajamento de toda comunidade escolar com foco no melhor aproveitamento das aprendizagens.”**

No item 1: O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)²⁵ é o principal instrumento normativo no Brasil que assegura direitos e deveres às crianças e adolescentes. O artigo 129, inciso V do ECA, citado no REI, estabelece o dever da família de acompanhar a vida escolar dos filhos. Entretanto, a escola também tem o dever de oferecer educação de qualidade para o pleno desenvolvimento do estudante.

²⁴ Libâneo, J. C. Pedagogia e pedagogos...Educar, Curitiba, n. 17, p. 153-176. 2001. Editora da UFPR. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/xrmzBX7LVJRY5pPjFXXQgnS/?format=pdf>. Acesso em 30 de dez de 2023.

²⁵ **ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE**, Lei nº 8.069 de 13/07/1990. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/busca?q=art.+53+do+estatuto+da+crian%C3%A7a+e+do+adolescente+-+lei+8069%2F90>. Acesso dia 30 de dez de 2023.

Como sugestão: **“Art. 53 da Lei nº 8.069 de 13 de Julho de 1990:**

A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se-lhes:

- I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;**
- II - direito de ser respeitado por seus educadores;**
- III - direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores;**
- IV - direito de organização e participação em entidades estudantis.”**

Item 2: Mantém

Item 3: Como sugestão: **“A escola preza pelo cumprimento dos horários de suas aulas. Contudo, havendo algum imprevisto no qual o estudante não consiga cumprí-los, a direção da escola, secretaria e professores devem ser informados previamente para que seja proposta uma solução viável e assim não haver nenhum prejuízo pedagógico.”**

Item 4: Como sugestão: **“A saída antecipada pelo estudante, por alguma eventualidade, deve ser informada à equipe gestora da escola, pelo seu responsável legal”.**

Item 5: Como sugestão: **“O cardápio do lanche é disponibilizado semanalmente pela cantina da escola. Caso o estudante opte por trazer o seu próprio lanche, deve trazê-lo de forma acomodada em sua mochila, mantendo a sua condição higiênica preservada e protegida. A escola não dispõe de geladeira ou microondas para uso estudantil.”**

Item 6: Como sugestão: **“Caso o estudante necessite permanecer por maior tempo na escola, além da sua grade horária diária, por alguma eventualidade, a equipe gestora deve ser informada pelo seu responsável legal .”**

Item 7: Como sugestão acrescentar: **“O fechamento dos portões, no horário estipulado, deve-se à manutenção da segurança da escola.”**

Item 8: Como sugestão: **“Atrasos recorrentes devem ser informados à equipe gestora e coordenação pedagógica para que sejam providenciados os ajustes necessários junto aos responsáveis.”**

Item 9: Como sugestão: **“Os estudantes que apresentarem recorrentes problemas de saúde como gripes, alergias, intolerâncias a alguma produto alimentício ou qualquer outro fator de risco e que necessite intervenção médica, os responsáveis devem apresentar junto à equipe gestora, secretaria e coordenação pedagógica os devidos laudos médicos ou recomendações médicas a fim de preservar o estudante de qualquer fator que possa agravar o seu problema de saúde. Ressalta-se que a liberação do estudante, por motivo de saúde, só será feita mediante o contato com o seu responsável legal.”**

Item 10: Como sugestão: [PORTARIA CONJUNTA Nº 19, DE 23 DE NOVEMBRO DE 2017](#)

(*)

“Art. 1º Os estudantes da Rede Pública de Ensino do DF serão medicados nas Unidades de Ensino somente nos casos em que seja imprescindível à administração do medicamento em horário escolar, mediante receitas/prescrições de profissional médico ou dentista, contendo o nome do aluno, a dosagem do medicamento, a forma e o horário de aplicação.

Parágrafo único. Na impossibilidade de administração dos medicamentos no domicílio, tal procedimento será realizado na Unidade de Ensino, com o auxílio dos profissionais de educação devidamente treinados, somente mediante autorização, por escrito, dos pais ou responsáveis legais, permitindo a administração desse(s) medicamento(s).”²⁶

Item 11: **“O atendimento aos pais/responsáveis pelos professores acontecerá no turno contrário ao das aulas, nos dias previstos para a coordenação pedagógica.”**

²⁶ PORTARIA CONJUNTA Nº19 DE 23 DE NOVEMBRO DE 2017. Disponível em: https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/3afea345aa404806b251a8ef5c7c5230/Portaria_Conjunta_19_23_11_2017.html . Acesso dia 30 de dez de 2023.

Item 12: Como sugestão: **“O uso do uniforme escolar é obrigatório de acordo com a Portaria nº, de 20 de janeiro de 2014/SEEDF, sendo vedada sua customização e qualquer forma de sua descaracterização.”**

Mantêm-se os itens 13, 14 e 15.

Item 16: Como sugestão: **“Utilizar aparelho celular na sala de aula, no horário de aula, ressalvados os casos de utilização estrita para fins pedagógicos.”**

Item 17 ao 24: Como sugestão: **“Art. 307 do Regimento da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal. São deveres dos estudantes:**

I - conhecer e cumprir este Regimento;

II - comprometer-se com a organização de seu tempo de estudo, com vistas às suas aprendizagens;

III - comparecer pontual e assiduamente às atividades escolares;

IV - solicitar autorização à equipe gestora, quando necessitar se ausentar das atividades escolares;

V - usar o uniforme adotado pela Rede Pública de Ensino do Distrito Federal, bem como a carteira de identificação escolar;

VI - zelar pelo patrimônio, pela limpeza e pela conservação do ambiente escolar, das instalações, dos equipamentos e dos materiais existentes na unidade escolar;

VII - reconhecer e respeitar o outro na sua dignidade como pessoa humana, considerando a diversidade, sem distinção de raça/etnia, territorialidade, gênero, sexualidade, convicção política, filosófica ou religiosa, e condições sociais, físicas, intelectuais, sensoriais e comportamentais;

VIII - responsabilizar-se em caso de dano causado ao patrimônio da unidade escolar, se maior de idade, ou sua família e/ou responsável legal, quando menor; IX - participar das atividades pedagógicas desenvolvidas pela unidade escolar, respeitados seus direitos;

X - zelar pelo acervo da Biblioteca/Sala de Leitura;

XI - zelar pelo livro didático e material recebido pelo Plano Nacional do Livro Didático - PNLD/Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE;

XII - zelar pela correta utilização e conservação dos materiais e pela devolução dos livros didáticos reutilizáveis ao final de cada ano letivo.

O Regimento Escolar²⁷ é um poderoso instrumento de participação e inclusão. Apresenta inúmeros benefícios na promoção de ambientes educacionais inclusivos. Em primeiro lugar, permite que os alunos se envolvam ativamente no seu percurso de aprendizagem, promovendo a autonomia e a autoeficácia. Em segundo, reforça os valores democráticos, como o respeito pelas opiniões diversas, incentivando o diálogo e a construção de consensos. Em terceiro lugar, contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico e das competências de resolução de problemas, à medida que os alunos participam ativamente nos processos de tomada de decisão (Watanabe, 1999).

Fiz uma leitura cuidadosa do documento, sublinhei o que parecia-me inadequado e apresentei minhas sugestões à vice-diretora. Não houve nenhuma demonstração de abertura para debater os pontos por mim citados e sem a menor cerimônia, foi devidamente engavetada a minha proposta de avaliação e sugestão de discutir alguns itens.

A implementação do Regimento Escolar pode apresentar vários desafios. Exige uma mudança nas estruturas de poder hierárquicos tradicionais dentro das escolas, uma vez já explanada acima pelas ideias de Demo (2001) o que pode encontrar resistência por parte de algumas partes interessadas que temem a perda de controle.

Para enfrentar os desafios na implementação do Regimento Escolar, é imperativo fornecer formação abrangente a todas as partes interessadas. Os educadores devem estar equipados com as competências pedagógicas necessárias para facilitar a tomada de decisões liderada pelos alunos, sem comprometer os resultados acadêmicos. Hargreaves²⁸ ressalta sobre o perigo que o individualismo representa nas sociedades atuais, que pode fomentar uma cultura de competição, ao nível das escolas e do ensino, na medida em que não haja partilha ou reflexão em conjunto.

²⁷ Watanabe, Tsutaka. Papel do regimento escolar na organização e funcionamento da escola pública. 1999. 654 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

²⁸ Hargreaves, Andy. O ensino na sociedade do conhecimento. A educação na era da insegurança. Porto: Porto Editora, 2003.

Rodas de conversas regulares sobre valores democráticos podem ajudar a promover uma cultura de respeito e inclusão. Além disso, estabelecer diretrizes claras que garantam representação e oportunidades iguais para todos os alunos, independentemente de suas habilidades ou proficiência, pode mitigar possíveis barreiras durante a construção e reestruturação do regimento.

A estratégia utilizada pela unidade escolar foi, durante as primeiras semanas de aulas, os professores se dedicaram a “ler” o Regimento em todas as turmas para que os estudantes ficassem cientes das regras a serem cumpridas ao longo do ano letivo de 2023.

Ao participar ativamente na governação democrática das suas escolas, os alunos desenvolvem competências de liderança, capacidades de pensamento crítico e tornam-se cidadãos bem informados. O envolvimento em processos coletivos de tomada de decisão promove a colaboração, a empatia e a valorização de diversas perspectivas – qualidades indispensáveis em ambientes profissionais e sociais. Além disso, a experiência do Regimento Escolar permite que os estudantes apreciem a importância dos ambientes educacionais inclusivos e se tornem defensores dos princípios democráticos ao longo de suas jornadas escolares.

Observa-se, no Regimento Escolar Interno apresentado, como a escola ainda encontra-se aquém deste processo participativo, deixando a desejar na questão da troca de saberes, da rica reciprocidade no ensinamento aos seus estudantes sobre o que é exercer o seu papel como cidadão do seu espaço escolar.

3.6 ELABORANDO UM REGIMENTO ESCOLAR DEMOCRÁTICO E INCLUSIVO (QUASE UMA RECEITA DE BOLO)

Um regime escolar democrático promove a participação dos alunos e a tomada de decisões partilhadas, elementos-chave necessários para a criação de um regime escolar inclusivo, enfatizando a importância da igualdade de oportunidades, da

diversidade e da tomada de decisões colaborativa. Dewey²⁹ enfatizou a necessidade de as escolas se adaptarem às mudanças sociais e fornecerem aos alunos uma educação relevante e experiencial, como foco na importância da governança democrática nas escolas para promover uma cidadania ativa.

Apresentei para a equipe gestora uma sugestão de questões a serem trabalhadas e discutidas entre professores e estudantes, previamente, a elaboração do Regimento Escolar com o intuito de criar momentos de reflexões em rodas de conversas e proporcionar a participação coletiva em sua elaboração, entretanto, não houve aderência à minha proposta.

Alguns elementos básicos sugeridos como temas para as discussões para a elaboração e a importância de construir um regimento escolar participativo e inclusivo, os benefícios que ele traz, desafios potenciais e estratégias eficazes para implementação.

1. Participação Igualitária: Todos os alunos devem ter oportunidades iguais de expressar suas opiniões, contribuir com ideias e participar ativamente nas discussões em sala de aula.

Objetivo: Incentivar a diversidade e a inclusão para promover um ambiente onde todos os alunos se sintam valorizados e respeitados.

2. Regra da maioria com respeito pela minoria: As decisões numa sala de aula democrática devem ser tomadas por maioria de votos.

Objetivo: Cultivar uma atmosfera que respeite os pontos de vista das minorias, garantindo que as suas perspectivas sejam ouvidas e consideradas, permitindo um processo de tomada de decisão bem informado.

3. Liberdade de Expressão: Os alunos devem ter a liberdade de expressar os seus pensamentos, ideias e preocupações sem medo de julgamento ou represália.

²⁹ Dewey, J. Democracia e educação : introdução à filosofia da educação. 4ª. Ed., Cap. 7, São Paulo. Cia. Ed. Nacional, 1979 (p. 87-107).

Objetivo: Estabelecer um diálogo aberto e criar espaços seguros para tal expressão, assim, melhorar o pensamento crítico e promover uma cultura de independência intelectual.

4. Escuta Ativa: Os alunos devem ser incentivados a ouvir ativamente e a se envolverem com as ideias e argumentos de seus colegas.

Objetivo: Desenvolver a empatia e melhorar sua capacidade de construir argumentos racionais.

5. Discurso Respeitoso: Os participantes, alunos e professores, numa sala de aula democrática, devem envolver-se num diálogo respeitoso e construtivo.

Objetivo: Aprender a discordar respeitosamente e a desafiar ideias sem ataques pessoais, incentivar o crescimento intelectual e nutrir uma cultura de comunicação tolerante e respeitosa.

6. Colaboração e construção de consenso: O incentivo a processos colaborativos de tomada de decisão promove fortes habilidades interpessoais e facilita a criação de soluções inovadoras.

Objetivo: Aprender a trabalhar em conjunto, discutir opções e lutar pelo consenso para se tornarem tomadores de decisões responsáveis e inclusivas.

7. Oportunidades de liderança democrática: Os alunos devem ter amplas oportunidades para assumir funções de liderança, organizar eventos e formular regras ou diretrizes.

Objetivo: Envolver os alunos no processo de tomada de decisão e aprender as responsabilidades e os desafios da liderança democrática.

8. Transparência e responsabilidade: Uma sala de aula democrática deve priorizar a transparência nos procedimentos administrativos, métodos de avaliação e ações disciplinares.

Objetivo: Compreender o raciocínio por trás das decisões que os afetam e ser incentivados a auto responsabilização.

9. Respeito pelos valores democráticos: Os professores devem inculcar valores democráticos através de ensinamentos e modelos de comportamento.

Objetivo: Aprender a importância da equidade e justiça como pilares fundamentais da democracia, extrapolando esses princípios para outros aspectos da vida.

10. Avaliação e Adaptação Contínuas: Uma sala de aula democrática deve avaliar consistentemente os seus processos, regras e estruturas para garantir que se alinham com as necessidades dos alunos e com a dinâmica social em evolução.

Objetivo: Promover o envolvimento ativo de todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Em conclusão, construir um regimento escolar participativo e inclusivo é um passo fundamental na criação de um ambiente onde cada aluno se sinta valorizado, apoiado e incluído. A colaboração e a tomada de decisões partilhada capacitam estudantes, pais, professores, administradores e membros da comunidade a contribuir ativamente para o desenvolvimento de uma instituição educacional acolhedora e equitativa. Apesar dos desafios, a implementação de estratégias que promovam a comunicação aberta, a empatia e o respeito pode resultar num regimento escolar bem-sucedido. Ao fazer isso, a escola pode se esforçar para atender às diversas necessidades de seus alunos, promovendo práticas educacionais sustentáveis e inclusivas.

4. O QUE OS PROFISSIONAIS DA ESCOLA CONHECEM ACERCA DE EDUCAÇÃO EM E PARA OS DIREITOS HUMANOS

A educação em direitos humanos desempenha um papel crucial na formação de indivíduos como cidadãos globais responsáveis e informados. Portanto, avaliar o desempenho dos professores neste domínio torna-se vital, garantindo a transmissão eficaz de conhecimentos e competências relacionadas com os direitos humanos.

Para conhecer o corpo docente e profissional da unidade escolar, inicialmente, realizei um levantamento quantitativo, a partir de um questionário, com questões referentes aos Direitos Humanos, ou seja, se os profissionais atuantes no CEF Telebrasilândia possuem conhecimento ou formação sobre os Direitos Humanos. Posteriormente, esses dados coletados foram devidamente registrados e analisados.

A avaliação dos professores na educação para os direitos humanos é essencial por múltiplas razões. Em primeiro lugar, permite a melhoria contínua das práticas de ensino, garantindo que os educadores se mantenham atualizados com conceitos e metodologias relevantes. Em segundo lugar, ajuda a identificar áreas fortes e fracas, permitindo que os professores se concentrem no desenvolvimento profissional alinhado com as necessidades dos alunos. Por último, a avaliação promove a responsabilização e a transparência nos sistemas educativos, promovendo a garantia de qualidade e o acesso equitativo a oportunidades de educação em direitos humanos para todos.

Esta pesquisa demonstrou a complexa questão de como os professores muitas vezes não conseguem compreender aspectos importantes dos direitos humanos, analisando criticamente as implicações tanto para os alunos como para a sociedade em geral.

Segue o modelo de questionário inicial aplicado aos professores sobre os seus conhecimentos dos direitos humanos. Informo que esta pesquisa foi realizada de forma presencial e via formulário google forms.

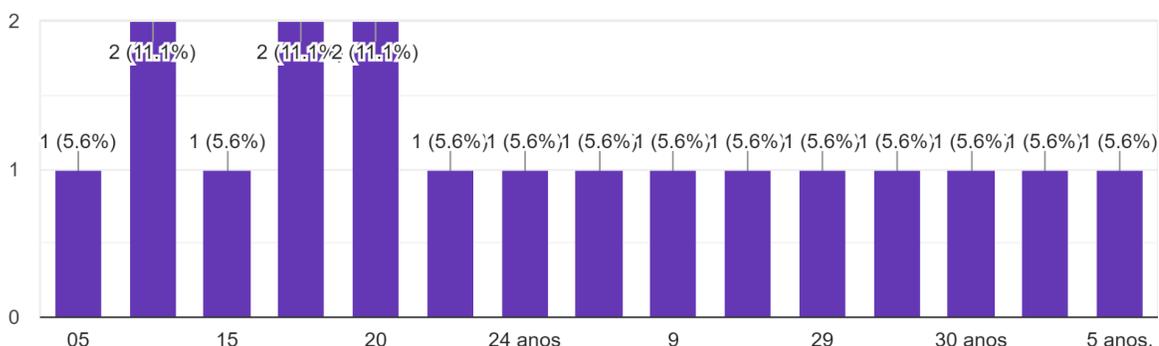
- 1. Dados pessoais: nome, idade e formação.**
- 2. Quantos anos de atuação na SEEDF você tem?**
- 3. O que você conhece dos Direitos Humanos?**
- 4. Já participou de alguma formação em educação para os Direitos Humanos? Se sim, o que foi estudado?**
- 5. Como você recebe informações sobre direitos humanos? (Mídia, cursos, palestras, etc)**
- 6. Quais tópicos você considera mais importantes para a formação sobre direitos humanos na escola.**

7. **Você gostaria de se envolver na aplicação de direitos humanos na escola e outras formas de informar ou educar o público em relação às questões envolvendo direitos humanos?**
8. **Você já presenciou situações de desafios ao aplicar os direitos humanos na escola?**
9. **Comente sobre situações específicas nas quais os direitos humanos foram violados e como foram tratadas.**
10. **Você se sente bem informado (a) sobre as diferentes políticas e leis relacionadas aos direitos humanos? Por que?**
11. **Qual tema você gostaria de conhecer sobre os Direitos Humanos?**

Respostas da questão número 02. Percebe-se, a partir do gráfico, que o tempo mínimo de atuação dos professores na SEEDF é de cinco anos.

Quantos anos você tem de atuação na SEEDF?

18 responses



Respostas da questão número 10. Algumas respostas foram transcritas evidenciando a falta de formação dos educadores em Direitos Humanos.

10. Você se sente bem informado(a) sobre as diferentes políticas e leis relacionadas aos Direitos Humanos? Por que?

Não

Não

Não. Por falta de informações sobre a temática.

Não muito. Por falta de oportunidades de formação.

Não, porque é uma temática que precisa ser amplamente divulgada. Pois a informação é libertadora!!

Não.

Sinto que não estou bem informada.

Não muito!

Não, elas não são muito divulgadas

Não me sinto. Falta de buscar mais a respeito do assunto

Preciso de mais informações.

Preciso me informar um pouco mais.

Não o suficiente. Vivemos em Mundo de muitas informações e essas são de extrema superficialidade.

Sim.

Sim. Porque minha formação foi através de tutores da USP.

Interessante observar como as respostas encaminham a resposta da hipótese sobre a falta de formação dos professores em Direitos Humanos ao longo da sua atuação na educação. Fator importante a ser observado como nítida violação de direitos e principalmente de prática de violência simbólica registrada nestas respostas.

Respostas à pergunta número 9 do questionário aplicado.

9. Comente sobre situações específicas nas quais os Direitos Humanos foram violados e como foram tratadas?

Defasagem idade/série, Alunos menores na EJA sem respeito às suas características individuais e em grupo, considero violação do direito à educação. Não considero que nada do que é feito para sanar esse dano seja realmente efetivo.

Tratamentos diferenciados um do outro.

Situações em que estudantes foram expulsos das escolas. Nos casos que presenciei, os estudantes foram expulsos devido a problemas de comportamento, no entanto, teriam que ir para a Eja, as escolas ficavam longe, distantes das residências e a oferta apenas a noite. Isso impossibilitava a continuação dos estudos desses sujeitos.

O direito de expressar, foi tratado como uma coisa banal

Na própria escola, situações de estudantes negros, classe popular serem excluídos do sistema educacional. Acontece frequentemente

Baseando-se na pesquisa e examinando exemplos da vida real, relatados nas respostas ao questionário, esta pesquisa pretende lançar luz sobre as consequências potenciais dessa ignorância (no sentido de ignorar um conhecimento) e a necessidade urgente de os educadores serem bem versados em direitos humanos.

A educação para os direitos humanos é um componente essencial de qualquer sistema educativo abrangente. Ela equipa os alunos com o conhecimento e as habilidades necessárias para compreender, respeitar e defender os direitos fundamentais de todos os indivíduos. Segundo a UNESCO, a educação em direitos humanos abrange a educação sobre os direitos humanos, a educação através dos direitos humanos e a educação para os direitos humanos, com o objetivo de cultivar uma cultura de respeito, tolerância e igualdade (UNESCO, 2011).

Consequentemente, os professores desempenham um papel central para garantir que os alunos recebam uma educação completa em direitos humanos. Uma das principais razões pelas quais alguns professores não o fazem compreender os direitos humanos decorre da sua falta de familiaridade com os quadros e declarações estabelecidas no terreno. Por exemplo, a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) é um documento seminal que descreve os direitos e liberdades básicas a que cada pessoa tem direito. Infelizmente, muitos educadores não estudaram adequadamente este documento ou os seus tratados subsequentes, levando a uma lacuna na sua compreensão dos princípios dos direitos humanos.

A educação em e para os direitos humanos não deve limitar-se a uma evento único, mas visto como um processo contínuo e vitalício. Devem ser oferecidas

oportunidades de desenvolvimento profissional contínuo aos professores, permitindo-lhes melhorar as suas competências, conhecimentos e pedagogia em matéria de direitos humanos.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DO CORPO DOCENTE DA ESCOLA

Início este tópico com o intuito de descrever sobre o corpo docente da unidade escolar na qual eu estava observando e pesquisando. Confesso que devo escrever um relato de modo direto e incisivo sobre alguns protagonistas da escola, pois estas descrições farão toda a diferença para a compreensão ao final da pesquisa.

O corpo docente do CEF Telebrasilía, no ano de 2023, era composto por maioria de professores de contratos temporários. Supõe-se que os professores efetivos da escola tinham uma postura diferenciada, pois, no contexto da educação pública, é crucial ter professores comprometidos e dedicados que estejam genuinamente investidos na melhoria dos seus alunos e da sociedade como um todo, são características fundamentais e qualidades dos professores que estão verdadeiramente comprometidos com a educação pública, todavia, o contrário é totalmente possível.

Uma das principais características dos professores que estão comprometidos com a educação pública é sua paixão inabalável pelo ensino. Eles possuem um amor genuíno por suas disciplinas e desejo de mediar os conhecimentos aos seus alunos. Sua dedicação vai além do mero ensino em sala de aula. Se dedicam ao bem-estar geral de seus alunos e se esforçam para criar um ambiente de aprendizagem positivo e inclusivo.

Dito isto, início com a descrição de uma professora da disciplina de língua inglesa, estava como contrato temporário, iniciou suas aulas no mês de junho, para substituir a professora efetiva que estava de licença a tratamento de saúde (LTS).

Faço uma ressalva em relação aos nomes dos atores descritos, por questões éticas, o nome original não será citado, no entanto, usarei codinomes de escritores e outros personagens históricos de relevância, alguns puramente por terem algumas características próximas, se identificam de alguma forma com o relato descrito, contudo, outros apenas para proteger os protagonistas da pesquisa.

Descrição 1: A professora diferente, Anne Frank

Vou chamá-la **Anne Frank**³⁰, por considerá-la uma professora diferenciada na educação pública. Ela iniciou as aulas de maneira única, despertando a curiosidade e gosto dos estudantes pela disciplina de língua inglesa como nunca eu havia visto na escola pública. Uma professora comprometida com a educação pública e que entendia a importância da igualdade de oportunidades para todos os estudantes e sem contar a empatia e doçura com a qual tratava os alunos, simplesmente, encantadora.

Ela defendia práticas inclusivas que garantiam que cada aluno recebesse o apoio necessário para prosperar na escola e pessoalmente. Essa professora trabalhava ativamente para eliminar barreiras à educação, por meio de métodos de ensino flexíveis, recursos acessíveis e planos de aula individualizados. Logo de cara gostei da sua postura e me aproximei para conhecê-la melhor, pois me remete à fala de Paulo Freire (1996) no que se refere ao tratamento dado ao estudante

Mesmo uma disciplina que parecia não ter muita importância dentro da maioria das realidades dos estudantes da escola pública como o inglês, **Anne Frank** conseguiu transformar essa visão em algo totalmente diferente. Os estudantes a recebiam, e a qualquer outro visitante na turma, com frases prontas em inglês

³⁰**Annelies Marie Frank**. Foi uma judia nascida na Alemanha que manteve um diário no qual documentava a vida na clandestinidade sob nazista durante a ocupação alemã da Holanda. Ela é uma diarista célebre que descreveu a vida cotidiana no esconderijo de sua família em um de Amsterdã. Uma das vítimas judias mais discutidas do Holocausto, ela ganhou fama postumamente com a publicação de 1947 de *O Diário de uma Jovem* (originalmente *Het Achterhuis* em holandês, lit. 'a casa dos fundos'; Inglês: *O Anexo Secreto*), em que ela documenta sua vida na clandestinidade de 1942 a 1944 - é um dos livros mais conhecidos do mundo e serviu de base para diversas peças e filmes. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Anne_Frank. Acesso dia 16 de jan de 2024.

(aprenderam com ela) como “**good afternoon, welcome, how are you?**” e até mesmo ousavam fazer alguns pedidos em inglês como “**may I go to the restroom/ toilet?**”, era bonito de ver, observar um comportamento diferenciado do grupo do cancelamento. Vou explicar do que se trata esse grupo para que o perfil dos protagonistas mais relevantes seja traçado.

Descrição 2: Grupo do cancelamento

Iniciei as atividades no começo do ano como orientadora educacional, com lotação definitiva no CEF Telebrasilía para o ano de 2023. Desde o início das atividades na escola, apresentei as minhas atribuições funcionais e a minha intenção como pesquisadora, deixando bem claro a diferença entre elas. Contudo, faz-se necessário abrir um parênteses sobre as atribuições da orientação educacional para que o leitor compreenda o meu papel como orientadora educacional na escola.

O papel da orientação educacional³¹ nas escolas é de extrema importância para o desenvolvimento global e sucesso dos alunos. Desempenha um papel fundamental no atendimento às necessidades pessoais e emocionais dos alunos. Fornece um ambiente seguro e confidencial para os alunos expressarem suas preocupações e percepções. Através de orientação individual ou sessões de grupo, os orientadores ajudam os alunos a desenvolver competências socioemocionais cruciais, necessárias para o seu crescimento pessoal e bem-estar mental.

Outro aspecto da orientação educacional é apoiar os alunos com desafios escolares. Os orientadores trabalham em estreita colaboração com professores, pais e alunos para identificar as necessidades dos alunos e desenvolver intervenções ou adaptações adequadas. Oferecem estratégias personalizadas para melhorar os hábitos de estudo, habilidades de gerenciamento de tempo e técnicas organizacionais, promovendo assim o sucesso escolar.

³¹Regimento Escolar da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal. Disponível em: <https://www.educacao.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2017/08/Regimento-SEEDF-COMPLETO-FINAL.pdf>. Acesso dia 17 de jan de 2024.

Visa ajudar os alunos a tomar decisões sobre seus caminhos acadêmicos e profissionais. Ao fornecer aos alunos as informações e os recursos necessários, a orientação educacional pode ajudá-los a navegar no complexo mundo da educação e a fazer escolhas que estejam alinhadas com os seus interesses, aptidões e objetivos.

Outro aspecto importante da orientação educacional é o desenvolvimento de um plano personalizado para cada aluno, levando em consideração seus interesses, aptidões e aspirações únicas. Ao trabalhar em estreita colaboração com os alunos para identificar os seus pontos fortes e preferências, os educadores podem ajudá-los a criar um roteiro para o seu desenvolvimento escolar, orientando-os para o sucesso e a realização. Esta abordagem personalizada também pode ajudar os alunos a superar obstáculos e desafios ao longo do caminho, proporcionando-lhes o apoio necessário para atingir os seus objetivos.

Além disso, a orientação desempenha um papel crucial na promoção de uma comunicação eficaz entre a escola e comunidade escolar, atua como uma ponte entre pais e professores, facilitando discussões produtivas, fornecendo sugestões para apoiar as necessidades acadêmicas e socioemocionais dos alunos e principalmente na comunicação com a REDE de PROTEÇÃO, ou seja, Conselhos Tutelares, CRAS, CREAS, MPDFT, Secretaria de saúde (UBS), PROVID entre outros.

Todas as atribuições enquanto orientadora educacional foram cumpridas com rigor, entretanto, o fato de conhecer o histórico de vida e núcleo familiar dos estudantes e ter uma postura solidária quanto às dificuldades que os estudantes enfrentavam para permanecerem na escola, levou-me a tentar sensibilizar o grupo docente sobre os aspectos extra-escolares de vulnerabilidades, o que não foi bem aceito por alguns professores. Inclusive, recebi muitas críticas por “passar a mão na cabeça” de alguns estudantes mais vulneráveis. Ouvia sempre a frase (de alguns professores): **“Nada justifica o estudante não querer nada com nada na escola, problemas todo mundo tem, estou aqui para ensinar não para educar.”**

A partir da minha postura clara de não concordar com tais falas, alguns professores, em desacordo comigo, uniram-se e criaram o grupo do cancelamento, digo, do meu cancelamento. O cancelamento ocorre frequentemente em várias plataformas de redes sociais, onde os indivíduos se mobilizam para expressar as suas queixas e pressionar outros para romperem a sua associação com o indivíduo em questão, no caso enquanto orientadora educacional. A única intenção desse grupo era criticar para sufocar a liberdade de expressão e promover uma cultura de intolerância.

Foi exatamente isso que aconteceu ao longo do segundo semestre ao meu trabalho. Um grupo de cinco professores, desgostosos com minhas intervenções junto aos estudantes e suas famílias, se uniram para tentar me cancelar, inviabilizar qualquer ação que eu tivesse enquanto orientadora educacional.

As minhas falas eram ignoradas. As minhas solicitações de relatórios pedagógicos para encaminhamentos dos estudantes que apresentavam alguma vulnerabilidade social não eram realizados, tampouco, solicitações médicas eram respeitadas.

Ao longo do 2º semestre criei um grupo com 12 estudantes dos sétimos anos que vivenciaram abusos sexuais ou violência doméstica e iniciamos a criação de uma peça teatral chamada **Respeito é bom e eu gosto** e começamos as apresentações nas outras turmas.

Os estudantes se empenharam muito nos ensaios e decidimos nos inscrever no Concurso de Boas Práticas na Escola do programa Maria da Penha vai à escola - MPDFT. O resultado foi incrível, ganhamos o segundo lugar na categoria projetos do ensino fundamental. No entanto, a crescente proeminência e impacto do protagonismo estudantil suscitaram preocupações, particularmente no que diz respeito à resposta dos professores do “cancelamento”.

O protagonismo estudantil muda a dinâmica de poder tradicional entre professores e alunos, transformando as salas de aula em espaços de autoridade em

ambientes de aprendizagem colaborativa. Embora esta mudança seja crucial para o crescimento pessoal e acadêmico, pode criar tensões entre professores e alunos, uma vez que os professores têm dificuldades em adaptar-se a este papel em mudança. É um aspecto essencial da educação contemporânea, que promove o empoderamento, o envolvimento e o crescimento pessoal dos alunos. No entanto, a ascensão do grupo de estudantes também gerou desafios e potencial ressentimento por parte dos professores.

Ao incentivar os alunos a assumirem a liderança, capacita-os a desenvolver habilidades cruciais para a vida, como pensamento crítico, resolução de problemas e habilidades de liderança. Além disso, promove um sentimento de propriedade, promovendo um ambiente de aprendizagem colaborativa que aumenta a motivação³², o envolvimento e o desempenho acadêmico dos alunos. Foi simplesmente maravilhoso o momento, eles se sentiram extremamente felizes pela conquista. (Publicação com as devidas autorizações dos responsáveis legais).

³² **GADOTTI**, Moacir Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido / Moacir Gadotti. 2. ed. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011. (Educação cidadã ; 2)



Ressalta-se que os responsáveis legais pelos estudantes autorizaram, por escrito, a publicação da imagem.

Mas após o retorno dos estudantes e a divulgação do acontecimento em outras turmas, outros alunos começaram a questionar os professores das disciplinas de artes, ciências, história, português o porquê deles não terem participado do concurso, pois a escola conta com estudantes muito talentosos em desenhos, poesias e outras habilidades, uma vez que o edital era totalmente voltado para as disciplinas específicas, e não terem respostas convincentes causou um verdadeiro problema para o grupo do cancelamento, pois sentiram-se ameaçados no seu templo intocável de competência. Posto isto, já era de se esperar que se voltariam para fortalecer a proposta do meu cancelamento.

No espaço da escola pública, os professores muitas vezes constroem uma reputação por seu vasto conhecimento e experiência em uma determinada área, o que pode levar a um sentimento de vaidade e se acostumam a ser a autoridade máxima em suas salas de aula e relutam em aceitar pontos de vista divergentes. Alguns professores utilizam manipulação e favoritismo, minando a justiça esperada nos ambientes escolares. Esses indivíduos muitas vezes concedem tratamento preferencial a alunos específicos que se alinham com seus preconceitos pessoais, enquanto negligenciam outros que podem possuir mérito igual ou superior.

A relação entre professores e alunos não deve ser vista como mão única, com uma recepção passiva do conhecimento. Em vez disso, os professores devem encorajar os seus alunos a questionar, analisar e desafiar as suas próprias perspectivas, este envolvimento ativo promove um ambiente de aprendizagem mais vibrante e intelectualmente estimulante.

Em conclusão sobre o protagonismo estudantil tão necessário, escolas e instituições educacionais devem se esforçar para criar espaços de apoio tanto para estudantes quanto para professores. Incentivar o diálogo aberto, construir confiança e estabelecer estruturas claras para a tomada de decisões compartilhadas pode mitigar o ressentimento e facilitar a colaboração construtiva.

Penso que consegui trazer esclarecimentos sobre o que realmente permeia e determina as características do grupo do cancelamento, a vaidade. Todavia, antes de dar continuidade nas descrições, farei adendo de um texto que escrevi quando em conversa com o meu orientador sobre essas posturas autoritárias de alguns professores na escola pública, ele me fez refletir sobre como o período feudal ainda está pungente no espaço escolar. Assim, trago uma pequena reflexão, uma alusão a este período e a escola pública atual. Seria a escola pública, ainda, um pequeno feudo no século XXI ?

Este questionamento, embora controverso, pode ser analisado sob diferentes perspectivas. Trago essa analogia do poder que os professores têm dentro do

ambiente escolar e se há alguma semelhança com a figura do senhor feudal na Idade Média.

Em primeiro lugar, é necessário compreender que a posição do professor dentro da escola é de autoridade e poder, assim como os senhores feudais detinham controle absoluto sobre suas terras e súditos, os professores possuem a responsabilidade de guiar e instruir os alunos. No entanto, é importante ressaltar que esse poder não deve ser exercido de maneira arbitrária ou abusiva, assim como um senhor feudal tirânico pode criar um ambiente opressivo, um professor autoritário pode inibir o aprendizado e o desenvolvimento dos estudantes.

Além disso, na comparação entre professores e senhores feudais, é relevante considerar a distribuição de recursos e oportunidades. Os senhores feudais controlavam os recursos da terra, determinando quais culturas seriam plantadas e quem teria acesso a elas. Da mesma forma, os professores têm o poder de selecionar o conteúdo que será ensinado, influenciando diretamente o conhecimento disponível aos alunos. Portanto, assim como os senhores feudais, os professores têm uma responsabilidade significativa na formação intelectual dos estudantes. E não deixemos de trazer à memória todos os conceitos de Bourdieu sobre capital cultural tão presentes nesta analogia.

Enquanto alguns podem argumentar que essa comparação é exagerada e tende a retratar os professores de forma negativa, é importante reconhecer que o poder dos professores também pode ser benevolente e construtivo. Os senhores feudais tinham a obrigação de proteger e cuidar de seus súditos, assim como os professores tinham o dever de fornecer um ambiente de aprendizado seguro e propício ao desenvolvimento de habilidades acadêmicas e sociais dos alunos.

A violência simbólica na escola pública pode ser analisada a partir da história da retórica e da sua influência na comunicação humana. Durante a Idade Média, a retórica perdeu parte de sua preponderância enquanto sistema educacional de referência, mas

³³ foi reafirmada na Renascença com o renovado interesse pela tradição clássica e o acesso a textos completos de Cícero e Quintiliano. A retórica voltou a ocupar uma posição de destaque, espalhando sua teia de influência sobre toda a comunicação humana, incluindo o setor da educação.

No contexto da educação, a retórica desempenhou um papel fundamental na discussão de assuntos de importância na praça pública, com a palavra proferida oralmente ocupando um lugar de destaque. Para os oradores romanos Cícero e Quintiliano, a retórica não consistia apenas na reflexão teórica sobre a eloquência, mas também na teoria de toda e qualquer ação humana. Cícero considerava a participação da audiência nos debates como essencial para o sucesso ou fracasso de uma comunicação, e definia os três principais deveres do orador como ensinar, mover e entreter.

No entanto, a violência simbólica pode se manifestar na escola pública de diversas formas, como a exclusão social, a discriminação e a marginalização de certos grupos ou indivíduos. Essas formas de violência podem impactar negativamente o desenvolvimento dos alunos e a qualidade da educação. A expansão de práticas de vigilância burocratizada e mecanismos simbólicos de integração social também pode contribuir para a violência simbólica na escola pública.

Portanto, é fundamental que a escola pública reconheça e aborde a violência simbólica, promovendo a inclusão, a diversidade e o respeito aos direitos humanos. A retórica pode desempenhar um papel importante nessa abordagem, auxiliando a promover a comunicação efetiva e a participação ativa dos alunos e da comunidade escolar.

³³ Considerações sobre a comunicação na antiguidade e medievalidade. Disponível em: <https://gilsonaguiar.com.br/consideracoes-sobre-a-comunicacao-na-antiguidade-e-medievalidade/>. Acesso dia 16 de abril de 2024.

O riso segundo Cícero e Quintiliano: tradução e comentários de De oratore, livro II, 216-291 (De ridiculis) e da Institutio Oratoria, Livro VI, 3 (De risu). Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-13102008-154439/pt-br.php>. Acesso dia 16 de abril de 2024.

No entanto, é crucial que a relação professor-aluno seja equilibrada e respeitosa. Embora o professor possua o conhecimento e a experiência que os alunos buscam adquirir, é fundamental que esse poder seja exercido de maneira democrática, encorajando a participação dos alunos e compartilhando a responsabilidade pelo processo educativo. Afinal, a verdadeira essência da educação reside na troca de conhecimento e na construção conjunta de ideias.

Por outro lado, é importante salientar que o modelo tradicional de ensino, em que o professor detém todo o poder e a autoridade, está sendo desafiado e repensado atualmente. Escolas ao redor do mundo estão adotando abordagens mais colaborativas e participativas, nas quais o professor assume o papel de mediador e facilitador do aprendizado. Nesses modelos, a figura do professor como senhor feudal perde sua relevância, dando lugar a uma nova dinâmica onde o aluno é mais protagonista de seu próprio processo de aprendizagem.

Em resumo, a analogia entre professores e senhores feudais da escola pode desencadear reflexões pertinentes sobre o poder, a autoridade e a responsabilidade desses profissionais. Enquanto reconhecemos o papel central que os professores desempenham na educação, também é necessário buscar um equilíbrio entre o poder exercido e a participação dos alunos. A transição para um modelo educacional mais democrático e colaborativo desafia a antiga visão de professor como detentor absoluto do conhecimento, dando lugar a uma nova perspectiva que valoriza o diálogo e a construção conjunta do saber.

Descrição 3: Virginia Woolf e o medo de ser cancelada

Desde o início das minhas observações, escolhi lugares estratégicos como sentar-me na ponta da mesa de reuniões/coordenações para que a minha visão fosse panorâmica de todos os presentes na sala de coordenação pedagógica e poder observar todos os detalhes.

Uma professora substituta da disciplina de geografia, vou chamá-la de **Virgínia Woolf**³⁴ começou no segundo semestre. Sua postura era de não se sentar próximo ao grupo do cancelamento, que sempre sentavam-se um de frente para o outro para manterem a comunicação através dos olhares.

Logo nas primeiras coletivas, mostrou-se atenta aos estudantes diagnosticados com um olhar diferenciado. Trouxe características de um estudante, em específico, que nenhum outro professor, ao longo do ano, conseguiu perceber. Tratei de iniciar um diálogo com ela, sobre o estudante e suas potencialidades, apesar das suas dificuldades tão latentes e incompreendidas por todos. Parecia-me uma professora comprometida com os estudantes e com a escola pública.

No decorrer do semestre, a postura do grupo do cancelamento era tão explícita que algumas professoras começaram a faltar às coletivas com o intuito de evitarem o enfrentamento quando as falas eram muito agressivas aos estudantes. Todavia, os professores de contrato temporário não tinham tanta liberdade para ausentar-se e outra estratégia foi adotada. Sentavam-se o mais distante possível do grupo, quase invisíveis, e mantinham o silêncio durante toda a coletiva. Não mais defendiam ou sequer questionavam as falas opressoras dos professores que faziam parte do grupo.

A opressão aos estudantes por professores autoritários é uma questão generalizada que dificulta o crescimento acadêmico e restringe o desenvolvimento do potencial intelectual e do bem-estar geral dos alunos e de professores que não compactuam com esta postura. É crucial que as instituições de ensino reconheçam as consequências prejudiciais de tal comportamento e trabalhem ativamente no sentido de

³⁴ **Adeline Virginia Woolf**, nascida **Adeline Virginia Stephen** ([Kensington, 25 de janeiro de 1882](#) — [Lewes, 28 de março de 1941](#)), foi uma [escritora](#), [ensaísta](#) e [editora britânica](#). Estreou na literatura em 1915, com o [romance *The Voyage Out*](#), que abriu o caminho para a sua carreira como escritora e uma série de obras notáveis. Woolf foi membro do [Grupo de Bloomsbury](#) e desempenhou um papel de significância dentro da sociedade literária londrina durante o [período entre guerras](#). Em 28 de março de 1941, Woolf colocou seu casaco, encheu os seus bolsos com pedras, caminhou em direção ao [Rio Ouse](#), perto de sua casa, e se afogou. Seu corpo foi encontrado somente três semanas mais tarde, em 18 de abril de 1941, por um grupo de crianças perto da ponte de Southeast. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Virginia_Woolf. Acesso dia 17 de jan de 2024.

criar um ambiente de aprendizagem inclusivo e de apoio que promova a autonomia, o pensamento crítico e a perseverança.

Primeiramente, é fundamental compreender as razões por trás desse comportamento opressivo. Muitas vezes, surge a opressão de uma competição acirrada, reconhecimento ou melhores condições de trabalho, ou somente por vaidade. Nesse contexto, alguns professores se sentem ameaçados pela presença de colegas talentosos e comprometidos, resultando em atitudes de sabotagem e dominância.

Durante as minhas observações, percebi claramente o quanto um ou outro professor se sentia insatisfeito quando um colega era elogiado pelos estudantes, famílias e por algum outro colega de profissão. Estudantes costumam agradar os seus professores mais queridos com bombons, doces e mesmo o recepcionando na entrada da escola e levando o seu material escolar. Por muitas vezes percebi os olhares e comentários maldosos de alguns colegas nestes momentos. Talvez por carência ou mesmo por não compreender que só se recebe o que é dado e é impossível objetivar receber aplausos quando não se aplaude as conquistas alheias.

Essa opressão entre professores acarreta diversas consequências negativas no ambiente escolar. Em primeiro lugar, prejudica o bem-estar emocional dos professores oprimidos, resultando em desmotivação e possíveis problemas de saúde mental. Além disso, o clima hostil afeta diretamente a qualidade do ensino, uma vez que os profissionais estão constantemente desestimulados e sob pressão constante. Assim, o desenvolvimento dos estudantes é comprometido e a aprendizagem fica comprometida.

A cultura do cancelamento pode suprimir inadvertidamente a liberdade de expressão e dificultar a troca de ideias. O medo de enfrentar a vergonha pública ou de perder o seu sustento pode desencorajar os indivíduos de expressarem opiniões divergentes ou de se envolverem em debates matizados. Isto pode criar um efeito de câmara de eco³⁵, onde apenas certas opiniões são consideradas aceitáveis, limitando o

³⁵ Nos [meios de comunicação](#), o termo **câmara de eco** é análogo a uma câmara de eco acústica, onde os sons reverberam em um invólucro oco. Uma câmara de eco, também conhecido como **câmara de**

potencial de crescimento e progresso intelectual. É crucial encontrar um equilíbrio entre responsabilizar os indivíduos pelas suas ações e permitir espaço para crescimento, educação e diálogo respeitoso. Contudo, Virgínia Woolf percebeu que seria difícil enfrentar o grupo do cancelamento e por medo de ser rejeitada aos poucos compactuou com a postura sarcástica, com as piadas e chacotas feitas sobre os estudantes. Virgínia se calou!

Descrição 4: Professor Voldemort e Harry Potter

Eu gostaria de relatar todas as minhas observações e inferências realizadas ao longo do ano de 2023 na escola, contudo, por saber que é necessária a inclusão de dados que possam ser devidamente mensurados, optei por relatar apenas alguns fatos que achei serem de muita pertinência para apreciação, contudo, não influenciar de forma tendenciosa, a leitura da pesquisa, mas sim, explorar o espaço escolar no encaixe de uma explicação lógica para o problema que foi pesquisado.

eco ideológica, é uma descrição metafórica de uma situação em que informações, ideias ou crenças são amplificadas ou reforçadas pela comunicação e repetição dentro de um sistema definido. Dentro de uma câmara de eco, as fontes dominantes muitas vezes são inquestionáveis e opiniões diferentes ou concorrentes são censuradas ou desautorizadas. A maioria dos ambientes de câmara de eco dependem de doutrinação e propaganda, a fim de disseminar informação, sutil ou não, de modo a atrapalhar os que estão presos na câmara e a evitar que tenham habilidades de pensamento cético necessárias para desacreditar a desinformação óbvia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%A2mara_de_eco. Acesso dia 19 de jan de 2024.

Vou nomear os protagonistas neste relato como **Harry Potter**³⁶ (estudante) e **Voldemort**³⁷ (professor). Iniciarei trazendo um breve histórico das características dos dois. Vamos examinar o caso de um professor que supostamente perseguiu um aluno.

As alegações de perseguição envolvendo professores e estudantes são complexas e requerem uma análise abrangente que considere múltiplas perspectivas. Ao avaliar o comportamento do professor, as reivindicações do aluno, a dinâmica de poder, a liberdade acadêmica, as respostas institucionais, às considerações éticas e as possíveis consequências, podemos obter uma compreensão diferenciada da situação e fornecer informações valiosas sobre um cenário desafiador.

Cenário do fato: Estudante **Harry Potter**, 14 anos de idade, 9º ano do ensino fundamental 2, matriculado na escola desde o 6º ano. Professor **Voldemort**, contrato temporário, disciplina língua portuguesa, atuante na escola desde o ano de 2022.

Harry Potter, exibe uma ampla gama de traços característicos que o definem como um adolescente atraente e identificável. Educado e afetuoso, contudo, sem um propósito claro de futuro, como muitos adolescentes da sua idade. Quando criança, Harry enfrentou inúmeros desafios e passou por um crescimento pessoal significativo.

Por alguns anos da sua infância, Harry enfrentou a mais terrível das violências, foi abusado sexualmente por um tio materno, o qual estava com a sua guarda provisória, pois a sua genitora enfrentava os seus próprios problemas com seus

³⁶ **Harry Potter** é uma série de sete romances de fantasia escrita pela autora britânica J. K. Rowling. A série narra as aventuras de um jovem chamado **Harry James Potter**, que descobre aos 11 anos de idade que é um bruxo ao ser convidado para estudar na **Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts**. O arco de história principal diz respeito às amizades de Harry com outros bruxos de sua idade, como **Ron Weasley** e **Hermione Granger**, e também com o diretor de Hogwarts **Albus Dumbledore**, considerado o maior dos magos, e seus conflitos com o bruxo das trevas **Lord Voldemort**, que pretende se tornar imortal, conquistar o mundo dos bruxos, subjugar as pessoas não-mágicas e destruir todos aqueles que estão em seu caminho, especialmente Harry Potter, a quem ele considera seu maior rival. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Harry_Potter. Acesso dia 11 de jan de 2024.

³⁷ **Lord Voldemort** (nos filmes) é um personagem e o principal antagonista da série *Harry* de JK Rowling. *Romances de Potter*. O personagem apareceu pela primeira vez em *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, publicado em 1997, e retornou pessoalmente ou em flashbacks em cada livro e sua adaptação cinematográfica na série, exceto no terceiro, *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*, em que ele é apenas mencionado. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Lord_Voldemort. Acesso dia 11 de jan de 2024.

diagnósticos de Transtorno de Conduta e Esquizofrenia e foi considerada incapaz de cuidar de Harry. Após a descoberta dos abusos, a guarda de Harry foi cedida para a sua avó materna, a qual já cuidava de outra neta e de sua mãe. O abusador foi processado, mas até o momento, encontra-se foragido.

Logo nos primeiros dias de aulas, conheci Harry Potter. Sempre se destacando com brincadeiras que pudessem chamar a atenção dos colegas. Um líder afetuoso, entretanto, extremamente carente de atenção e olhares. O chamei para conversar. Falamos de filmes interessantes, sobre os seus sonhos, projeto de vida e sobre o seu comportamento chamativo. A inteligência, compreensão e desenvolvimento geral de Harry Potter como um adolescente, destacando suas qualidades únicas que capturavam os corações me chamaram a atenção.

Em primeiro lugar, a sua capacidade de adaptação rápida em situações de alta pressão mostra a sua mente analítica aguçada. Seja resolvendo situações da própria vida ou aprendendo a duvidar de tudo e de todas as pessoas que se aproximavam dele, Harry Potter empregava consistentemente sua inteligência para superar obstáculos desde criança, entre medicações de uso controlado, diagnóstico de depressão, de transtorno opositivo desafiador (TOD)³⁸, ideação suicida e algumas tentativas de autoextermínio.

Além disso, devido à aptidão intelectual, Harry possuía uma inteligência emocional notável que o eleva como estudante. Apesar de suportar tragédias e dificuldades pessoais, ele demonstrava empatia, compaixão e capacidade de se conectar com outras pessoas em um nível profundo. A inteligência emocional de Harry permitia que ele construísse amizades fortes, reunia apoio e inspirava lealdade dentro da escola, não só com os seus colegas de turma, mas também com alunos de outras turmas, tornando-o um líder natural para seus colegas.

³⁸ O transtorno opositivo desafiador (TOD) é definido por um padrão de comportamento questionador/desafiante, humor irritável/raivoso ou de índole vingativa com duração de pelo menos seis meses. É mais comum no sexo masculino. Disponível em: <https://pebmed.com.br/transtorno-opositivo-desafiador-tod/>. Acesso dia 11 de jan de 2014.

A adolescência de Harry é marcada por uma curiosidade insaciável e uma mente aberta que o levava a questionar as normas estabelecidas e a desafiar a autoridade. Ele desafiava as expectativas tradicionais e investigava assuntos além da superfície, que o impulsionava a descobrir verdades ocultas. Entretanto, essa sede de conhecimento o marca como um adolescente intelectualmente rebelde e incontrolável para o professor Voldemort. Os problemas começaram.

Voldemort, um professor de língua portuguesa, muito inteligente e profundo conhecedor da sua disciplina. Sua representação ao longo dos dias letivos destaca um personagem com características distintas e interessantes, tornando-o um objeto de estudo atraente. Para começar, a inteligência de Voldemort é demonstrada através de seu pensamento estratégico e planejamento meticuloso. Ele possuía uma habilidade extraordinária de elaborar esquemas complexos, manipular os outros e antecipar seus movimentos. Seus planos de aula eram cuidadosamente elaborados, e demonstravam um nível de inteligência que ultrapassa em muito muitos professores da escola.

Além disso, as habilidades linguísticas de Voldemort eram indicativas de sua inteligência. Ele possuía uma maneira de falar marcada pela eloquência, precisão e profundidade de compreensão, como demonstrado por seu profundo conhecimento da língua portuguesa e suas complexidades, bem como as várias leituras habituais que realizava, um conhecedor de livros de Franz Kafka entre outros clássicos.

Apesar de muito inteligente, Voldemort não tinha nenhuma habilidade para lidar com adolescentes, tampouco com qualquer pessoa que contrariasse as suas ideias ou postura. Não interagia com os outros professores, sempre sozinho em algum canto na escola.

Logo nos primeiros encontros nas coletivas, as falas do professor Voldemort começaram a me causar desconforto quando eram carregadas de preconceitos contra os estudantes laudados com deficiência ou com algum transtorno funcional. Mais impactantes eram as sugestões de colocar os estudantes mais agitados enfileirados na quadra, sob o sol, por um certo tempo, para aprenderem a obedecer às regras. Outra

postura era dar suspensões coletivas aos estudantes que ele não queria em sala de aula e com a anuência da equipe gestora.

Os gritos e xingamentos aos estudantes começaram a causar crises de ansiedade e choros copiosos em algumas estudantes, o que as fazia perder a aula ou ficarem fora de sala durante as suas aulas. Várias reclamações de pais e responsáveis foram feitas à equipe gestora, contudo, sem nenhuma providência tomada sobre os fatos. Mas não entrarei em mais detalhes, vou ater-me ao caso de Harry Potter e professor Voldemort.

Os colegas de Harry me traziam vários relatos de agressões verbais de Voldemort ocorrendo em sala de aula, gritos e palavrões eram diariamente proferidos sem o menor respeito aos estudantes, principalmente ao Harry. Por vezes tentei entender o que estava acontecendo entre o estudante e o professor. Voldemort dizia que Harry era um estudante inútil e que não o queria em suas aulas e Harry alimentava essa ideia não copiando o conteúdo e não prestando atenção nas explicações do professor, passava o tempo da aula desenhando no caderno para desafiá-lo. O professor sentia-se completamente desrespeitado e ofendido por sua autoridade não ser atendida com os seus rigores estabelecidos.

Durante todo o primeiro semestre aconteceram vários confrontos entre Harry e Voldemort. Intervenção do Conselho Tutelar foi necessária e sugeri ao Harry e sua responsável legal (a avó) acionarem o PROEDUC³⁹ para que outras providências fossem tomadas em outras instâncias para que o seu direito à educação fosse garantido, contudo, a família preferiu não entrar no confronto pelas vias legais. Percebi muitas ausências injustificadas de Harry ao longo do segundo bimestre e todas as tentativas de resolução foram infrutíferas. Ao final do segundo bimestre Harry decidiu abandonar a escola, pois não conseguia mais ser humilhado e desrespeitado pelo professor

³⁹ **Promotorias de Justiça de Defesa da Educação – Proeduc.** Disponível em: <https://www.mpdft.mp.br/portal/index.php/conhecampdft-menu/promotorias-justica-menu/proeduc-menu>. Acesso dia 11 de jan de 2024.

O desfecho deste relato foi Harry evadido da escola e Voldemort foi transferido para outra escola, pois uma professora efetiva tomou posse e a carência dele era de professor contrato temporário. Em nenhum momento Voldemort percebeu que o seu comportamento agressivo causava o abandono de um estudante que já fora abandonado às tragédias e violências desde criança.

Ao longo do segundo semestre, via Harry próximo à escola rodeado por marginais já conhecidos no bairro. Um dia o chamei para conversar e o recebi em minha sala (orientação educacional) na escola, sobre os seus planos e se não gostaria de retornar à escola para finalizar o ensino fundamental. Harry caiu em lágrimas dizendo que sentia muita falta da escola, dos seus colegas, mas não conseguiria lidar com Voldemort novamente. Expliquei que o professor não estava mais na escola e Harry sorriu empolgado. Em dezembro me encontrei novamente com Harry e sua avó. Estavam felizes com o curso de barbeiro que Harry estava fazendo e nutriam expectativas para retornar à escola em 2024.

Para compreender se ocorreu perseguição, é necessário avaliar objetivamente o comportamento do professor **Voldemort**. Isto inclui compreender o papel do professor, os métodos de ensino, as interações com o aluno e quaisquer padrões de favoritismo ou preconceito que possam existir. A dinâmica de poder na sala de aula pode criar um desequilíbrio entre professores e alunos. Os professores ocupam uma posição de autoridade, o que pode levar a abusos de poder.

No âmbito da educação, as escolas devem ser santuários de conhecimento e crescimento pessoal, promovendo uma ambiente onde os alunos desenvolvem habilidades de pensamento crítico e adquirem amor pelo aprendizado. No entanto, surgiram casos de violência simbólica perpetrados por professores dentro do sistema educativo, resultando na evasão escolar por parte dos alunos afetados. A violência simbólica constitui uma forma de desequilíbrio de poder enraizado no discurso, perpetuado pelos professores através do uso da linguagem, das expectativas e do tratamento desigual.

A evasão escolar devido à violência simbólica tem graves implicações psicológicas para estudantes. A exposição constante ao tratamento desigual e à discriminação diminui a sua auto-estima, promovendo um sentimento de inadequação e alienação. Esse sofrimento emocional pode exacerbar os sintomas de ansiedade, depressão e diminuir a motivação, resultando em repercussões de longo prazo na saúde mental e no bem-estar psicossocial geral dos alunos.

Juntamente com a formação de professores, é essencial capacitar os alunos para reconhecer e desafiar a violência simbólica. Isto pode ser facilitado através da promoção do pensamento crítico, do incentivo ao diálogo aberto e da criação de plataformas para que as vozes dos estudantes sejam ouvidas. Ao envolver ativamente os alunos nos processos de tomada de decisão e valorizar as suas perspectivas, os educadores podem derrubar dinâmicas opressivas de poder e promover um sentimento de propriedade e autonomia, reduzindo assim os casos de evasão.

Os esforços para combater a violência simbólica no sistema educativo devem estender-se à reforma política e à responsabilização institucional. Devem ser implementadas políticas para garantir que os professores sejam responsabilizados pelas suas ações, e devem ser estabelecidos mecanismos que permitam aos alunos denunciar incidentes de violência simbólica de forma confidencial e sem medo de represálias. Ao criar uma cultura de responsabilização e responsabilidade, as instituições educacionais podem trabalhar no sentido de erradicar a violência simbólica e promover um ambiente mais inclusivo.

Descrição 5: A excelência dando lugar à exclusão

No mundo escolar, a relação entre professores e alunos é crucial para o sucesso do processo educacional. Espera-se que os professores orientem e apoiem os alunos em sua jornada de aprendizagem, oferecendo conhecimento, incentivo e feedback. No entanto, há casos em que esta relação pode tornar-se tensa, especialmente quando um professor exclui um aluno com dificuldades.

Alfabetização como processo de exclusão é um tema complexo e crucial para compreender os desafios da educação e da desigualdade social em contextos diversos. A alfabetização, que é o processo de aprendizado da leitura e da escrita, é muitas vezes negligenciada ou maltratada em diferentes comunidades e sistemas educacionais, o que resulta na exclusão de indivíduos de oportunidades e participação plena na sociedade. Em primeiro lugar, a alfabetização inadequada ou ausente pode limitar o acesso das pessoas a informações e conhecimento essenciais para participar plenamente da sociedade contemporânea. A leitura e a escrita são habilidades fundamentais para navegar e compreender o mundo em que vivemos, incluindo a participação em atividades educacionais, profissionais e cívicas. Portanto, aqueles que não dominam essas habilidades podem enfrentar dificuldades significativas para se conectar e prosperar em diferentes aspectos da vida.

Além disso, a exclusão social relacionada à alfabetização está frequentemente ligada a desigualdades estruturais e socioeconômicas que perpetuam ciclos de pobreza e marginalização. Em muitos contextos, as comunidades carentes têm acesso limitado a recursos educacionais de qualidade, o que reforça a exclusão de indivíduos que já enfrentam obstáculos significativos devido à sua condição socioeconômica. Isso cria um ciclo vicioso de desvantagem e exclusão que é difícil de romper sem intervenções significativas.

A exclusão social relacionada à alfabetização também pode se manifestar de forma mais sutil, através de estigmas e discriminação baseados na habilidade de leitura e escrita das pessoas. Aqueles que têm dificuldades com a alfabetização podem ser estigmatizados e marginalizados em ambientes educacionais e profissionais, o que pode minar sua autoestima e autoconfiança. Isso pode levar a consequências negativas em termos de desenvolvimento pessoal, bem-estar mental e integração social.

Para combater a exclusão relacionada à alfabetização, é fundamental adotar uma abordagem holística que leve em consideração as múltiplas dimensões desse

desafio complexo. Em primeiro lugar, é crucial investir em educação de qualidade e acessível para todos, independentemente de sua origem socioeconômica ou condição de vida. Isso inclui garantir o acesso equitativo a recursos educacionais, programas de alfabetização eficazes e apoio individualizado para aqueles que enfrentam dificuldades de aprendizagem.

A alfabetização inadequada pode levar à exclusão digital em um mundo cada vez mais dependente da tecnologia e da comunicação digital. A capacidade de compreender e utilizar efetivamente a tecnologia é essencial para participar plenamente da economia globalizada e das interações sociais contemporâneas. Portanto, aqueles que não possuem habilidades básicas de leitura e escrita podem ser deixados para trás em termos de oportunidades de emprego, acesso a serviços online e engajamento em atividades digitais.

Em primeiro lugar, é importante reconhecer que todos os alunos têm o direito ao acesso a uma educação de qualidade, independentemente de suas habilidades ou desafios de aprendizagem. Quando os professores se recusam a acomodar alunos com dificuldades pedagógicas, estão essencialmente negando a estes alunos o direito de aprender e crescer academicamente. Esta exclusão pode ter consequências a longo prazo na auto-estima dos alunos e na confiança nas suas próprias capacidades.

Importa ressaltar que este relato não atribui nenhuma avaliação depreciativa ao trabalho desta professora, pelo contrário, importa dizer que é uma profissional de excelência em todos os aspectos da sua vida profissional. Contudo, a auto exigência e busca por oferecer o seu melhor, causou-lhe desproporção na dosagem da cobrança.

Importante relatar esta observação realizada no contexto escolar, numa coletiva, sobre a postura de uma professora do 2º ano do BIA em relação a uma recém chegada de uma estudante em sua sala.

Durante a escolha de turma, no final do ano de 2023, esta professora escolheu uma turma reduzida em função de uma criança laudada com TEA (Transtorno do Espectro Autista), ou seja, a turma estava com 13 estudantes até meados do mês de

março de 2024. A surpresa foi a chegada de uma estudante novata, vinda da Bahia e apresentando não estar alfabetizada, dentro da expectativa da professora.

Minha surpresa foi, durante a reunião coletiva, realizada todas as quartas-feiras, ouvir o desabafo da professora. Muito chateada por receber uma estudante que não estava no mesmo nível de aprendizagem dos seus alunos falou:

“Estou muito chateada com essa escola. O presente que recebi ontem. Uma novata que não conhece as vogais na minha turma. Querem um trabalho de excelência, mas colocam criança sem estar alfabetizada na minha sala.”

A declaração causou um profundo desconforto nos presentes, pois a turma em questão ainda dispunha de vagas para matrículas de novos alunos e professores não tem direito a escolher os seus estudantes, afinal, qual o propósito da inclusão. Além disso, os professores têm a responsabilidade profissional de criar ambientes de aprendizagem inclusivos e de apoio para todos os alunos. Ao rejeitar alunos com dificuldades pedagógicas, os educadores não cumprem esta responsabilidade e perpetuam um sistema de desigualdade no ambiente educativo. Isto pode levar à falta de diversidade de perspectivas e experiências na sala de aula, prejudicando o ambiente geral de aprendizagem para todos os alunos.

Sobre isso, Dal-Forno (2005) evidencia que:

A inclusão é a imposição da lei, porém é uma conquista das pessoas excluídas do convívio social por apresentarem características peculiares não desejadas socialmente. Ela representa o direito, não só ao convívio, a “igualdade”, mas é símbolo do direito ao saber historicamente acumulado e “transmitido” na escola, instituição cuja função legítima é esta (Dal-Forno, 2005, p. 65).⁴⁰

⁴⁰ Dal-Forno, J. P. Imaginários e saberes docentes na escola inclusiva: um estudo dos processos de formação e autoformação. 2005. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2005.

A professora reforçou a sua fala que não concorda com a estratégia de matrícula da SEEDF em não acomodar os melhores alunos em uma turma e os mais fracos em outra. Novamente a fala causou mais desconforto. A meritocracia em sua fala ficou visível. O mal estar estava instalado.

O Bloco Inicial de Alfabetização⁴¹ (BIA), insere o estudante a partir dos 06 (seis) anos de idade no Ensino Fundamental e apresentando proposta de trabalho pedagógico inovador voltado à alfabetização e ao letramento pleno e proficiente dos estudantes até o término do BIA (3º ano). O programa concentra-se em fornecer estratégias eficazes de alfabetização, recursos e apoio para alunos e professores, para garantir que todos os indivíduos tenham as habilidades necessárias para ter sucesso no mundo moderno. Esta iniciativa é um componente crítico dos esforços do governo brasileiro para abordar questões generalizadas de analfabetismo e desigualdade educacional no país.

Um dos principais aspectos é seu foco nos primeiros anos de vida, intervenção e prevenção. Ao visar crianças em tenra idade e proporcionar-lhes as competências básicas de literacia de que necessitam para terem sucesso, o programa ajuda a colocá-las no caminho do sucesso escolar e da aprendizagem ao longo da vida. Esta intervenção precoce é crucial para quebrar o ciclo de analfabetismo e pobreza que assola muitas comunidades no Brasil há gerações.

Além disso, o programa dá forte ênfase à relevância cultural e ao envolvimento comunitário. Ao incorporar tradições, línguas e costumes locais no ensino de alfabetização, ajuda a criar um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e acessível para todos os alunos. Esta abordagem não só promove um sentimento de orgulho e identidade nos alunos, mas também ajuda a tornar a aprendizagem mais significativa e envolvente.

⁴¹ 1 - Por meio da promulgação da Lei nº 3.483, de 25 de novembro de 2004. Disponível em: https://www.educacao.df.gov.br/wp-content/uploads/2021/07/diretrizes_pedagog_2ciclo.pdf. Acesso dia 14 de abril de 2024.

É essencial que os professores reconheçam que os alunos com dificuldades pedagógicas podem necessitar de apoio adicional e acomodações para prosperar. Ao recusar aceitar estes alunos nas suas salas de aula, os educadores estão, na verdade, negando-lhes os recursos e a assistência de que necessitam para terem sucesso. Isto pode resultar num ciclo de insucesso e desinteresse escolar para estes alunos, aumentando ainda mais a disparidade de desempenho entre eles e os seus pares.

Consoante a esse pensamento, Carvalho (2004a) afirma que a noção de escola inclusiva implica, indubitavelmente, na mudança de atitudes frente às diferenças:

Escolas inclusivas são escolas para todos, implicando num sistema educacional que reconheça e atenda às diferenças individuais, respeitando as necessidades de qualquer dos alunos. Sob essa ótica, não apenas portadores de deficiência seriam ajudados e sim todos os alunos que, por inúmeras causas, endógenas ou exógenas, temporárias ou permanentes, apresentem dificuldades de aprendizagem ou no desenvolvimento (Carvalho, 2004a, p. 29).⁴²

Professores que não querem alunos com dificuldades pedagógicas nas suas salas de aula estão perdendo a oportunidade de desenvolver suas próprias habilidades e estratégias de ensino. Trabalhar com alunos diversos pode desafiar os educadores a pensar de forma criativa e a adaptar os seus métodos de ensino para satisfazer as necessidades de todos os alunos. Ao excluir alunos com dificuldades pedagógicas, os professores estão limitando o seu próprio crescimento e desenvolvimento profissional.

É necessário questionar o impacto da exclusão de alunos com dificuldades pedagógicas na comunidade em geral e na sociedade como um todo. A educação é um direito humano fundamental e desempenha um papel crucial na definição do futuro dos indivíduos e das comunidades. Quando os professores não conseguem apoiar todos os alunos, independentemente das suas capacidades, estão contribuindo para um sistema de exclusão e marginalização que pode ter efeitos de longo alcance na sociedade.

⁴² CARVALHO, R. E. Educação inclusiva: com os pingos nos "is". Porto Alegre: Mediação, 2004a.

Quando os alunos se sentem apoiados e valorizados, é mais provável que se envolvam com o material e alcancem os seus objetivos de aprendizagem.

É importante que os professores lembrem que seu papel é educar e inspirar os alunos, independentemente de sua formação ou habilidades. Em vez de excluir um aluno com dificuldades, o professor deve tomar medidas proativas para apoiá-lo e auxiliá-lo. Isso pode envolver a oferta de recursos adicionais, o fornecimento de ajuda extra durante a aula ou o encaminhamento do aluno para serviços de apoio especializado à aprendizagem na própria escola.

Além disso, é importante promover uma cultura de aceitação e inclusão que respeite a diversidade de habilidades e experiências de alfabetização. Isso envolve combater estigmas e preconceitos relacionados à alfabetização e promover ambientes educacionais e profissionais inclusivos e capacitadores. Reconhecer e valorizar a diversidade de habilidades de alfabetização pode ajudar a criar um ambiente mais acolhedor e resiliente para todos os indivíduos.

Em conclusão, os professores que não querem os alunos tenham as dificuldades pedagógicas nas suas salas de aula não cumprem as suas responsabilidades profissionais, negam aos alunos o direito a uma educação de qualidade e perpetuam um sistema de desigualdade no ambiente educativo. É essencial que os educadores reconheçam a importância da inclusão e do apoio a todos os alunos, independentemente das suas capacidades de aprendizagem. Ao abraçar a diversidade e fornecer os recursos e adaptações necessários, os professores podem criar um ambiente de aprendizagem mais equitativo e enriquecedor para todos os alunos.

5. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA COLETA DE DADOS E ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

Com as referidas coletas, que serão transcritas e documentadas, o trabalho seguirá um estudo qualitativo, a análise dos documentos que prevê codificação dos dados em diferentes etapas, resultando na teorização fundamentada em evidências e organizada a partir de categorias analíticas.

Me ater aos detalhes da entrevista, analisando tanto as palavras e expressões usadas quanto a linguagem não-verbal dos participantes fez toda a diferença. Isso envolve prestar atenção aos tons de voz, postura corporal, gestos e expressões faciais. Essas informações podem fornecer pistas importantes sobre o estado emocional dos envolvidos e ajudar na decodificação das mensagens implícitas na entrevista, a detecção desses vieses é crucial para uma análise aprofundada e objetiva da entrevista.

A entrevista foi realizada na sala da profissional, em horário de coordenação específica. Iniciamos o diálogo sobre sua percepção da escola, da postura dos professores no manejo com os estudantes, se as formações continuadas eram oferecidas aos professores pela equipe gestora e coordenação pedagógica, se os temas atendiam as principais necessidades do corpo docente.

Transcrição de uma pequena parte de uma entrevista.

“Se manifesta na cultura da medicalização dos comportamentos, visto que, em grande maioria, os reflexos dos problemas sociais adentram os muros da escola, que vê nesses comportamentos manifestados possibilidade de controle através de diagnósticos. Nunca discuti sobre a violência simbólica, porém já gerei reflexões sobre a medicalização dos comportamentos e questionei em muitos momentos a tentativa da escola em querer diagnosticar problemas sociais.

A consequência é a baixa qualidade do ensino, a evasão escolar, resistência às normas impostas pela instituição. E é visível que essa violência atinge grupos mais vulneráveis como crianças e adolescentes pretas, homossexuais e que as que possuem algum diagnóstico de deficiência ou transtorno funcional. Em alguns momentos presenciei a escola exigindo da família que medicasse o estudante sem prescrição médica, ameaçando de encaminhar ao Conselho Tutelar.

Acredito que os professores podem contribuir para reduzir a violência simbólica compreendendo o que é violência simbólica, percebendo a dificuldade desses grupos citados acima. Entretanto, não há formações na escola sobre o tema.

A violência simbólica é percebida nos conselhos de classe quando o professor desqualifica um aluno por não ter conseguido, por não ter se adaptado. Quando o professor supõe um diagnóstico para um aluno por ele não ter conseguido aprender.”

Mediante tantas formas significativas de violência simbólica, tratarei uma específica que é sobre o fenômeno da medicalização para controle disciplinar (Foucault, 1980) que refere-se à tendência crescente de utilização de intervenções médicas como meio de regular e controlar o comportamento na sociedade⁴³. Este fenômeno ganhou destaque em vários setores, incluindo educação.

A medicalização pode ser observada na escola onde os professores dependem de diagnósticos psiquiátricos e medicamentos como ferramentas para gerenciar o comportamento do aluno (Foucault, 2002) e manter a disciplina. O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH)⁴⁴ ou Transtorno de Ansiedade Social (TAS)⁴⁵ por exemplo, conseqüentemente os estudantes são sujeitos a intervenções médicas

⁴³ A medicalização da sociedade tem sido muito discutida atualmente, em virtude do incessante aumento da produção e do consumo de fármacos, que instaurou um fenômeno social complexo rotulado com esta expressão. Ao contrário do que possa parecer, este termo não se refere apenas a um processo recente, a medicalização da sociedade vem acontecendo há mais de dois séculos, durante os quais foi ganhando formas diversas, como a atual banalização do consumo de medicamentos (EWALD, GUIMARÃES e SOBREIRA, s/d, p.2). Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5467875/mod_resource/content/1/Medicaliza%C3%A7%C3%A3o%20da%20vida.pdf. Acesso dia 26 de jan de 2024.

⁴⁴ O transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH) consiste em uma capacidade de concentração ruim e/ou excesso de atividade e impulsividade impróprias para a idade da criança que interferem no desempenho ou no desenvolvimento. Disponível em: <https://www.msdmanuals.com/pt-br/casa>. Acesso dia 27 de jan de 2024.

⁴⁵ A fobia social é o medo ou a ansiedade relacionada a determinadas situações sociais ou de desempenho. Essas situações são com frequência evitadas ou suportadas com muita angústia. Disponível em: <https://www.msdmanuals.com/pt-br/casa/dist%C3%BArbios-de-sa%C3%BAde-mental/ansiedade-e-transtornos-relacionados-ao-estresse/fobia-social>. Acesso dia 27 de jan de 2024.

desnecessárias, tornou-se um diagnóstico amplamente utilizado para categorizar alunos que apresentam comportamento perturbador na sala de aula. Este rótulo diagnóstico muitas vezes mascara fatores ambientais ou socioeconômicos subjacentes que contribuem para o comportamento, ao mesmo tempo que fornece uma base legítima para intervenção através de medicação.

Ao enquadrar estas questões como problemas médicos (Foucault, 1998), a escola não só evita abordar potenciais deficiências estruturais, mas também reforça o controle disciplinar, incentivando a conformidade. A medicalização foi identificada como um meio de patologizar os desvios, comportamento e normalizar as normas sociais (Foucault, 1998).

Ao reduzir problemas sociais, psicológicos e culturais complexos a diagnósticos médicos simplistas (Foucault, 2002), o foco muda da compreensão das causas principais para a gestão dos sintomas, não aborda as questões sistêmicas responsáveis pelo comportamento em questão, permitindo que as estruturas de poder (Bourdieu, 1989) permaneçam intactas enquanto suprimem a dissidência e a inconformidade.

A medicalização dos alunos cria uma pressão sobre o professor nas relações com os estudantes dentro do espaço escolar. Os professores podem tornar-se excessivamente dependentes de explicações médicas para desafios comportamentais, em vez de procurarem estratégias pedagógicas alternativas para apoiar as necessidades individuais dos alunos.

Esta dependência da medicação prejudica o papel dos professores na promoção de um ambiente de aprendizagem inclusivo e de apoio. Muitas vezes, enquanto orientadora educacional, recebi encaminhamentos de professores solicitando atendimento médico aos estudantes com comportamentos mais agitados ou que questionavam suas falas para algum suposto laudo de TOD⁴⁶ (Transtorno Desafiador

⁴⁶ O transtorno desafiador opositivo é um padrão recorrente ou persistente de comportamento negativo, desafiador ou mesmo hostil direcionado contra figuras de autoridades. O diagnóstico é por critérios clínicos. O tratamento é feito com psicoterapia individual associada a psicoterapias dos pais e

Opositor). Todavia, era visível que o cerne da questão não era o comportamento dos estudantes, mas sim a postura do professor ser questionada por alunos que possuíam maior capital cultural (Bourdieu,1986).

Com base no trabalho de Goffman (1961), estudiosos como Thomas Szasz (1971) e Michel Foucault (2013) ofereceram contribuições influentes teorias sobre medicalização estudantil. Szasz, conhecido pelas suas críticas à psiquiatria, argumentou que a sociedade criou uma narrativa de "doença mental" para controlar indivíduos que possuem pensamentos ou comportamentos não convencionais, patologizando assim as experiências dos alunos. Em contraste, o conceito de "olhar médico" de Foucault (2013) enfatiza a natureza difundida do poder médico, sugerindo que a inconformidade dos estudantes é sistematicamente suprimida através das práticas médicas.

Embora as teorias da medicalização tenham oferecido insights valiosos, eles também enfrentaram críticas de várias perspectivas. Teóricos críticos, como Ivan Illich (1975), argumenta que a medicalização⁴⁷ perpetua o controle da indústria médica sobre os indivíduos, causando a prescrição excessiva de medicamentos psicotrópicos aos estudantes, além de manter as pessoas em conformidade com as normas sociais, enfraquecendo sua autonomia e liberdade de pensamento. Para ele, a medicalização de alunos é uma consequência do modelo educacional que privilegia apenas certos tipos de conhecimento e exclui outros.

responsáveis. Ocasionalmente podem ser usados fármacos para reduzir a irritabilidade. Disponível em: <https://www.msdmanuals.com/pt-br/profissional/pediatria/transtornos-psiqui%C3%A1tricos-em-crian%C3%A7as-e-adolescentes/transtorno-desafiador>. Acesso dia 27 de jan de 2024.

⁴⁷ Analisa-se o termo medicalização nos estudos de Illich e Foucault, com vistas a oferecer ferramentas conceituais para o estudo dos movimentos contestatórios à medicalização. Illich aborda a hipertrofia da medicalização na modernidade, ressaltando o efeito de redução da autonomia dos sujeitos, sobretudo pelo fato de as instituições médicas assumirem a responsabilidade de cuidar da dor, transformando seu significado íntimo e pessoal em um problema técnico. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/XjXvsdyngRSNX8XdZWGbVRv/?lang=pt#>. Acesso dia 27 de jan de 2024.

Outro aspecto explorado nas teorias da medicalização é o papel da educação. Destaca-se como a medicalização permite que as escolas fujam às suas responsabilidades no que diz respeito ao fornecimento de ambientes de aprendizagem inclusivos, como um “princípio fundamental da educação inclusiva é a valorização da diversidade e da comunidade humana” (Kunc,1992) e envolventes para os alunos. Em vez disso, dependem de intervenções médicas para enfrentar os desafios, afastando assim a carga do sistema educativo.

Foucault também discute a medicalização de alunos (1991). Ele argumenta que a medicalização é uma forma de controle disciplinar, na qual o poder se insinua no corpo dos alunos, vigiando e regulando suas ações. Foucault⁴⁸ sugere que a medicalização é utilizada para "normalizar" as aulas, reduzindo as variabilidades comportamentais e moldando-os de acordo com os padrões sociais estabelecidos.

Refletindo acerca do papel da influência das empresas farmacêuticas em relação à medicalização descontrolada, não é difícil conhecer um pouco desta influência através das muitas séries e documentários publicados na Netflix sobre a questão da medicalização⁴⁹ e da Big Pharma⁵⁰.

A Netflix, sendo uma plataforma de streaming popular, oferece diversas séries que esclarecem os meandros da Big Pharma. Estas séries fornecem análises aprofundadas do mundo farmacêutico, desempenham um papel crucial na informação dos telespectadores sobre as potenciais desvantagens e vantagens da indústria.

⁴⁸ **FOUCAULT**, Michel. O nascimento da clínica. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

⁴⁹ Documentário na Netflix: Tome suas pílulas. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80117831>. Acesso dia 27 de jan de 2024.

⁵⁰ A Netflix lançou em seu catálogo digital a série documental *The Pharmacist* (que no Brasil recebeu o nome de Prescrição Fatal). A história, em quatro episódios, fala sobre a jornada real do farmacêutico, Dan Schneider, que busca justiça pela morte do seu filho, assassinado em um tiroteio. Após a condenação do assassino, a produção começa a ganhar outra narrativa, pois, ele começa a perceber um dado preocupante relacionado à quantidade anormal de pessoas que iam à farmácia comprar opióides sob prescrição médica. Disponível em: <https://ictq.com.br/farmacia-clinica/1186-documentario-da-netflix-com-um-farmacutico-fala-da-epidemia-de-opioides-nos-eua>. Acesso dia 27 de jan de 2024.

Contudo, os documentários ainda são pouco assistidos pela grande parte da população, ficando as séries de comédia em primeiro lugar no gosto dos assinantes. A série ilustra como essas entidades têm um impacto significativo nas decisões médicas e no cenário geral da saúde.

Ao retratar a relação simbiótica entre as empresas farmacêuticas e os profissionais médicos, o programa expõe as consequências potencialmente prejudiciais da medicina orientada para o lucro⁵¹. Este retrato inteligente desencadeia discussões em torno da necessidade de regulamentações mais rigorosas e de maior transparência no setor de saúde. Não estou fazendo acusação sobre esta questão, mas trazendo mais possibilidades de pesquisa e conhecimento acerca do tema.

Ao mostrar a dinâmica de poder e as desigualdades sociais inerentes ao sistema médico, o programa incentiva os espectadores a refletir sobre as questões estruturais mais amplas que cercam os cuidados de saúde e a defender as reformas necessárias.

Mas o que isso tem a ver com a escola pública? De acordo com os autores já citados e diante do exposto na entrevista número 1, a escola tem tomado a postura, em muitos casos, de usar a estratégia do diagnóstico da medicalização nas dificuldades de aprendizagem e problemas comportamentais e não confrontar o seu fracasso estrutural na condução dos estudantes classificados como anormais (Foucault, 2014) e de comportamento tornando-os mais dóceis⁵².

A ênfase excessiva nos diagnósticos psiquiátricos dos estudantes, conforme argumentado, pode ofuscar a necessidade de sistemas de apoio abrangentes que priorizem cuidados individualizados. Consequentemente, os estudantes podem tornar-se dependentes de medicamentos em vez de receberem recursos educacionais e sociais adequados para atingirem o seu pleno potencial.

⁵¹ **SZASZ**, Thomas. A fabricação da loucura: Um estudo comparativo entre a Inquisição e o movimento de Saúde Mental. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara S.A., 1971.

⁵² **FOUCAULT**, M. “Os corpos dóceis”. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 29ª ed. Tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004a, p. 52-126.

Outra questão necessária a ser analisada é em vez de priorizar a prevenção ou a intervenção precoce, os recursos são alocados principalmente para o diagnóstico e tratamento de casos que podem não exigir necessariamente intervenção médica, isto sobrecarrega os serviços de saúde mental e limita a sua capacidade de atender às necessidades genuínas dos alunos com condições graves de saúde mental.

Penso que esta discussão caberá em outro momento mais abrangente e com mais referenciais teóricos acerca da problemática da medicalização de estudantes. Todavia, faço uma breve conclusão, não para encerrar a análise, mas para dar continuidade ao tratamento dos dados coletados nas próximas entrevistas.

Todavia, a principal análise a ser feita, a partir desta entrevista, é sobre a violência simbólica praticada pelos professores. É crucial compreender que a violência existe em várias formas além da agressão física. O abuso verbal, a intimidação e a manipulação psicológica são igualmente prejudiciais ao estudante e ao seu progresso escolar. Além disso, acontece frequentemente que estes professores são incapazes de reconhecer o seu próprio comportamento violento devido à falta de autoconsciência ou a uma percepção distorcida das suas ações.

No sistema I-Educar da escola (2023) contava com 93 estudantes laudados e outros tantos com hipótese diagnóstica. Sem contar as muitas solicitações dos professores para que muitos estudantes fossem encaminhados ao sistema de saúde para provável laudo, de acordo com as observações deles. E mesmo esses laudados, não tinham o devido acompanhamento educacional apropriado. As adequações curriculares não eram realizadas, as avaliações não eram adaptadas com o mínimo regulamentado por lei. Um verdadeiro caos tão ressaltado como “inclusão”.

A questão da violência simbólica também se cruza com a tendência crescente de medicalização. Ao rotular os alunos como tendo uma condição médica, significa que o seu comportamento é anormal e requer correção. Consequentemente, existe um risco aumentado de estigmatização, impactando negativamente a autoestima dos alunos e promovendo uma sensação de fracasso ou inadequação.

Explorar como o processo de medicalização serve objetivos sociopolíticos mais amplos, tais como o controle e a normalização, disciplinando e arregimentando os estudantes para aderirem a normas específicas. Ao reconhecer essas dinâmicas de poder, podemos defender práticas educacionais mais inclusivas e fortalecedoras.

A exigência de medicalização dos estudantes dentro da escola expressa uma postura opressiva, contudo, há de se analisar o papel do professor frente à falta de formação adequada, pela estrutura governamental, para lidar com essas questões ainda mais exacerbada pelo papel da indústria farmacêutica e incentivo à medicalização como forma de resolução dos comportamentos inadequados.

O impacto dos professores violentos no ambiente de aprendizagem é profundo e querer obrigar famílias a buscarem laudos para os seus filhos é decretar o fim de qualquer possibilidade de processo de aprendizagem na escola e falência da educação.

Não se desfaz a necessidade de políticas públicas mais eficazes que atendam os estudantes com verdadeiras necessidades de laudos médicos e medicação. De construção de mais escolas, de mais salas para que estudantes não sejam amontoados nas salas de aulas sobrecarregando os professores e sobretudo, de mais formações continuadas aos educadores sobre temas tão relevantes como a violência simbólica.

A escola, na qual pesquisei, também promove a conformidade e a obediência entre os alunos, uma vez que se espera que adiram a um currículo e avaliações padronizados que priorizem a memorização mecânica e a obediência a figuras de autoridade. Esta ênfase na conformidade limita a capacidade dos alunos de pensar criticamente e de se expressarem livremente, perpetuando ainda mais a ilusão de liberdade dentro do sistema educacional.

No contexto das escolas públicas, os professores desempenham um papel fundamental na formação das experiências educacionais dos alunos. No entanto, é

crucial reconhecer que a violência simbólica também pode ocorrer entre os próprios professores. Registro de uma citação de uma entrevistada.

“Como estamos em um CEF (Centro de Ensino Fundamental), já percebi a violência simbólica dos professores dos anos finais contra os professores dos anos iniciais, que em sua grande maioria, e estas, por serem alfabetizadoras, são vistas como profissionais inferiores.”

“Já presenciei a violência simbólica várias vezes no ambiente escolar, em algumas coordenações pedagógicas alguns professores referiam-se aos alunos com termos pejorativos e que desqualificam, enquanto um ser que está em processo de desenvolvimento e que, muitas vezes, está vivendo em um ambiente familiar extremamente vulnerável, que favorece a replicação de um comportamento indesejado na escola. Outro momento foram piadas direcionadas aos estudantes estrangeiros.

Comportamentos e discursos encobertos que perpetuam dinâmicas de poder, hierarquias e desigualdades são facilmente observáveis na fala desta entrevistada. No contexto das escolas públicas, esta forma de violência pode manifestar-se através de micro agressões, práticas de exclusão e marginalização de determinados professores ou grupos dentro da profissão.

O conceito de reprodução social⁵³, conforme proposto por Bourdieu e Passeron, sugere que o sistema educacional perpetua a desigualdade social ao reproduzir os valores e crenças dos grupos sociais dominantes. No contexto das escolas públicas, a violência simbólica serve para reforçar as estruturas de poder existentes e limitar as oportunidades para os alunos marginalizados desafiarem o status quo.

⁵³ Pierre Bourdieu (1974) vai tratar da reprodução social a partir da reprodução cultural, desvelando mecanismos de reprodução da estrutura das relações de força e das relações simbólicas entre as classes. Com isso, remete-nos às seguintes indagações: o que faz com que a ordem do mundo, tal como está, com seus sentidos, obrigações e sanções, seja respeitada? Por que a ordem estabelecida, com suas relações de dominação, seus direitos e suas imunidades, perpetua-se? Por que as mais intoleráveis condições de existência podem ser vistas como aceitáveis ou naturais? Disponível em: <https://gestrado.net.br/verbetes/reproducao-social/>. Acesso dia 07 de abril de 2024.

É possível encontrar casos em que professores oprimem seus colegas, criando um ambiente hostil e prejudicial ao desenvolvimento profissional para manter uma ordem de dominação de pequenos grupos em detrimento de outros.

A violência simbólica (Bourdieu, 1996) entre professores de escolas públicas pode ser atribuída a vários fatores, incluindo desigualdades sistêmicas no sistema educacional, preconceitos sociais e a perpetuação de desequilíbrios de poder. Além disso, a competição por recursos limitados e uma estrutura organizacional hierárquica podem exacerbar ainda mais as tensões entre os professores.

Atitudes desdenhosas em relação às ideias dos colegas e desvalorização dos seus trabalhos foram deflagradas nestes momentos de coletivas, professores dos anos finais se sentindo superiores aos professores dos anos iniciais. Além disso, atos linguísticos ou não-verbais de condescendência também podem perpetuar esta dinâmica de poder classificadas como “um conjunto de interações sociais padronizadas, regulares e que duram no tempo”, como resultado de “processos históricos marcados pela concorrência de ações estratégicas entre diversos atores” (Perissinotto, 2007, p.314).

Experimentar a marginalização e a difamação pode levar à diminuição da satisfação no trabalho, ao aumento dos níveis de stress e a uma sensação de isolamento. Em última análise, estes efeitos podem minar a colaboração e a cooperação, prejudicando a qualidade geral da educação ministrada nas escolas públicas, “a prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer” (Freire, 2002, p.43).

O fenômeno da violência exibido pelos professores é uma questão complexa e multifacetada (Bourdieu, 1996) que requer uma análise cuidadosa. Embora a maioria dos educadores demonstra um elevado nível de profissionalismo e dedicação à sua profissão, alguns apresentam tendências violentas que podem ter sérias implicações tanto para os seus alunos como para o sistema educativo como um todo.

“Após conhecer sobre a violência simbólica, consigo perceber que muitos alunos são afetados por ela e alguns

professores também. Alguns alunos não conseguem se defender das agressões praticadas por professores pois são abafadas. Observo também que os efeitos são visíveis, baixa autoestima e desigualdades. Confesso que antes de entender o conceito eu já pratiquei a violência simbólica através de comentários e falas e já presenciei professores falando palavras de baixo calão aos alunos. Hoje me vejo no dever de questionar e corrigir algumas falas de professores.” (Orientadora educacional anos iniciais)

Um clima escolar pouco saudável, caracterizado pela hostilidade, falta de comunicação e apoio mínimo dos colegas, pode contribuir para a violência dos professores. Quando os indivíduos se sentem isolados ou sem apoio, podem recorrer a comportamentos agressivos como forma de exercer controle ou desabafar a frustração.

No entanto, é importante ressaltar que a solução para a opressão entre os professores não pode recair exclusivamente sobre os profissionais diretamente envolvidos. A escola como um todo deve assumir a responsabilidade de valorizar e reconhecer o trabalho dos docentes, proporcionando melhores condições de trabalho, equilíbrio justo e suporte emocional adequado.

“Uma violência diária que percebo, deixar o aluno fora de sala de aula porque chegou atrasado ou por qualquer outro motivo sem acolher e tentar entender o que aconteceu. Após a explanação sobre violência simbólica, percebo que preciso estudar mais a respeito.”

Um dos principais mecanismos através dos quais a violência simbólica é perpetuada nas escolas públicas é através da disciplina e do controle. Os alunos são frequentemente submetidos a medidas disciplinares rigorosas por infrações menores, como atrasos ou violações do código de vestimenta, que servem para regular seu comportamento e suprimir qualquer forma de dissidência ou resistência.

Muitos estudiosos da área de formação de professores contribuem para a compreensão dos desafios e das melhores práticas relacionadas à formação, fornecendo um embasamento teórico sólido e subsidiando a atuação eficiente dos educadores.

Alguns estudiosos como Libâneo (2013) centram-se na didática do ensino, examinando os princípios e estratégias fundamentais necessários para uma pedagogia eficaz. Ele fornece uma base sólida para a compreensão dos aspectos teóricos e práticos do ensino, incluindo tópicos como desenvolvimento curricular, gestão de sala de aula e avaliação educacional.

Para combater esse tipo de postura, é necessário incentivar a colaboração e o apoio entre os professores (Pimenta, 2002). A promoção de oportunidades regulares de diálogo aberto, reflexão e resolução de conflitos pode contribuir para uma cultura de trabalho mais harmoniosa e respeitosa, beneficiando tanto professores como alunos (Hargreaves, 1998). Paralelamente, é necessário investir em programas de capacitação e formação para os professores, o aprimoramento e especialização de suas habilidades pedagógicas. Com isso, a competição e violência entre os colegas pode ser substituída por uma busca pela excelência, melhorando a qualidade do ensino e impedindo o esforço entre os professores.

Paulo Freire é amplamente conhecido por suas contribuições na área da pedagogia crítica e da formação de professores. Seus escritos, como "Pedagogia da Autonomia" (2002) e "Educação como Prática da Liberdade" (1967), abordam a necessidade de uma formação humanista para os professores, destacando a importância da reflexão sobre a prática em sala de aula e do compromisso com a transformação social.

“A violência simbólica está presente diariamente , pois vejo muitos professores, servidores da cantina e servidores da limpeza constantemente sendo humilhados, maltratados e com medo da equipe gestora. O direito a ser visto como

pessoa e não ser escravizado, sofrendo tortura psicológica por parte dos operadores da educação a nível de gestão.”

Demo (2004) enfatiza a importância da prática reflexiva na formação de professores. Ao examinar criticamente suas crenças e preconceitos, os educadores podem se engajar na autorreflexão, levando à melhoria contínua e ao refinamento de suas metodologias de ensino.

Zygmunt Bauman⁵⁴ é um renomado sociólogo e filósofo polonês cujas ideias têm sido amplamente discutidas e debatidas. Uma das principais teorias de Bauman é a modernidade líquida, que descreve a sociedade contemporânea como caracterizada pela fragilidade das relações humanas e pela instabilidade das instituições. Na educação, isso implica que as habilidades e conhecimentos necessários devem ser adaptáveis e flexíveis, já que o mundo está em constante mudança. Além disso, ele argumenta que a escolarização não é mais suficiente, pois a aprendizagem deve ocorrer ao longo da vida, fora do contexto formal da sala de aula.

O conhecimento desses autores possibilita uma compreensão mais abrangente sobre as questões envolvidas na formação de professores e contribui para a melhoria da prática docente. Em suma, a leitura desses autores é fundamental para evitar um clima escolar tóxico perpetuado pela violência simbólica. Entender a dinâmica desse problema é fundamental para propor soluções possíveis. Uma medida eficaz seria a valorização da colaboração entre os professores, incentivando a troca de experiências, debates e parcerias.

Torna-se imperativo abordar outra questão citada pela entrevistada sobre práticas de xenofobia. A xenofobia, o medo e o ódio de estrangeiros ou estranhos, é um problema que afeta sociedades em todo o mundo. Farei um breve exame do perturbador fenômeno dos professores que praticam a xenofobia.

⁵⁴ **BAUMAN**, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.

A xenofobia⁵⁵, originada dos termos gregos "xenos" (estrangeiro) e "phobos" (medo), abrange várias formas de discriminação e preconceito contra indivíduos de diferentes países, culturas ou origens étnicas. Este problema generalizado é prejudicial em escala global, pois impede a integração social, prejudica a diversidade cultural e perpetua a desigualdade.

Refletir sobre o conceito de violência simbólica de Bourdieu (1996) nos permite desvendar como os processos de imigração se cruzam com as relações de poder e as desigualdades sociais. A violência simbólica refere-se aos mecanismos de dominação muitas vezes subtis e inconscientes que perpetuam as estruturas de poder existentes e a imigração pode expor populações vulneráveis a diversas formas de violência simbólica, como a discriminação institucional ou a estigmatização de práticas culturais.

A teoria da doxa⁵⁶ de Bourdieu destaca a reprodução de ideologias e práticas culturais dominantes dentro do país e na sociedade. Este conceito é particularmente relevante para a compreensão da imigração, pois elucida como as normas sociais e as fronteiras culturais podem impactar a integração e aceitação das comunidades imigrantes. Doxa fornece informações sobre as estratégias de resistência ou assimilação utilizadas pelos imigrantes e a forma como a sua presença pode desafiar as estruturas de poder existentes.

⁵⁵ **Xenofobia** (do grego: ξένος, translit. *xénos* "estranho"; φόβος, translit. *phóbos* "medo"^[1]) é o medo, aversão ou a profunda antipatia em relação a estrangeiros,^[2] ao que vem do estrangeiro ou ao que é estranho ou menos comum,^[3] com uma cultura, hábito, etnias ou religião diferente. A xenofobia compartilha diversas características com o racismo^[4] podendo-se manifestar de várias formas, envolvendo as relações e percepções do endogrupo em relação ao exogrupo, incluindo o medo de perda de identidade, suspeição acerca de suas atividades, agressão e desejo de eliminar a sua presença para assegurar uma suposta pureza.^[5] Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Xenofobia>. Acesso dia 31 de jan de 2024.

⁵⁶ Doxa refere-se ao conjunto de crenças e valores aceitos como verdadeiros e inquestionáveis dentro de uma determinada sociedade. Estas crenças e valores estão tão profundamente enraizados nas mentes dos indivíduos que se tornam naturalizados e tidos como garantidos. Bourdieu argumenta que a Doxa é uma forma de capital social que pode ser usada por indivíduos e grupos para promover os seus interesses e ganhar poder. Aqueles que possuem um conhecimento profundo da Doxa e são capazes de navegar nela de forma eficaz têm uma vantagem na sociedade. Por outro lado, aqueles que não se conformam com a Doxa ou a desafiam são marginalizados e excluídos da corrente principal. Disponível em: <https://culturalstudiesnow.blogspot.com/2023/03/bourdieu-meaning-of-doxa-explained.html>. Acesso dia 01 de fev de 2024.

O direito de se retirar do seu país de origem e ter os seus direitos sociais garantidos está na Declaração Universal de Direitos Humanos (1948) e prevenção de qualquer violência ao migrante (Comparato, 2007) e a Constituição de 1988 esclarece que o Brasil inclui constitucionalmente os direitos diversos expressos nos tratados em que o país é signatário (Piovesan, 2009).

“Percebo o quanto a violência simbólica afeta negativamente na aprendizagem, socialização e relacionamento dos estudantes. Já pratiquei a violência até conhecer sobre o tema, pois quando não temos conhecimento sobre o assunto involuntariamente cometemos uma violência. Sofri violência simbólica na escola, enquanto professora, e não foi uma experiência boa. A partir de experiências como essa que aprendi a refletir e praticar ações diferentes com os meus alunos.” (Uma professora de anos finais)

Numa sociedade cada vez mais diversificada, a importância de tratar todos os alunos de forma igual nunca pode ser suficientemente enfatizada. Infelizmente, um problema predominante na escola é a insensibilidade demonstrada por alguns professores em relação aos alunos imigrantes. Um fator importante que contribui para a insensibilidade em relação aos estudantes imigrantes é a falta de consciência cultural entre os professores. Muitos educadores não conseguem compreender os desafios únicos enfrentados pelos estudantes imigrantes, tais como barreiras linguísticas, diferenças culturais e traumas relacionados com a imigração. Esta falta de consciência leva a mal-entendidos, preconceitos e, em última análise, à xenofobia, como ressaltada na fala de uma coordenadora pedagógica.

“Antes de conhecer o conceito eu não me percebia praticando violência simbólica. Ao longo dos meus 25 anos como professora não entendia que a praticava. Refleti sobre muitas posturas (minhas) e de colegas. Hoje consigo identificar a violência simbólica na escola através de atitudes e termos como, repetentes, imigrantes e infratores

que agridem os estudantes e segregam as relações no ambiente escolar.”

A prática da xenofobia (por uma professora de língua portuguesa) foi efetivamente verificada contra uma menina (11 anos de idade) vinda da Venezuela. A família acionou o Conselho Tutelar para mediar o conflito, uma vez que a equipe gestora não resolveu. Percebendo que a situação poderia ter outros desdobramentos legais, a professora recuou e se redimiou para a família da aluna.

A escola conta com muita diversidade cultural, são alunos do Paquistão, Venezuela (grande maioria), Argentina, Cuba, entre outros. A experiência educacional dos estudantes imigrantes apresenta desafios únicos que requerem atenção cuidadosa e intervenções direcionadas. É crucial examinar as dificuldades específicas que estes alunos encontram no sistema escolar para garantir uma educação equitativa e inclusiva para todos.

Uma das principais dificuldades enfrentadas pelos estudantes imigrantes é a presença de barreiras culturais e linguísticas⁵⁷. Estes estudantes provêm frequentemente de origens diversas, onde as suas línguas nativas e práticas culturais podem diferir significativamente daquelas dominantes no seu novo ambiente educativo. Também enfrentam disparidades educativas resultantes de desafios como a interrupção da escolaridade, ou discrepâncias nos padrões curriculares, assim, pode dificultar a comunicação, compreensão e integração eficazes na nova comunidade escolar.

A adaptação a um novo ambiente cultural pode ser exigente para os imigrantes estudantes, levando a desafios associados ao ajustamento cultural e crises de identidade. O choque de valores, normas e expectativas pode criar sentimentos de confusão e isolamento. Além disso, podem ter dificuldades para abraçar sua nova

⁵⁷ **FGV**. Entenda qual o perfil dos imigrantes venezuelanos que chegam no Brasil. 2018.

Disponível em:

<https://dapp.fgv.br/entenda-qual-o-perfil-dos-imigrantes-venezuelanos-que-chegam-ao-brasil/>. Acesso dia 01 de fev de 2024.

identidade e, ao mesmo tempo, preservar sua herança cultural, muitas vezes levando a uma sensação de alienação.

Os educadores têm a obrigação moral de criar um ambiente seguro e respeitoso para todos os alunos, independentemente de sua origem cultural ou nacionalidade. Comentários inadequados, falta de compreensão ou falha em reconhecer as dificuldades emocionais dos alunos podem exacerbar seus sentimentos de isolamento e impedir seu desempenho escolar. Ao fomentar o diálogo intercultural, desafiar estereótipos e promover valores de cidadania global, os professores podem combater ativamente a xenofobia nas suas salas de aula.

As escolas devem priorizar a inclusão, implementando políticas que condenem explicitamente os comportamentos xenófobos entre os seus docentes. Tomar medidas proativas, como treinamento em diversidade, criar redes de apoio para estudantes internacionais e promover um currículo inclusivo, pode ajudar a eliminar práticas xenófobas.

Para concluir, uma análise aprofundada das perspectivas de Pierre Bourdieu (1996) sobre a imigração, a postura violenta de professores no contexto escolar, oferece valiosas contribuições. A imigração, é um fator importante nas sociedades atuais, seja como resultado de processos de migração em massa, deslocamentos forçados ou movimentos voluntários de indivíduos em busca de melhores condições de vida.

Os imigrantes, ao chegarem em um novo país, muitas vezes encontram-se em uma posição de desvantagem em relação aos nativos, enfrentando obstáculos para alcançar recursos e oportunidades sociais. Isso pode ser entendido dentro do conceito bourdieusiano de capital social, cultural e econômico e das lutas pelo poder e posição nos diferentes campos da sociedade.

Uma outra contribuição importante de Bourdieu (1996) para o estudo da imigração é sua noção de habitus de classe. Ao analisar a imigração a partir de uma abordagem de classe social, é possível entender como os imigrantes pertencentes a

diferentes classes sociais se adaptam e são percebidos em sua sociedade de acolhimento. Os imigrantes de classes mais privilegiadas, por exemplo, podem ter mais acesso a recursos econômicos e simbólicos, o que facilita sua integração e mobilidade social em comparação aos imigrantes de classes menos favorecidas.

Em resumo, a obra de Pierre Bourdieu oferece um conjunto de conceitos e ferramentas teóricas para a compreensão dos processos de imigração nas sociedades contemporâneas. Ao analisar a imigração a partir da teoria do campo, do habitus e dos conceitos de capital, é possível entender as dinâmicas sociais, as lutas de poder e as desigualdades envolvidas nesse fenômeno.

5. 1 ENTREVISTA COM ESTUDANTES

A violência simbólica por parte dos educadores reforça dinâmicas de poder que favorecem os professores e perpetuam as desigualdades sociais. Ao utilizar a linguagem, ao silenciar os alunos ou ao empregar práticas disciplinares de forma desproporcional, os professores afirmam a sua autoridade e reforçam as normas culturais dominantes, marginalizando e enfraquecendo assim os alunos que não se conformam com essas normas. Essa distribuição desigual de poder prejudica a atuação dos alunos e perpetua um sistema injusto que reforça as desigualdades sociais.

A entrevista deu-se a partir de questões semiestruturadas.

AOS ESTUDANTES DOS 9ºANOS (5 ESTUDANTES)

- 1. Você já foi humilhado, zombado ou criticado na escola por algum profissional da unidade escolar?**
- 2. Você sente que é frequentemente ou totalmente deixado de lado em conversas em grupo na escola?**

3. **Você alguma vez se sentiu pressionado a mudar suas crenças e valores por algum servidor da escola?**
4. **Você já foi excluído de uma discussão, tarefa ou evento que era importante para você, por algum professor?**
5. **Algum professor já fez você acreditar que era culpado de algo que não tinha noção/culpa?**
6. **Algum profissional da escola já tentou ignorar, minimizar sua fala ou queixa sobre seus sentimentos que você considera importantes?**
7. **Você se sente pressionado a se conformar com a postura agressiva de algum professor/servidor?**
9. **Você já notou alguma violência simbólica, praticada por professores, que esteja sendo perpetuada em sala de aula? Se sim, descreva.**
10. **Você já presenciou gritos e xingamentos de professores na sala de aula?**
11. **Algum profissional da escola já dirigiu gestos ou ações humilhantes e discriminatórias para você ou para alguém próximo a você?**
12. **Você já recebeu críticas ofensivas, esforços, atividades ou opiniões na escola?**
13. **Você já ficou chocado por alguém fazer comentários que violam a política de não discriminação, por profissionais da escola?**
14. **Você já se sentiu humilhado ou culpado por alguma coisa que não foi culpa sua na escola?**
15. **Você já sentiu que lhe insultaram ou te difamaram devido à sua aparência, gênero ou orientação sexual?**
16. **Alguém já lhe disse algo ofensivo ou te xingou devido à sua raça, etnia ou religião?**

Interessante transcrever algumas respostas dadas por alguns estudantes ao longo das entrevistas.

“Já me senti culpada e constrangida por não ter compreendido a explicação da professora e após questionar o conteúdo para a professora ela não respondeu, não tirou a minha dúvida. Me senti pressionada com a atitude da professora e ela minimizou o meu sentimento de constrangimento e se eu a confrontar iria piorar a situação...Já presenciei gritos e xingamentos de professores,

inclusive com comentários racistas em sala de aula, já me senti humilhada.” (Aluna 9ºA)

A comunicação eficaz é um componente crucial em qualquer relacionamento interpessoal, seja ele pessoal ou profissional. Na busca por dominar esta habilidade vital, muitas vezes nos deparamos com momentos em que não conseguimos compreender uma mensagem, deixando-nos com sentimentos de culpa e constrangimento. A resposta desta aluna reflete bem a postura autoritária da professora em não abrir-se para o diálogo com os estudantes. A arrogância nos professores pode ter um efeito prejudicial nos alunos.

É importante que educadores e administradores escolares reconheçam e abordem a violência simbólica nas escolas, a fim de criar um ambiente de aprendizagem seguro e inclusivo para todos os alunos. Isto pode ser alcançado através da implementação de uma educação anti-preconceito, de práticas de ensino culturalmente sensíveis e de abordagens de justiça restaurativa à disciplina.

Quando os professores demonstram orgulho e condescendência excessivos, cria-se um ambiente intimidador, inibindo o diálogo aberto e sufocando o crescimento intelectual. Os alunos podem sentir-se desencorajados de fazer perguntas ou desafiar as ideias dos professores, dificultando o desenvolvimento de competências de pensamento crítico. Professores arrogantes muitas vezes não conseguem reconhecer o potencial de seus alunos, diminuindo assim seu entusiasmo pela aprendizagem.

A ideia de liberdade nas escolas públicas tem sido uma questão controversa ao longo da história, com os alunos muitas vezes a sentirem-se restringidos na sua capacidade de pensar e agir de forma independente. Isso pode ser atribuído à estrutura hierárquica do sistema educacional, onde se espera que os alunos obedeçam a um currículo definido e a regras estabelecidas por professores e administradores, como os grupos dominantes impõem os seus valores, normas e crenças aos grupos subordinados, levando à internalização da opressão e à limitação da autonomia.

A inteligência emocional desempenha um papel crucial na mitigação da arrogância entre os professores. O professor deve possuir autoconsciência, empatia e humildade, entendendo que seu conhecimento não o torna infalível. Cultivar a inteligência emocional permite que os professores se conectem com os alunos em um nível mais profundo, promovendo um ambiente de aprendizagem inclusivo e de apoio.

Outro exemplo de violência simbólica na educação é o assédio, que é definido como qualquer forma de comportamento que cause humilhação ou desrespeito a um aluno ou para uma instituição de ensino. Assédio geralmente envolve um professor rejeitando os alunos herdando ideias, ignorando questões por meio de demonstrações hostis e usando linguagem inadequada. Um ambiente escolar saudável, positivo e seguro é o ponto de partida para o estabelecimento de um clima em que todos os membros da comunidade educacional possam ter o máximo de sucesso possível em seu desenvolvimento.

Enquanto o sucesso escolar é um aspecto importante da saúde das escolas, é também necessário que as pessoas sintam-se bem e sejam estimuladas para aprender. Portanto, as práticas positivas na escola com foco na prevenção das violências são de extrema importância para estabelecer e promover relações positivas entre os membros da comunidade escolar. Estas práticas incentivam os alunos a serem criativos, que são motivados de forma positiva e a reconhecer seus próprios méritos.

Professores devem priorizar o feedback construtivo em vez da crítica agressiva. A postura do professor em sala de aula deve estar focada no crescimento e no desenvolvimento do estudante, promovendo um ambiente de apoio onde os erros fossem vistos como oportunidades de melhoria.

Seguindo as respostas coletadas nas entrevistas com os estudantes.

“Me identifico como sendo não binária. Já fiquei com meninos e meninas e hoje me identifico transitando nos dois gêneros. Minha família não aceita. Escondo deles. Aqui na escola meus colegas me chamam pelo o nome social que escolhi. Alguns professores também me chamam, mas ouvi de uma professora que eu iria pro inferno por causa da minha orientação sexual.” (Aluna 9°C)

O desejo de se adaptar e ser aceito pelos colegas pode fomentar preconceitos e violência nos ambientes escolares. Os alunos podem sucumbir à pressão dos seus grupos sociais, envolvendo-se em comportamentos discriminatórios ou participando em atos violentos para obter aceitação ou manter o seu estatuto dentro da hierarquia de pares.

Além disso, criar uma cultura escolar que valorize a diversidade, a inclusão e a equidade é essencial no combate a violência simbólica e promovendo um sentimento de pertencimento para todos os alunos. As escolas devem trabalhar no sentido de criar um currículo que reflita as diversas experiências e origens do corpo discente e fornecer recursos e apoio aos alunos de grupos marginalizados.

Os membros da comunidade LGBTQ+ no Brasil enfrentam discriminação e violência generalizadas, dificultando a sua plena integração social e negando-lhes direitos básicos. A vulnerabilidade que vivenciam exige a implementação de políticas que protejam seus direitos, promovam a inclusão e promovam a aceitação social. Escolas com diversidade limitada muitas vezes não conseguem expor os alunos diferentes culturas, perspectivas e ideias. Esta falta de exposição pode levar a suposições, estereótipos e preconceitos em relação a indivíduos com origens diferentes, exacerbando as tensões e aumentando o potencial de violência.

Iniciar a compreensão sobre a prática da violência simbólica dentro da escola é fundamental para que os estudantes tenham os seus direitos reconhecidos e respeitados no ambiente educacional. A legislação garante o uso do nome social aos estudantes que se identificam não binários, esclarece que:

Art. 1º. Na elaboração e implementação de suas propostas curriculares e projetos pedagógicos, os sistemas de ensino e as escolas de educação básica brasileiras devem assegurar diretrizes e práticas com o objetivo de combater quaisquer formas de discriminação em função de orientação sexual e identidade de gênero de estudantes, professores, gestores, funcionários e respectivos familiares.

Art. 2º. Fica instituída, por meio da presente Resolução, a possibilidade de uso do nome social de travestis e transexuais nos registros escolares da educação básica. Resolução nº 1, de 19 de janeiro de 2018, do Ministério da Educação.

Desenvolver uma cultura de respeito e tolerância é fundamental para prevenir a violência simbólica. As escolas devem promover um ambiente onde as diversas origens, identidades e perspectivas dos alunos sejam celebradas, promovendo a empatia e a compreensão. Devem estabelecer políticas antibullying robustas e abrangentes que abordam explicitamente a violência simbólica, refletir uma abordagem de tolerância zero e fornecer procedimentos claros para relatar, investigar e resolver incidentes ocorridos no interior das salas de aula.

“Teve um ocorrido uma vez que uma professora não me deixou falar o que realmente tinha acontecido. Ouvi apenas o que os colegas falaram e não me deixou explicar durante uma discussão e isso me deixou muito mal.” (Aluna 9ºC)

“O que mais me machucou foi quando ouvi de uma professora que eu era feia e gorda. Um mal exemplo para outros colegas. Parei de comer por muitos dias, emagreci muito, fiquei muito mal. Normalmente os professores são grossos, mal educados e gritam muito.” (Aluna 9ºD).

“Já me senti menosprezada por alguns professores por eu ter menos intelecto”. (Aluna 9ºE).

A criação de mecanismos seguros de denúncia, denúncia anônima, pode encorajar vítimas ou testemunhas de violência simbólica a se apresentarem sem medo de represálias. Canais confiáveis ajudam a garantir intervenções e apoio apropriados para as pessoas afetadas. Outro ponto relevante é a necessidade de uma gestão de recursos humanos eficiente, capaz de identificar e lidar especificamente com casos de opressão de alunos por professores. Isso envolve a implementação de punições para os responsáveis por comportamentos opressivos.

É fundamental oferecer oportunidades de desenvolvimento profissional para que a equipe compreenda as nuances e manifestações da violência simbólica. Os educadores precisam estar equipados com conhecimentos e habilidades para identificar e abordar eficazmente comportamentos prejudiciais.

3ª PARTE

E no entanto, se o poder fosse plural, como os demônios? “Meu nome é Legião”, poderia ele dizer: por toda parte, de todos os lados, chefes, aparelhos, maciços ou minúsculos, grupos de opressão ou de pressão: por toda parte, vozes “autorizadas”, que se autorizam a fazer ouvir o discurso de todo poder: o discurso da arrogância.

Roland Barthes

6. CONCLUSÃO? Não! Mas o início de muitas considerações!

6.1 ESCOLA PÚBLICA, UM ESPAÇO PRIVILEGIADO PARA A MANUTENÇÃO DO FASCISMO DIANTE DO NOSSO NARIZ

O QUE É PODER?

Poder pode ser definido como a capacidade de influenciar ou controlar pessoas, eventos ou recursos. É um conceito fundamental nas ciências sociais e tem sido tema

de interesse de pesquisadores em diversas áreas, incluindo ciência política, sociologia, psicologia e comportamento organizacional. Compreender o poder é crucial para compreender as relações e dinâmicas sociais dentro das sociedades, organizações e outros sistemas sociais⁵⁸.

O poder pode assumir diferentes formas e manifestar-se de várias maneiras. O filósofo francês Michel Foucault⁵⁹, por exemplo, argumenta que o poder não é simplesmente detido pelos indivíduos, mas também está disperso pelas estruturas e instituições sociais. Esta ideia desafia a noção tradicional de poder como algo que é possuído por alguns indivíduos em posições de autoridade. Em vez disso, o poder pode ser visto como uma força complexa e dinâmica que opera através de redes de relacionamentos e interações.

O poder também pode ser uma fonte de conflito e resistência. Aqueles que são marginalizados ou oprimidos podem desafiar as estruturas de poder existentes e procurar capacitar-se através de movimentos sociais ou ativismo.

Um aspecto fundamental do poder é a capacidade de influenciar os outros e obrigá-los a fazer coisas que de outra forma não fariam. Isto pode ser conseguido através de vários meios, tais como coerção, manipulação, persuasão ou autoridade legítima.

A dinâmica do poder desempenha um papel crucial na formação de hierarquias e desigualdades sociais. Nas sociedades, o poder é frequentemente distribuído de

⁵⁸ **Poder** (do *latim* *potere*) é a capacidade de deliberar arbitrariamente, agir, mandar e também, dependendo do contexto, a faculdade de exercer a *autoridade*, a *soberania*, o *império*. Poder tem também uma relação direta com capacidade de se realizar algo, aquilo que se "pode" ou que se tem o "poder" de realizar ou fazer.

Desde os primórdios da humanidade as relações entre indivíduos/grupos se deram visando o poder, o *monopólio*, seja ele *económico*, *militar* ou qualquer outro. Uma relação de poder pode se formar por exemplo, no momento em que alguém deseja algo que depende da vontade de outra pessoa. Esse desejo estabelece uma relação de dependência de indivíduos ou grupos em relação a outros. Quanto maior a dependência de A em relação a B, maior o poder de B em relação a A. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Poder>. Acesso em 07 de abril de 2024.

⁵⁹ **FOUCAULT**, MICHEL. *Microfísica do poder*. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. - 5. ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

forma desigual entre indivíduos e grupos, conduzindo a disparidades em termos de riqueza, estatuto e oportunidades. Aqueles que possuem mais poder são capazes de fazer valer os seus interesses e preferências sobre os outros, moldando a forma como a sociedade é organizada e funciona. Isto pode levar à perpetuação das estruturas de poder existentes e à marginalização de certos indivíduos ou grupos⁶⁰.

Jürgen Habermas⁶¹, filósofo, sociólogo e teórico crítico alemão, fez contribuições significativas nos campos da Filosofia, Sociologia, Política, Educação e Direito. O seu trabalho, particularmente a Teoria da Ação Comunicativa⁶² (TAC), enfatiza a importância da comunicação e da compreensão nas interações sociais e nos ambientes educacionais.

A TAC baseia-se na ideia de que a comunicação é central para a ação humana e que deve ser entendida como um processo para alcançar o entendimento mútuo. Habermas argumenta que a comunicação não é apenas uma ferramenta de troca de informações, mas sim um meio de coordenar ações e criar laços sociais. Ele identifica três reivindicações de validade na comunicação: verdade, retidão e sinceridade, que são essenciais para alcançar o entendimento mútuo⁶³.

No contexto da educação, a TAC de Habermas tem implicações importantes. A TAC sugere que a educação deve basear-se no diálogo e na compreensão mútua, e não

⁶⁰ Entenda as causas das desigualdades sociais e como afetam a população Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/blog/entenda-as-causas-da-desigualdade-social-e-como-afeta-a-populacao>. Acesso dia 07 de abril de 2024.

⁶¹ Habermas e a educação. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/habermas-e-a-educacao/>. Acesso dia 17 de abril de 2024.

⁶² **Jürgen Habermas** (Düsseldorf, 18 de junho de 1929) é um filósofo e sociólogo alemão que participa da tradição da teoria crítica e do pragmatismo, sendo membro da Escola de Frankfurt. Dedicou sua vida ao estudo da democracia, especialmente por meio de suas teorias do agir comunicativo (ou teoria da ação comunicativa), da política deliberativa e da esfera pública. Ele é conhecido por suas teorias sobre a racionalidade comunicativa e a esfera pública,^[1] sendo considerado um dos mais importantes intelectuais contemporâneos.^[2]

⁶³ Habermas e a educação. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/habermas-e-a-educacao/>. Acesso dia 17 de abril de 2024.

em métodos de ensino autoritários. Esta abordagem enfatiza a importância do pensamento crítico, da emancipação e dos valores democráticos no processo educacional.⁶⁴

O trabalho de Habermas também destaca a importância do mundo da vida, que é o contexto de comunicação onde ocorrem as práticas cotidianas. O mundo da vida é transmitido culturalmente e é a base para a integração social. Na educação, o mundo da vida é essencial para criar um sentido de comunidade e para promover valores sociais e culturais. Além disso, o TAC de Habermas propõe uma distinção entre o sistema e o mundo da vida. O sistema refere-se às esferas econômica e política, enquanto o mundo da vida refere-se às dimensões culturais, sociais e subjetivas da sociedade. Esta distinção é importante na educação porque destaca a necessidade de equilibrar as exigências do sistema com as necessidades do mundo da vida.

A crítica radical à linguagem e à comunicação, aplicada na educação por meio da teoria da ação comunicativa de Habermas, pode contribuir para uma pedagogia crítica e reflexiva, que promova o entendimento intersubjetivo e a emancipação dos estudantes.

Em resumo, a TAC de Habermas oferece um quadro teórico para a compreensão do papel da comunicação e da compreensão na educação. Ao enfatizar a importância do diálogo, da compreensão mútua, do pensamento crítico, da emancipação e dos valores democráticos, o trabalho de Habermas fornece uma perspectiva valiosa sobre o processo educativo. Além disso, a sua distinção entre o sistema e o mundo da vida destaca a necessidade de equilibrar as exigências das esferas econômica e política com as necessidades das dimensões culturais, sociais e subjetivas da sociedade.

⁶⁴ Habermas e a educação. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/habermas-e-a-educacao/>. Acesso dia 17 de abril de 2024.

O conceito de “linguagem fascista”⁶⁵ tem sido explorado por diversos autores, traçando conexões entre linguagem e ideologias autoritárias. Roland Barthes afirmou notavelmente que a linguagem é fascista, gerando discussões sobre a relação entre linguagem e totalitarismo. A afirmação de Barthes suscita reflexões sobre como a linguagem pode ser usada para exercer controle e manipular o pensamento, ecoando preocupações sobre a dinâmica de poder inerente à comunicação.

Os autores investigaram as implicações da linguagem fascista, analisando as suas características e impacto na sociedade. Ao examinar contextos históricos, como o regime nazi, e exemplos contemporâneos como o discurso de figuras políticas, os acadêmicos destacaram como a linguagem pode ser utilizada para moldar a percepção pública, controlar narrativas e influenciar o comportamento. Este escrutínio do uso da linguagem sublinha a importância de compreender as nuances da comunicação e o potencial de manipulação linguística⁶⁶.

Através dos trabalhos de vários autores como Barthes, George Orwell⁶⁷ e outros que exploraram as intersecções entre linguagem, poder e ideologia, emerge uma compreensão mais profunda das complexidades da influência linguística. Estas discussões lançam luz sobre o papel da linguagem na formação do discurso político, promovendo o pensamento crítico sobre as dimensões éticas da comunicação e

⁶⁵ LEAL, B. de L. A. Língua e fascismo: Configurações do olhar barthesiano. ALFA: Revista de Linguística, São Paulo, v. 65, 2021. DOI: 10.1590/1981-5794-e12459. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/12459>. Acesso em: 17 abr. 2024.

⁶⁶Piovezani, Carlos. Disponível em: <https://estadodaarte.estadao.com.br/zeytounlian-linguagem-fascista-neofalantes/>. Acesso dia 17 de abril de 2024.

⁶⁷ **Eric Arthur Blair** (Motihari, Índia Britânica, 25 de junho de 1903^{[2][3]} – Camden, Londres, Reino Unido, 21 de janeiro de 1950),^[4] mais conhecido pelo pseudônimo **George Orwell**, foi um escritor, jornalista e ensaísta político inglês, nascido na Índia Britânica. Sua obra é marcada por uma inteligência perspicaz e bem-humorada, uma consciência profunda das injustiças sociais, uma intensa oposição ao totalitarismo e uma paixão pela clareza da escrita.^[5] Sua hostilidade ao Stalinismo e pela experiência do socialismo soviético,^[6] um regime que Orwell denunciou em seu romance satírico *A Revolução dos Bichos*,^{[7][8]} (traduzido no Brasil também como *A Fazenda dos Animais*, a partir das edições de 2020) se revelou uma característica constante em sua obra.

ênfatizando a necessidade de vigilância contra o uso indevido da linguagem para fins autoritários.

As lutas pelo poder ocorrem frequentemente quando diferentes indivíduos ou grupos têm interesses e objetivos concorrentes, levando a conflitos sobre recursos, influência ou representação. Compreender a dinâmica do poder em situações de conflito é essencial para resolver divergências e promover a justiça social.

Roland Barthes⁶⁸, um proeminente teórico literário, filósofo e semiótico francês, é conhecido por seus insights inovadores sobre linguagem, cultura e signos. No seu ensaio intitulado "A Linguagem Fascista", Barthes interroga as formas como a linguagem pode ser usada como ferramenta de dominação e controle em regimes políticos opressivos. Barthes desafia a noção de que a linguagem é um meio de comunicação neutro e transparente, argumentando, em vez disso, que a linguagem pode ser manipulada para servir os interesses daqueles que estão no poder.

Através de uma análise cuidadosa das estratégias retóricas empregadas pelos regimes fascistas, Barthes expõe as maneiras pelas quais a linguagem pode ser transformada em arma para afirmar a autoridade, impor a conformidade e silenciar a dissidência.

Um dos principais argumentos de Barthes é que o discurso fascista opera através de um processo de criação de mitos e mitologização. Ao criar e perpetuar mitos que reforçam a ideologia da elite dominante, os regimes fascistas são capazes de legitimar o seu poder e suprimir narrativas alternativas. Barthes identifica vários dispositivos linguísticos usados no discurso fascista, como slogans, clichês e

⁶⁸ **Roland Gérard Barthes** (/ ba:r t / ; ^[2] francês : [ʁolã bart] ; 12 de novembro de 1915 – 26 de março de 1980 ^[3]) foi um teórico literário , ensaísta , filósofo , crítico e semiótico francês . Seu trabalho envolveu a análise de uma variedade de sistemas de signos , principalmente derivados da cultura popular ocidental . ^[4] Suas ideias exploraram uma ampla gama de campos e influenciaram o desenvolvimento de muitas escolas teóricas, incluindo estruturalismo , antropologia , teoria literária e pós-estruturalismo .

Barthes é talvez mais conhecido por sua coleção de ensaios *Mitologias* de 1957 , que continha reflexões sobre a cultura popular, e pelo ensaio " *A Morte do Autor* " de 1967/1968, que criticava as abordagens tradicionais da crítica literária . Durante a sua carreira acadêmica esteve principalmente associado à *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS) e ao *Collège de France* .

propaganda, que servem para simplificar questões complexas, demonizar oponentes e promover um sentimento de identidade coletiva e pertencimento entre a população.

Além disso, Barthes afirma que a linguagem fascista depende de uma retórica de medo e exclusão para manter o controle sobre a população. Ao incutir medo e paranóia através de linguagem inflamatória e ameaças exageradas, os regimes fascistas são capazes de justificar medidas repressivas e restringir as liberdades individuais. Barthes argumenta que o cultivo de uma mentalidade de cerco, na qual a nação é retratada como sob constante ameaça de inimigos externos e subversivos internos, serve para justificar práticas autoritárias e reprimir a dissidência.

A educação fascista é um tema complexo, vinculado a diferentes contextos políticos e sociais. O fascismo, como movimento político e social, possui uma retórica populista que ataca assuntos como a corrupção da nação, a falência dos valores morais, faz o levantamento de corpos expiatórios, e se aproveita de momentos de crise econômica, social e política. Nesse contexto, a educação fascista assume uma postura autoritária, violenta, hierárquica e com foco nas elites, defendendo mudanças radicais no status quo, mas privilegiando a manutenção desse status quo em relação às privilégios de classes.

No contexto da educação, o fascismo pode ser vinculado a uma visão capitalista⁶⁹ que busca educar os pobres para se tornarem mão de obra comprometida e servirem como mais uma engenharia do sistema, em vez de democratizar o acesso ao conhecimento. Isso pode ser observado na educação espartana, que era severa e orientada para a formação militar, com o objetivo de formar cidadãos-homogêneos à ideologia de uma sociedade fechada e compacta.

Barthes descreve a linguagem fascista como uma forma de manipulação linguística que busca controlar e oprimir indivíduos através do uso de retórica e propaganda. Ele argumenta que esta linguagem é caracterizada pela sua capacidade

⁶⁹ Kang, Thomas H. 2010. Instituições, Voz Política e Atraso Educacional no Brasil, 1930-1964, Dissertação de Mestrado – Economia, Universidade de São Paulo.

de distorcer a realidade e impor uma visão de mundo particular à população. Isto pode ser visto na forma como os líderes políticos e outras figuras de autoridade usam a linguagem para incutir medo e conformidade nas massas.

Nos últimos anos, tem havido um debate crescente em torno do estado da educação no Brasil e se ela pode ou não ser caracterizada como fascista. Esta é uma questão incrivelmente complexa e controversa que não pode ser facilmente resumida numa simples resposta sim ou não. Para abordar eficazmente esta questão, é importante examinar cuidadosamente as diversas facetas do sistema educacional brasileiro e considerar como elas podem ou não se alinhar com ideologias fascistas.

No Brasil, durante o Estado Novo (1937-1945)⁷⁰, o governo buscou construir a nacionalidade e a identidade brasileira por meio da educação. As políticas educacionais do Estado Novo visavam atingir as escolas primárias, especialmente aquelas das áreas de imigração europeia do Sul do Brasil, gerando mudanças pedagógicas. O governo utilizou a educação escolar para promover a construção nacionalista, que fazia parte do projeto fascista de Getúlio Vargas.

Um dos principais argumentos apresentados por aqueles que acreditam que o sistema educacional brasileiro é fascista é a percepção da falta de pensamento crítico e liberdade intelectual. Ao longo da história, os regimes fascistas procuraram frequentemente controlar a educação, a fim de doutrinar os estudantes com uma ideologia específica e suprimir pontos de vista divergentes.

Além disso, a ascensão de movimentos políticos conservadores no Brasil levou a um maior escrutínio do sistema educacional, com alguns acusando os educadores de promoverem ideologias esquerdistas e de tentarem manipular as crenças dos alunos. Isso alimentou temores de que o sistema educacional brasileiro esteja se tornando cada vez mais polarizado e partidário, o que é uma marca registrada dos regimes fascistas que buscam dividir e conquistar por meio de propaganda e desinformação.

⁷⁰A Educação Brasileira no Período de 1930 a 1960: a Era Vargas. João Cardoso Palma Filho Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/107/3/01d06t05.pdf>. Acesso dia 12/04/2024.

Por outro lado, há aqueles que argumentam que rotular o sistema educacional brasileiro como fascista é uma simplificação excessiva e não leva em conta a diversidade de perspectivas e experiências dentro do sistema. Também é importante considerar o papel do contexto histórico moldando o sistema educacional brasileiro. O Brasil tem uma história complexa de colonialismo, escravidão e desigualdade que continua a influenciar o cenário educacional atual. Esta história não pode ser ignorada ao avaliar até que ponto as ideologias fascistas se infiltraram no sistema e moldaram a sua forma atual.

O fascismo⁷¹ na educação refere-se à incorporação de ideologias e princípios fascistas no sistema educacional. Isto pode manifestar-se de várias formas, tais como a promoção da propaganda nacionalista, a supressão do pensamento crítico e da dissidência e a glorificação de um líder ou regime poderoso. O objetivo da educação fascista é doutrinar os alunos com um conjunto específico de crenças, muitas vezes centradas na supremacia do Estado e na demonização de certos grupos minoritários.

Durante o período de 1930 a 1960⁷², a educação brasileira passou por diversas reformas significativas que moldaram o sistema educacional do país. Algumas das principais reformas incluíram:

1. Reforma do Ensino Secundário e do Ensino Superior em 1931, que visava reestruturar o ensino secundário e superior no Brasil¹.

⁷¹ "O fascismo é um conceito que gera muito debate por sua complexidade, já que é um movimento político que se adapta a diferentes circunstâncias e apropria-se de ideais de diferentes ideologias. De toda forma, o fascismo, enquanto movimento político e social, possui uma retórica populista que explora assuntos como a corrupção endêmica da nação, crises na economia ou "declínio dos valores tradicionais e morais" da sociedade. Além disso, defende que mudanças radicais no status quo (expressão em latim para referir-se ao "estado atual das coisas") devem acontecer." Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-e-fascismo.htm>. Acesso dia 07 de abril de 2024.

⁷² TEIXEIRA, Anísio. Educação no Brasil. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1999.

2. Manifesto dos Pioneiros pela Educação Nova em 1932, um documento que defende uma "nova educação" adaptada para um grupo urbano industrial, causando insatisfação em setores conservadores ligados ao campo.
3. Constituição Federal de 1934, que teve impacto na legislação educacional e nas políticas públicas externas para a educação.
4. Criação do Ministério da Educação e Saúde Pública por Getúlio Vargas em 1937, que trouxe mudanças significativas na gestão e organização da educação no Brasil.
5. Estabelecimento de normas para o funcionamento e criação de cursos universitários em 1938, que passou pela exigência de autorização do Governo Federal.
6. Lei de 1942 que especifica o sistema de ensino secundário, estabelecendo as bases para as décadas seguintes.
7. Essas reformas tiveram como objetivo promover mudanças estruturais no sistema educacional brasileiro, abrangendo desde o ensino secundário até o ensino superior, e refletiram os esforços para modernizar e democratizar a educação no país durante esse período.⁷³

Uma das principais características do fascismo na educação é a uso de propaganda para manipular as crenças e percepções dos alunos. Não permitir que estudantes questionem os ensino ofertado por professores e até mesmo sejam silenciados, como já pamentado nas entrevistas aqui expostas é retrocesso à um regime opressor e desumano.⁷⁴

Ao controlar o fluxo de informação, os sistemas educativos procuram moldar as atitudes e comportamentos dos alunos de acordo com as suas crenças autoritárias. Outro aspecto do fascismo na educação é a supressão do pensamento crítico e da

⁷³ A Educação Brasileira no Período de 1930 a 1960: a Era Vargas. João Cardoso Palma Filho Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/107/3/01d06t05.pdf>. Acesso dia 12/04/2024.

⁷⁴ **WEREBE**, Maria José Garcia. Grandezas e misérias do ensino brasileiro. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963.

liberdade intelectual. Questionar a autoridade ou desafiar as ideologias prevalecentes acarreta frequentemente consequências duras, como censura, punição, evasão escolar e expulsão, contudo, o termo expulsão é substituído por “convite a se retirar da escola”. Isto cria um clima de medo e conformidade, onde os alunos são desencorajados de pensar de forma independente e de expressar opiniões divergentes.

A educação fascista também tende a priorizar a obediência e a conformidade em detrimento da criatividade e da individualidade. Espera-se que os alunos sigam cegamente as regras e regulamentos, sigam os currículos prescritos e cumpram as normas sociais sem questionar. Isto sufoca a capacidade dos estudantes de pensar por si próprios e inibe a sua capacidade de crescimento pessoal e de auto-expressão.

Além disso, a educação fascista frequentemente promove a ideia de hierarquias naturais e da superioridade de certos grupos sociais sobre outros. Isto pode levar à marginalização e à discriminação de grupos minoritários, que são considerados inferiores ou indignos de direitos e oportunidades iguais.

A educação pode ter efeitos prejudiciais e duradouros sobre os indivíduos e a sociedade como um todo. Ao doutrinar os estudantes com crenças autoritárias e suprimir o pensamento crítico, a escola pública quando caminha nesta linha do fascismo perpetua a ignorância, a intolerância e a opressão. Isto pode levar à erosão dos valores democráticos, à violação dos direitos humanos e à consolidação do poder nas mãos de uns poucos privilegiados.

É crucial estar vigilante e crítico em relação à presença de ideologias fascistas na educação e resistir a quaisquer tentativas de manipular ou controlar as crenças e comportamentos dos alunos. Ao promover a mente aberta, o pensamento crítico e o respeito pela diversidade, podemos ajudar a proteger contra os perigos do fascismo na educação e a criar uma sociedade mais equitativa e inclusiva para todos e trabalhar em conjunto para combater os seus efeitos nocivos, salvaguardando os princípios da democracia, da igualdade e da liberdade para as gerações futuras.

No contexto da sala de aula, as ideias de Barthes têm implicações importantes para a forma como ensinamos e aprendemos. Ao enfatizar a multiplicidade de significados que podem ser derivados de um texto, Barthes incentiva os alunos a abordar a literatura com um olhar crítico e a interrogar os pressupostos e preconceitos que moldam as suas interpretações. Em vez de ver o autor como a autoridade máxima em um texto, os alunos são incentivados a se envolver com o texto em seus próprios termos e a considerar as maneiras pelas quais suas próprias experiências e perspectivas moldam sua leitura.

As ideias de Barthes podem ser aplicadas de diversas maneiras. Por exemplo, os professores podem incentivar os alunos a explorar os múltiplos significados que podem ser derivados de um texto, através de uma leitura e análise atentas. Ao desafiar os alunos a considerarem como as suas próprias experiências e perspectivas moldam as suas interpretações, os professores podem ajudar os alunos a desenvolver uma compreensão mais matizada do texto e das suas implicações.

Com base nas fontes fornecidas, o conceito de língua brasileira ser fascista é discutido em diversos contextos. Roland Barthes, afirmou que a própria linguagem é fascista, não inerentemente alinhada com o progressismo ou o conservadorismo. Além disso, há referências à natureza fascista da linguagem em relação às ideologias e discursos políticos no Brasil, particularmente no contexto dos discursos de extrema direita de figuras como Jair Bolsonaro⁷⁵. Estas discussões destacam a complexa interação entre linguagem, ideologia e discurso político, sugerindo que a caracterização da língua brasileira como fascista está ligada a dinâmicas sociopolíticas mais amplas, e não a uma simples resposta sim ou não.⁷⁶

⁷⁵ **Discursos da extrema-direita no Brasil: uma análise de pronunciamentos de Jair Bolsonaro.** Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/raled/article/view/37174>. Acesso dia 13 de abril de 2024.

⁷⁶ **A língua é fascista, por Roland Barthes –** Disponível em: <https://colunastortas.com.br/a-lingua-e-fascista-por-roland-barthes-drops-35/>. Acesso dia 13 de abril de 2014.

No geral, as contribuições de Roland Barthes para os campos da semiótica, teoria literária e cultura estudos tiveram uma influência profunda no pensamento intelectual contemporâneo. A sua capacidade de analisar e criticar as formas como o significado é produzido e circula na cultura inspirou gerações de estudiosos e teóricos a repensar a forma como entendemos e interpretamos textos, imagens e sinais. O trabalho de Barthes continua a ser uma fonte de inspiração para aqueles interessados em explorar a relação complexa e em constante mudança entre língua, cultura e sociedade.

Compreender as raízes do preconceito e da violência nas escolas requer reconhecer os fatores históricos e socioculturais que moldam as atitudes dos alunos. Injustiças históricas, como racismo, sexismo e colonialismo, criaram uma intrincada rede de preconceitos e estereótipos que persistem na sociedade contemporânea e influenciam as crenças e comportamentos dos estudantes.

O sistema escolar público brasileiro⁷⁷ tem sido atormentado por uma infinidade de desafios que criaram uma barreira à educação de qualidade para a maioria da população, principalmente a periférica. Ao examinar o contexto histórico, as disparidades de financiamento, a escassez de professores, o currículo desatualizado e a infraestrutura inadequada, torna-se evidente que o estado atual da educação pública no Brasil requer atenção urgente, reformas abrangentes e soluções inovadoras.

Para compreender o estado atual da educação pública no Brasil, é crucial compreender seu desenvolvimento histórico. Apesar do progresso significativo, o Brasil ainda luta para superar o legado de desigualdades políticas e socioeconômicas que impactaram profundamente o sistema educacional. Fatores históricos, como padrões de colonização, escravidão e desigualdade na distribuição de terras, perpetuaram

⁷⁷Formação de professores no Brasil: a herança histórica. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/123>. Acesso dia 15/ de abril de 2024.

disparidades sociais, que continuam a afetar a qualidade e a acessibilidade da educação no país.⁷⁸

Um dos principais desafios enfrentados pelo sistema de educação pública no Brasil são as disparidades significativas de financiamento que existem entre as escolas. A distribuição desigual de recursos leva a grandes diferenças na qualidade da educação recebida pelos alunos. As escolas em áreas mais ricas muitas vezes têm acesso a melhores infraestruturas, tecnologia moderna e materiais didáticos de maior qualidade, enquanto as escolas em áreas desfavorecidas lutam com salas de aula superlotadas, livros desatualizados e instalações inadequadas, perpetuando um ciclo de desigualdade educacional e exclusão social.

Outra questão crítica que assola o sistema de ensino público brasileiro é a escassez de professores qualificados e motivados. Os baixos salários, as más condições de trabalho e a falta de oportunidades de progressão na carreira levaram a uma diminuição do interesse pela profissão docente. Essa escassez afeta negativamente a qualidade da educação, já que os alunos sofrem com proporções mais altas entre alunos e professores e não têm acesso a educadores bem preparados que possam inspirá-los e orientá-los em direção ao seu pleno potencial.

A análise da formação de professores no Brasil para a escola pública revela uma série de desafios e aspectos críticos que impactam diretamente a qualidade da educação. Diversos estudos e reflexões apontam para questões como a legislação relativa à formação docente, as características socioeducacionais dos licenciandos, a estrutura dos cursos formadores de professores e a eficácia dos currículos e programas de formação.

A legislação vigente, juntamente com a fragmentação da formação entre e intracurso, apresenta ambiguidades que afetam a consistência e eficácia da formação de professores. Além disso, a parte curricular dedicada à formação específica para o

⁷⁸ **BERNARDETE**, A. Gatti. Formação de professores no Brasil: Características e problemas. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/R5VNX8SpKjNmKPxxp4QMt9M/?format=pdf&lang=pt>. Acesso dia 15 de abril de 2024.

trabalho docente, incluindo os estágios, muitas vezes não atende plenamente às demandas reais da prática educativa.

A história da formação de professores no Brasil revela uma evolução marcada por reformas e mudanças significativas, desde a criação das escolas normais⁷⁹ nas províncias até as reformas mais recentes nos institutos de educação. No entanto, persistem desafios como a necessidade de uma verdadeira revolução nas estruturas institucionais formativas e nos currículos, visando uma formação mais integrada e alinhada com as demandas contemporâneas da educação.

A profissão de professor destaca a falta de consenso sobre o papel da formação inicial, evidenciando a importância de repensar e qualificar os processos formativos dos educadores. A proximidade dos professores em formação com a realidade das escolas é apontada como fundamental para compreender as diversas realidades educacionais e as necessidades dos alunos, incluindo o uso adequado das tecnologias digitais.

Em suma, a formação de professores para a escola pública no Brasil enfrenta desafios complexos que demandam uma abordagem integrada, focada na atualização dos currículos, na melhoria dos estágios e na promoção de uma formação mais alinhada com as demandas reais da prática docente e das transformações na educação contemporânea.

É crucial que as instituições de ensino superior estejam engajadas nessa causa, pois são espaços de formação de profissionais e cidadãos conscientes e críticos. Em primeiro lugar, as universidades podem contribuir para combater a violência simbólica na escola através da formação de profissionais da educação sensibilizados para essas questões. É fundamental que os futuros professores e gestores escolares tenham a capacidade de identificar e intervir em situações de violência simbólica, promovendo um ambiente escolar mais inclusivo e respeitoso.

⁷⁹ Instituições Formadoras de Professores Primários: As Primeiras Escolas Normais do Brasil. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10181/28/27.pdf>. Acesso dia 15/de abril de 2024.

Nesse sentido, as universidades podem incluir em suas séries currículos disciplinas e atividades que abordem temas como diversidade, equidade, direitos humanos e combate ao preconceito.

As universidades têm um papel importante na produção e disseminação de conhecimento sobre a violência simbólica na escola. Por meio de pesquisas, estudos e publicações acadêmicas, é possível ampliar a compreensão dessa preocupação, identificar suas causas e consequências e desenvolver estratégias de prevenção e combate. Dessa forma, as universidades estão na vanguarda do enfrentamento da violência simbólica, fornecendo subsídios teóricos e práticos para a construção de políticas públicas e práticas pedagógicas mais inclusivas e igualitárias.

Outra forma pela qual as universidades podem atuar contra a violência simbólica na escola é por meio de programas de extensão e projetos comunitários. Ao estabelecer parcerias com escolas, ONGs e outras instituições, as universidades podem desenvolver ações educativas e de conscientização voltadas para alunos, professores, familiares e comunidade em geral. Essas iniciativas são propostas para a disseminação de valores de respeito, tolerância e empatia, promovendo uma cultura de paz e não violência nas escolas e na sociedade como um todo.

Além disso, as universidades podem oferecer e suporte aos treinamentos profissionais da educação que atuam no enfrentamento da violência simbólica. Por meio de cursos, workshops, seminários e outros eventos formativos, é possível atualizar e aprimorar as habilidades dos educadores para lidar com situações de discriminação, bullying, machismo, racismo, homofobia e outras formas de violência simbólica. Essa capacitação é essencial para que os profissionais da educação se sintam preparados e seguros para agir de forma ética e eficaz diante de conflitos e desafios no ambiente escolar.

Ademais, as universidades, públicas e privadas, podem atuar como espaços de diálogo e debate sobre a violência simbólica na escola, promovendo eventos, palestras, mesas-redondas e outras atividades que estimulam a reflexão crítica e a troca de

experiências entre estudantes, professores, pesquisadores e comunidade em geral. O debate sobre esse tema é fundamental para sensibilizar a sociedade e mobilizar esforços coletivos em prol da construção de uma cultura de respeito e valorização da diversidade. Nesse sentido, as universidades podem ser agentes de transformação social e de promoção dos direitos humanos e da igualdade.

A formação capenga de professores, muitas vezes por cursos à distância, sem o contato direto com os professores, muitas vezes a partir textos prontos nas plataformas e avaliações sem profundidade, refere-se à formação e preparação inadequadas. Esta questão é uma preocupação significativa no campo da educação, uma vez que a eficácia dos professores impacta diretamente a qualidade da educação que os alunos recebem.

Um fator que contribui para a formação inadequada de professores é a falta de padrões acadêmicos rigorosos nos programas de formação. Em muitos casos, os programas de formação de professores não preparam adequadamente os professores com os conhecimentos e competências necessários para serem educadores eficazes. Isso resulta em professores que podem ter dificuldades com a gestão da sala de aula, o planejamento das aulas e a avaliação dos alunos.⁸⁰

Outro fator que contribui para a formação de professores percebidos como ineficiente é a falta de experiência prática nas escolas. Muitos programas de formação de professores concentram-se principalmente no conhecimento teórico e não oferecem aos alunos oportunidades suficientes para praticar o ensino em ambientes reais de sala de aula. Esta falta de experiência prática pode fazer com que os professores se sintam despreparados e sobrecarregados quando ingressam no mercado de trabalho.

Além disso, o foco limitado na aprendizagem social e emocional nos programas de formação de professores que é percebida como incompleto. Os professores precisam estar equipados com as competências necessárias para apoiar o

⁸⁰Formação de professores no Brasil: características e problemas. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/R5VNX8SpKjNmKPxxp4QMt9M/>. Acesso dia 15 de abril de 2024.

desenvolvimento social e emocional dos seus alunos, mas muitos programas de formação de professores não abordam adequadamente este aspecto do ensino.

A falta de desenvolvimento e apoio profissional contínuos para os professores, uma vez ingressados no mercado de trabalho, também contribui para a formação de professores que é percebida como inadequada. O ensino é uma profissão complexa e exigente que exige aprendizagem e crescimento contínuos, mas muitos professores não recebem o desenvolvimento profissional e o apoio de que necessitam para melhorar a sua prática.

Quando os professores estão inadequadamente preparados, os alunos podem não receber o apoio e a instrução de que necessitam para terem sucesso acadêmico. Isto pode levar a um menor desempenho dos alunos e contribuir para as desigualdades educacionais.

No geral, a questão da formação de professores é um desafio significativo. que requer atenção e acção por parte dos decisores políticos, dos educadores e dos programas de formação de professores. Ao priorizar a formação de professores de qualidade, podemos ajudar a garantir que todos os alunos recebam a educação de alta qualidade que merecem.

Ressalto que em 2023, o CEF Telebrasilía recebeu 10 estagiandos do curso de Psicologia da UDF e 10 extensionistas dos cursos de Direito e Psicologia do UniCeub, contudo, não recebeu nenhuma oferta de parceria com pesquisadores da UNB.

O currículo implementado em muitas escolas públicas no Brasil está muitas vezes desatualizado e não proporciona aos alunos as competências do século XXI. Abordagens rígidas e padronizadas dificultam a criatividade, o pensamento crítico e as capacidades de resolução de problemas que são essenciais para que os alunos prosperem num cenário global em rápida evolução. Uma reforma curricular que priorize habilidades práticas, como alfabetização digital e empreendedorismo, é necessária para preparar os alunos para desafios e oportunidades futuras.

Muitas escolas carecem de comodidades básicas, como salas de aula adequadas, bibliotecas, laboratórios e instalações desportivas. Esta infraestrutura inadequada não só prejudica a experiência educacional geral, mas também compromete a segurança e o bem-estar dos alunos, perpetuando ainda mais as desigualdades educacionais.

A composição socioeconômica de uma escola pode influenciar significativamente a prevalência do preconceito e da violência. As áreas de baixa renda podem sofrer taxas mais altas de violência devido ao impacto da pobreza, recursos limitados e fatores psicológicos relacionados ao estresse. Formação insuficiente sobre diversidade, sensibilidade cultural, resolução de conflitos e inclusão práticas de ensino podem inadvertidamente perpetuar o preconceito e a violência nas escolas.

6.2 MOVIMENTO ESTUDANTIL, UMA POSSIBILIDADE VIÁVEL

Refletindo sobre o importante papel dos movimentos dos estudantes ao longo da história, tanto brasileira como de outros países, talvez seja a hora dos estudantes se movimentarem e exigirem, novamente, que os seus direitos sejam respeitados.

Incentivar o movimento estudantil nas escolas públicas é um passo crucial para capacitar os jovens a defenderem os seus direitos e a promoverem mudanças positivas no sistema educativo.

Os movimentos estudantis têm historicamente desempenhado um papel significativo ao chamar a atenção para questões importantes como o acesso à educação de qualidade, os direitos dos estudantes e a justiça social. Ao incentivar e apoiar iniciativas lideradas por estudantes nas escolas públicas, educadores e administradores podem promover um senso de ativismo, pensamento crítico e engajamento cívico entre o corpo discente.

Um dos movimentos estudantis mais notáveis no Brasil é o Movimento Passe Livre⁸¹, que surgiu em 2005 em resposta ao aumento das tarifas do transporte público. O movimento organizou protestos e manifestações pedindo tarifas gratuitas ou reduzidas para estudantes e pessoas de baixa renda. O Movimento Passe Livre obteve amplo apoio e foi fundamental na defesa do transporte público acessível nas principais cidades do Brasil.

Outro movimento estudantil significativo no Brasil é a UNE⁸² (União Nacional dos Estudantes), fundada em 1937 e desde então tem sido uma força motriz na defesa dos direitos dos estudantes e da reforma educacional no país. A UNE organizou protestos, greves e campanhas para abordar questões como acesso à educação, moradia estudantil e qualidade da educação.

Uma forma de incentivar um movimento estudantil em um ambiente público escolar é criar um ambiente de apoio e inclusivo onde os alunos se sintam capacitados para expressar as suas opiniões e agir. Isto pode ser conseguido através da promoção de organizações estudantis, eventos que se concentrem em questões sociais e políticas.

Para incentivar o movimento estudantil nas escolas públicas, é essencial que educadores e administradores parem para ouvir as preocupações e ideias do corpo discente.

Os Movimentos Estudantes Brasil têm uma longa e rica história que remonta ao início do século XX. Estes movimentos desempenharam um papel crucial na formação

⁸¹ O **Movimento Passe Livre (MPL)** é um [movimento social](#) brasileiro que defende a adoção da [tarifa zero](#) para [transporte coletivo](#). O movimento foi fundado em uma plenária no [Fórum Social Mundial](#) em 2005, em [Porto Alegre](#), e ganhou destaque ao participar da organização, em 2013, dos primeiros protestos em São Paulo por causa do aumento da tarifa de ônibus, que culminaram em protestos por todo país após o aumento da repressão policial contra manifestantes e jornalistas.^[1] Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_Passe_Livre. Acesso dia 07 de abril de 2024.

⁸²**UNE** (União Nacional dos Estudantes). Disponível em: <https://www.une.org.br/>. Acesso dia 07 de abril de 2024.

do cenário político do país, defendendo a justiça social, a reforma educativa e os direitos dos estudantes. a atividade desenvolvida pelo movimento estudantil é de suma importância para o direcionamento político e da educação no país, como também para a universidade, pois sua participação promove um amadurecimento político em seus estudantes que se reflete na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.⁸³

Além disso, as escolas podem orientar os estudantes, celebrando e reconhecendo as conquistas dos ativistas estudantis. Ao destacar o impacto positivo das iniciativas lideradas pelos estudantes, as escolas podem inspirar outros estudantes a envolverem-se e a fazerem a diferença nas suas próprias comunidades. Isso pode ajudar a criar um senso de impulso e solidariedade dentro do corpo discente, levando a um movimento estudantil mais coeso e eficaz.

Incentivar um movimento estudantil na escola pública não é benéfico apenas para os próprios alunos, mas também para a comunidade escolar como um todo. Ao incentivar os alunos a assumirem um papel ativo na definição da sua experiência educativa e na defesa dos seus direitos, as escolas podem criar um ambiente de aprendizagem mais democrático e inclusivo. Isto pode ajudar a promover um sentimento de pertença, capacitação e responsabilidade social entre os estudantes, levando a resultados positivos tanto para os indivíduos como para a comunidade.

Nos últimos anos, os movimentos estudantis no Brasil ganharam destaque por seu ativismo e esforços de mobilização em resposta a políticas governamentais e questões sociais.

Os movimentos estudantis no Brasil também têm sido críticos no desafio às políticas governamentais e na defesa de medidas sociais. justiça. Nos últimos anos, os estudantes mobilizaram-se contra os cortes no financiamento da educação, as ameaças à liberdade acadêmica e os ataques às comunidades marginalizadas. Esses

⁸³ IV Jornada de Didática III Seminário de Pesquisa do CEMAD. Disponível em: <https://www.uel.br/eventos/jornadadidatica/pages/arquivos/IV%20Jornada%20de%20Didatica%20Docencia%20na%20Contemporaneidade%20e%20III%20Seminario%20de%20Pesquisa%20do%20CEMAD/MOVIMENTO%20ESTUDANTIL%20ASPECTOS%20HISTORICOS%20E%20A%20ATUACAO%20POLITICA%20NA%20UNIVERSIDADE%20ESTADUAL%20DE%20LONDRINA.pdf>. Acesso dia 15 de abril de 2024.

movimentos têm sido fundamentais para aumentar a conscientização e mobilizar apoio para políticas progressistas e mudanças sociais.

A recente onda de movimentos estudantis no Brasil pode ser atribuída a uma combinação de fatores, incluindo a ascensão das mídias sociais, o aumento consciência política entre os jovens e preocupações crescentes sobre a desigualdade e a injustiça social. As plataformas de mídia social têm desempenhado um papel crucial na mobilização de estudantes e na organização de protestos e manifestações, tornando mais fácil para os jovens se conectarem e coordenarem seus esforços, o que não era possível antes da tecnologia.

No entanto, os movimentos estudantis no Brasil continuam a enfrentar desafios, incluindo repressão governamental, falta de recursos e divisões internas. O governo respondeu frequentemente aos protestos estudantis com violência e repressão, resultando em detenções, feridos e mortes. Além disso, os movimentos estudantis têm lutado para manter a dinâmica e a unidade, enfrentando divisões internas e interesses conflitantes.

Bourdieu foi um defensor ferrenho dos movimentos estudantis na França durante a década de 1960. O seu trabalho como “defensor” dos movimentos estudantis resultou da sua crença no poder da ação coletiva para desafiar as estruturas de poder estabelecidas e provocar mudanças sociais.

O seu envolvimento com movimentos estudantis estava profundamente enraizado em seu referencial teórico, que se concentrava no conceito de capital cultural e nas formas pelas quais a desigualdade social é perpetuada através das instituições educacionais.

Bourdieu via os movimentos estudantis como um meio de desafiar este sistema e criar espaço para que vozes e perspectivas alternativas fossem ouvidas. Uma das principais contribuições de Bourdieu para os movimentos estudantis na França foi sua ênfase na importância do poder simbólico e capital cultural na formação das relações sociais. Argumentou que as classes dominantes na sociedade exerciam o seu capital

cultural para manter a sua posição de privilégio, ao mesmo tempo que marginalizavam e excluíaam aqueles que não tinham os mesmos recursos culturais. Ao apoiar os movimentos estudantis, Bourdieu procurou capacitar os estudantes para desafiarem as normas culturais dominantes e defenderem a mudança social.

O apoio de Bourdieu aos movimentos estudantis foi, portanto, motivado pelo seu desejo de criar um sistema educacional mais democrático e inclusivo, que valorizasse a diversidade e promovesse a mobilidade social.

Concluindo, Pierre Bourdieu desempenhou um papel crucial como "defensor" dos estudantes movimentos na França durante a década de 1960. As suas percepções teóricas e o seu compromisso com a justiça social informaram o seu apoio ao ativismo estudantil, e a sua defesa ajudou a amplificar as vozes dos estudantes marginalizados e a desafiar o status quo. O trabalho de Bourdieu foi marcado pelo seu rigor intelectual, pelo seu compromisso com a mudança social e pela sua vontade de desafiar estruturas de poder entrincheiradas. O legado de Bourdieu como defensor dos movimentos estudantis na França continua a ressoar hoje, inspirando futuras gerações de ativistas a lutar por uma sociedade mais justa e equitativa.

6.3 Caminhando para uma possível conclusão (ou não)

A pesquisa não se extingue a partir dessa conclusão, mas inicia-se na análise dos fatores que levam profissionais da educação a praticarem a violência simbólica nos espaços da escola pública, muitas vezes conscientes e outras inconscientemente, bem como, ao final da pesquisa a proposição de diálogos e formações sobre o importante papel do professor no rompimento da prática e da manutenção da violência simbólica.

Penso que este capítulo não se trata de uma conclusão, findada, acabada, mas de um início de questionamentos mais aprofundados sobre a prática da violência

simbólica na escola. Sobretudo, iniciar formações mais densas e urgentes para os profissionais da escola.

Como iniciante no campo da pesquisa científica, percebo o quão urgente é investir pesadamente neste tema e levar sugestões de ações para profissionais da educação sobre formações, debates e reflexões sobre os conceitos que Pierre Bourdieu, ao longo de suas pesquisas, fazem-se necessários se revisitados pela educação.

Ao responder o objetivo principal da pesquisa, em compreender e analisar como a violência simbólica atravessa a prática de professores, percebo que a hipótese levantada que os professores não têm formação adequada sobre os Direitos Humanos fica evidente, assim como muitos praticam a violência inconscientes de que a praticam.

Primeiramente, foi crucial estabelecer uma base sólida de conhecimento e compreensão prévia do contexto da entrevista. Antes de iniciar a análise, me certifiquei de estar totalmente familiarizada com os detalhes que envolvem a situação, como o tema da entrevista, as partes envolvidas e as circunstâncias em que foi realizada. Isso me ajudou a criar um referencial sólido para interpretação dos dados.

A ilusão de liberdade nas escolas públicas é perpetuada através da violência simbólica, que serve para limitar a autonomia dos alunos. Ao compreender os mecanismos através dos quais a violência simbólica opera, podemos trabalhar no sentido de criar um sistema educativo mais emancipatório que promova o pensamento crítico, a criatividade e a auto-expressão entre os alunos. É essencial que os educadores, os decisores políticos e a sociedade como um todo reconheçam as formas como a violência simbólica restringe a liberdade dos estudantes e trabalhem no sentido de dismantelar estes sistemas opressivos, a fim de criar um sistema escolar público mais justo e equitativo.

A presença de professores violentos que permanecem inconscientes dos seus comportamentos violentos nas escolas representa um grave problema, ameaça ao ambiente de aprendizagem. No entanto, com a implementação adequada de

programas de formação de professores, mecanismos de notificação claros, colaboração entre as partes interessadas, processos de formações e a integração da aprendizagem socioemocional, é possível criar um ambiente educativo seguro e estimulante onde todos os alunos possam prosperar.

A violência simbólica nas escolas pode assumir muitas formas, incluindo, mas não se limitando a práticas discriminatórias, currículo tendencioso e tratamento desigual dos alunos com base em seu status social ou origem. Um professor que atribui consistentemente notas mais altas a alunos oriundos de meios privilegiados, ao mesmo tempo que ignora o desempenho dos alunos de grupos marginalizados, e muitas vezes o fazem sem saber o que realmente estão fazendo, uma forma inconsciente de manter a exclusão social. Estudantes oriundos de meios marginalizados podem encontrar textos e materiais que reforçam estereótipos negativos sobre as suas comunidades, levando a sentimentos de marginalização e alienação.

O uso de linguagem depreciativa ou calúnias contra determinados grupos de estudantes pode criar um ambiente hostil que marginaliza e aliena esses indivíduos. Este tipo de violência simbólica pode ter efeitos psicológicos duradouros nos alunos e contribuir para um clima escolar negativo.

Apesar dos numerosos desafios e obstáculos que os alunos podem enfrentar ao tentar combater a violência simbólica em escola, existem estratégias e recursos que podem ajudar a aliviar parte da carga e fornecer apoio. Construir alianças com pares que pensam da mesma forma e que partilham um compromisso com a justiça social e a igualdade pode criar um sentido de comunidade e solidariedade que pode reforçar a determinação e a resiliência dos alunos.

Procurar professores, conselheiros ou administradores que o apoiem e estejam dispostos a ouvir e agir também pode fornecer a validação e o incentivo necessários para os alunos que lutam contra a violência simbólica.

Além disso, envolver-se no ativismo e na defesa de direitos tanto dentro como fora da comunidade escolar pode ajudar a amplificar as vozes dos alunos e chamar a atenção para as questões de violência simbólica que enfrentam. Ao organizar protestos, escrever artigos ou participar em eventos comunitários, os estudantes podem sensibilizar e mobilizar apoio para a sua causa. O poder da ação coletiva e da solidariedade não pode ser subestimado quando se trata de desafiar sistemas enraizados de desigualdade e opressão.

Concluindo, a violência simbólica nas escolas é uma questão generalizada e insidiosa que requer atenção cuidadosa e medidas proativas, necessário endereçar o problema. Ao reconhecer as formas como as dinâmicas de poder são reforçadas através de símbolos, linguagem e normas culturais, os educadores podem trabalhar no sentido de criar um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e equitativo para todos os alunos.

Em última análise, a luta contra a violência simbólica no ambiente escolar não pode ser vencida por um único indivíduo agindo sozinho. Requer um esforço coletivo e um compromisso partilhado para desmantelar sistemas de poder e privilégios que perpetuam a injustiça e a desigualdade. Ao trabalharem em conjunto, os alunos podem criar um ambiente escolar mais inclusivo e equitativo, onde todos os indivíduos são valorizados e respeitados, independentemente da sua origem ou identidade. A luta pode ser longa e árdua, mas o potencial para mudanças positivas e transformação social vale bem o esforço.

No entanto, esta pesquisa não se trata apenas de trazer o conceito de violência simbólica, referenciais teóricos e observações da realidade, trata-se de nos questionar sobre o corporativismo que existe na classe de professores e o receio de tratarmos de um tema tão necessário e urgente. Por que temos, enquanto academia na área da pesquisa, falar e expor o fato de que as violências não são cometidas apenas pelos estudantes em seus momentos de explosão, mas de profissionais despreparados para estarem em uma sala de aula com crianças e adolescentes na escola pública?

Esta estagnação na abordagem da violência simbólica nas escolas perpetua um ciclo de marginalização e exclusão que impede o progresso social e perpetua o status quo. Para abordar a violência simbólica nas escolas, é essencial que educadores examinem criticamente a dinâmicas de poder subjacentes e estruturas sociais que contribuem para a perpetuação da violência. Isto requer um compromisso com a equidade e a justiça social em todos os aspectos das práticas escolares, incluindo o desenvolvimento curricular, as políticas disciplinares e a formação de professores.

O impacto da violência simbólica nas escolas é muito grande e pode ter um impacto duradouro na vida dos alunos. A investigação demonstrou que os alunos que sofrem violência simbólica têm maior probabilidade de se desligarem da escola, apresentam menor desempenho escolar e apresentam taxas mais elevadas de abandono escolar. Isto pode perpetuar um ciclo de pobreza e desigualdade que tem implicações de longo alcance para a sociedade como um todo.

Ao desafiar ativamente os estereótipos e preconceitos, promover a diversidade e a inclusão e criar um ambiente de aprendizagem favorável e capacitador para todos os alunos, as escolas podem começar a dismantelar os sistemas de violência simbólica que perpetuam a desigualdade e a injustiça. É crucial que as escolas se envolvam num diálogo e reflexão contínuos sobre questões de poder e privilégios, a fim de criar um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e equitativo.

Isto requer um compromisso com a competência cultural e a humildade por parte dos educadores e administradores, bem como uma vontade de ouvir e aprender com as experiências dos estudantes marginalizados.

A pesquisa demonstrou que os estudantes marginalizados, como os provenientes de meios de baixos rendimentos ou de grupos minoritários, estão desproporcionalmente sujeitos a medidas disciplinares severas, tais como suspensões ou expulsões. Estas medidas punitivas não só perpetuam os desequilíbrios de poder existentes, mas também contribuem para o ciclo de marginalização e exclusão que muitos estudantes enfrentam no sistema escolar.

Como retorno à escola dos resultados da minha pesquisa, darei como sugestão a escola avaliar regularmente as suas estratégias e intervenções de prevenção para garantir a sua eficácia. Ao analisar dados, buscar feedback de alunos e funcionários e fazer os ajustes necessários, as instituições educacionais podem melhorar continuamente seus esforços. Investimento em formações não é desperdício de tempo!

7. BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, C. R. S.; PETRAGLIA, I. (orgs). Edgar Morin: Ética, Cultura e Educação. Ed. Cortez, São Paulo: 2003.

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Sueli Conceição; Pólen, 2019. P. 13.

ARENDT, Hannah. Origens do totalitarismo - Antissemitismo, Imperialismo, Totalitarismo. Tradução Roberto Raposo. Companhia das Letras, 1990.

BERNARDETE, A. Gatti. Formação de professores no Brasil: Características e problemas. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/R5VNX8SpKjNmKPxxp4QMt9M/?format=pdf&lang=pt>. Acesso dia 15 de abril de 2024.

BOURDIEU, P. A economia das trocas simbólicas. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.

BOURDIEU, P. A distinção: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2006.

BOURDIEU, P. A dominação masculina. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOURDIEU, P. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J.-C. Os herdeiros: os estudantes e a cultura. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J.-C. A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Ed. Vozes. 7ª ed. 2014.

BOURDIEU, P.; CHAMPAGNE, P. Os excluídos do interior. In: BOURDIEU, P. (coord.). *A miséria do mundo*. Trad. M. S. S. Azevedo et al. 4. ed. Petrópolis: Vozes, p. 481-486, 2001.

BICALHO, Nair. CIDADANIA PLANETÁRIA: UM PROJETO PLURAL, SOLIDÁRIO E PARTICIPATIVO. UNB. 2003.

CARVALHO, R. E. Removendo barreiras para a aprendizagem: educação inclusiva. Porto Alegre: Mediação, 2004b.

CARVALHO, R. E. Temas em educação especial. Rio de Janeiro: WVA, 2003.

CARVALHO, R. E. Educação inclusiva: com os pingos nos "is". Porto Alegre: Mediação, 2004

COLLINS, Patricia Hills. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Nova Iorque: Routledge, 2001.

DAL-FORNO, J. P. Imaginários e saberes docentes na escola inclusiva: um estudo dos processos de formação e autoformação. 2005. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2005.

DEMO, Pedro. Pesquisa e informação qualitativa. Aportes metodológicos. Campinas: SP. Papyrus, 4º ed. 2009.

DEMO, Pedro. Gestão Escolar e Formação de Gestores. Em aberto, v. 19, número 75, p. 148-150, julho de 2002. Brasília, DF.

DEMO, P. Pesquisa qualitativa. Busca de equilíbrio entre forma e conteúdo. Rev.latino-am.enfermagem, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 89-104, abril de 1998.

DEMO, Pedro. Ensaio 787 – Direitos Humanos iguais e diversos, 2022. <https://pedrodemo.blogspot.com/2022/03/ensaio-787-direitos-humanos-iguais-e.html>. Acesso em 29/06/202.

DEWEY, J. Democracia e educação : introdução à filosofia da educação. 4ª. Ed., Cap. 7, São Paulo. Cia. Ed. Nacional, 1979 (p. 87-107).

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, Lei nº 8.069 de 13/07/1990. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/busca?q=art.+53+do+estatuto+da+crian%C3%A7a+e+do+adolescente+-+lei+8069%2F90>. Acesso dia 30 de dez de 2023.

EWALD, A. P.; **GUIMARÃES**, Aurea Domingues; **SOBREIRA**, Carolina Bragança. Propaganda de medicamentos: a medicalização da sociedade através do consumo. Disponível em: http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/Propaganda_De_Medicamentos:_a_medicaliza%C3%A7%C3%A3o_da_sociedade_atrav%C3%A9s_do_consumo

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 45 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

_____. Pedagogia do Oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P; **SERRES**, M: Aproximações interdisciplinares em diálogos a duas casas — Humberto Calloni. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

FOUCAULT, M. “Os corpos dóceis”. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 29ª ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004a, p. 125-52.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir, história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes. 1991.

FOUCAULT, Michel. O nascimento da clínica. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

FOUCAULT, Michel. Os anormais. São Paulo: Martins Fontes. 2002. **FOUCAULT**, Michel. Microfísica do poder. 28 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I, a vontade de saber. v.1. Rio de Janeiro: Graal. 4.ed. 1980.

HABERMAS, e a educação. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/habermas-e-a-educacao/>. Acesso dia 17 de abril de 2024.

HARGREAVES, Andy. O ensino na sociedade do conhecimento. A educação na era da insegurança. Porto: Porto Editora, 2003.

ILLICH, I. A expropriação da saúde: nêmesis da medicina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

KUNC, Thomas H. 2010. Instituições, Voz Política e Atraso Educacional no Brasil, 1930-1964, Dissertação de Mestrado – Economia, Universidade de São Paulo.

KUNC, Thomas S. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo, Editora Perspectiva, 1992.

LEAL, B. de L. A. Língua e fascismo: Configurações do olhar barthesiano. ALFA: Revista de Linguística, São Paulo, v. 65, 2021. DOI: 10.1590/1981-5794-e12459. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/12459>. Acesso em: 17 abr. 2024.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN nº 9.394/96. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 16/04/2022.

LIBÂNEO, J. C. Pedagogia e pedagogos...Educar, Curitiba, n. 17, p. 153-176. 2001. Editora da UFPR. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/xrmzBX7LVJRY5pPjFxxQgnS/?format=pdf>. Acesso em 30 de dez de 2023.

GOFFMAN, Erving. Manicômios, prisões e conventos. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1961.

GOMES, C. A. A escola de qualidade para todos: abrindo as camadas da cebola. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, v. 13, n. 48, p. 281-306, jul./set. 2005. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362005000300002>

GADOTTI, Moacir. Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

GOMES, N.L. (Org). Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei 10.639/2003. Brasília: MEC, UNESCO, 2012.

MATURANA, Humberto. A ontologia da realidade. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

MORAES, Márcia Oliveira. O conceito de rede na filosofia mestiça. Revista Informare, v. 6, n. 1, p. 12-20, 2000.

MATURANA, Humberto. A ontologia da realidade. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

MORAES, Márcia Oliveira. O conceito de rede na filosofia mestiça. Revista Informare, v. 6, n. 1, p. 12-20, 2000.

MORAN, José Manuel; José Manuel. Como transformar nossas escolas novas formas de ensinar a alunos sempre conectados. In: Educação 3.0: Novas perspectivas para o Ensino. CARVALHO, M. (Org). Como transformar nossas escolas. Novas formas de ensinar a alunos sempre conectados. Porto Alegre, Sinepe/RS/Unisinos, 2017. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2017/08/transformar_escolas.pdf. Acesso em: 10 jul. 2022.

MORIN, Edgar. A via para o futuro da humanidade. Rio de Janeiro: Bertrand. Brasil, 2013. Desafios da educação em tempos de pandemia / organizadores: Janete Palú, Jenerton Arlan Schütz, Leandro Mayer. - Cruz Alta: Ilustração, 2020.

MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento complexo. 5ed. Tradução de Elaine Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2015. A cabeça bem feita: repensar a reforma/Repensar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

Movimentos Estudantis no Brasil. Disponível em: <https://www.politize.com.br/movimento-estudantil/>. Acesso dia 07 de abril de 2024.

PETRAGLIA, Izabel. Pensamento complexo e educação. São Paulo: 1º ed. Livraria da Física, 2013.

PETRAGLIA, I. C. A Educação e a Complexidade do Ser e do Saber. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PETRAGLIA, Izabel. “Olhar sobre o olhar que olha”: complexidade, holística e educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

PERISSINOTTO, R. História, sociologia e análise do poder. Revista História Unisinos, Rio Grande do Sul, v. 11, n. 3, p.313-320, 2007.

RIBEIRO, D. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento; 2017. (Feminismos plurais).

Regimento da rede pública de Ensino do Distrito Federal. Disponível em: <https://www.educacao.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2017/08/Regimento-SEEDF-COMPLETO-FINAL.pdf>. Acesso em: 15/04/2022.

Rev. Sem Aspas, Araraquara, v.6, n.1, p. 3-12, jan./jun. 2017. e-ISSN 2358-4238 DOI: 10.29373/semaspas.v19n1.2017.9933. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/semaspas/article/view/9933>. Acesso dia 03 de jan de 2024.

ROSENBERG, Marshall B. Comunicação não violenta. Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais Editora Ágora. Acesso: https://books.google.com.br/books/about/COMUNICACAO_NAO_VIOLENTA.html?id=2HGf_uVBEQC&printsec=frontcover&source=kp_read_button&redir_esc=y#v=onepage&f=false. Acesso em: 30/06/2022.

SAVIANI, Dermeval. Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política! Dermeval Saviani.- 32. ed.- Campinas, SP: Autores Associados, 1999. Coleção polêmicas do nosso tempo.

SERRES, Michel. Narrativas do humanismo. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

_____. Luzes: cinco entrevistas com Bruno Latour. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Unimarco. Editora, 1999.

_____. O terceiro instruído. Trad. Serafim Ferreira. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

_____. Polegarzinha. Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SAVIANI, Dermeval. Pedagogia histórica - crítica: primeiras aproximações/ - 11.ed. rev. -- Campinas, SP: Autores Associados. 2011. — (Coleção educação).

SZASZ, Thomas. A fabricação da loucura: Um estudo comparativo entre a Inquisição e o movimento de Saúde Mental. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara S.A., 1971, p. 135.

SOUSA. Santos. Boaventura. CORTEZ EDITORA. — Perdizes — São Paulo – SP. Impresso no Brasil - fevereiro de 2008

THEODORO, Mário. A sociedade desigual: Racismo e branquitude na formação do Brasil. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

THOMPSON, John B. Ideologia e cultura moderna: teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9. Ed.- Petrópolis. RJ: Vozes, 2011.

WATANABE, Tsutaka. Papel do regimento escolar na organização e funcionamento da escola pública. 1999. 654 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

WACQUANT, L. Poder simbólico e fabricação de grupos: como Bourdieu reformula a questão das classes. Novos Estudos-CEBRAP, São Paulo, n. 96, p. 87-103, 2013.

WEREBE, Maria José Garcia. Grandezas e misérias do ensino brasileiro. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963.